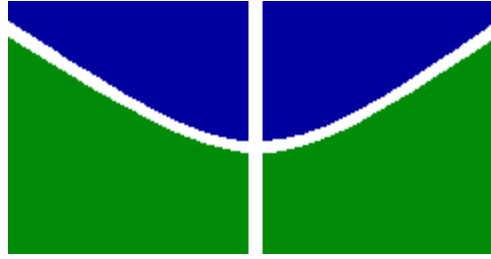


**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA**

**GÊNERO E GERAÇÃO: PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS NA CONDIÇÃO
FEMININA**

DANUSA SILVA RAMOS

Novembro 2011



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA**

DANUSA SILVA RAMOS

**GÊNERO E GERAÇÃO: PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS NA CONDIÇÃO
FEMININA**

Orientadora: Profa. Gláucia Ribeiro Starling Diniz, PhD

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Instituto de Psicologia da
Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em

Psicologia

Apoio: CNPq

Novembro de 2011

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA

GÊNERO E GERAÇÃO: PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS NA CONDIÇÃO FEMININA

Banca Examinadora:

Presidente: Professora Dra. Gláucia Ribeiro Starling Diniz, PhD

Membro Externo: Professora Dra. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Membro Interno: Professora Dra. Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke

Membro Suplente: Professora Dra. Vera Lúcia Decnop Coelho

Novembro 2011

À minha mãe (in memoriam), ao meu pai, minhas irmãs e irmãos que sempre me apoiaram em tudo, à minha orientadora Profª Gláucia Diniz pela paciência e dedicação.

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo I- Artigo 1: A Percepção De Mulheres De Três Gerações Sobre Ser Mulher ...	14
1. As Condições Femininas Construídas Historicamente e Suas Transformações	15
2. As Transformações da Condição Feminina	17
3. A Construção da Identidade Feminina e a Transmissão dos Papéis de Gênero nas Famílias..	19
.....	19
4. Metodologia.....	20
5. Resultados e Discussões.....	23
6. Considerações Finais	33
Capítulo II - Artigo 2: Vida Familiar Na Perspectiva De Três Gerações De	
Mulheres	36
1. As Transformações no Conceito de Família e as Mudanças nos Papéis Femininos no Meio	
Familiar.....	37
2. A Transmissão Transgeracional e a construção da dinâmica familiar	40
3. Metodologia.....	42
4. Resultados e Discussões.....	45
5. Considerações Finais.....	56
Capítulo III - Artigo 3: Gênero E Conjugalidade Em Uma Perspectiva	
Transgeracional	59
1. Conjugalidade: Do Modelo Antigo de Amor Romântico à Influência da Contemporaneidade	
das Relações	60
2. Gênero e Sua Influência no Exercício da Conjugalidade	62
3. Velhos e Novos Modelos de Conjugalidade: O Papel da Transgeracionalidade	63
4. Metodologia.....	66
5. Resultados e Discussões.....	69
6. Considerações Finais.....	77
Capítulo IV - Artigo 4: Dimensões Da Maternidade E A Percepção De Mulheres Acerca	
Do Papel Materno	80
1. Breve Contextualização Histórica das Questões em Torno da Maternidade	81
2. Novas Configurações de Família e Novas Formas de Exercício da Maternidade.....	83
3. Metodologia.....	85
4 Resultados e Discussões.....	88
6. Considerações Finais.....	91

Capítulo V - Artigo 5: Trabalho, Projeto De Vida, Independência: Desafios Vividos Por Três Gerações De Mulheres	92
1. A Importância do Trabalho Feminino e a Perspectiva de Gênero na Contextualização da Força de Trabalho Feminina	93
2. Perspectivas Acerca do Trabalho Feminino Remunerado – Desafios e Dilemas Vividos por Mulheres	94
3. O Trabalho Doméstico e os Desafios Impostos às Mulheres que Lidam com Demandas Profissionais e Familiares	98
4. Metodologia.....	100
5. Resultados e Discussões.....	102
6. Considerações Finais.....	120
Conclusão	123
Referências	129
Anexos	135
Anexo A: Aprovação Do Comitê De Ética Em Pesquisa	136
Anexo B: Questionário Demográfico	138
Anexo C: Entrevista Semi-Estruturada	139
Anexo D: Termo De Consentimento Livre Assistido E Esclarecido	143
Anexo E: Tabelas	145

GÊNERO E GERAÇÃO: PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS NA CONDIÇÃO FEMININA

Resumo: A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender a percepção que três gerações de mulheres de uma mesma família têm das mudanças e permanências que ocorreram na condição feminina naquela família e na sociedade em geral. Os objetivos específicos foram compreender a percepção de mulheres sobre diferentes âmbitos da vida feminina: papéis de gênero; vida familiar; conjugalidade; maternidade e trabalho/projeto de vida/ independência. A pesquisa teve caráter transgeracional e utilizou a metodologia qualitativa de estudos de caso múltiplos. A coleta de dados se deu através da realização de entrevistas individuais semi-estruturadas. Foram aplicados também questionários demográficos. Participaram da pesquisa nove mulheres, avó, mãe e neta de três famílias do Distrito Federal. As participantes relataram perceber que apesar de ainda se manterem papéis tradicionais femininos nas relações conjugais, familiares e no âmbito do trabalho, houve transformações na condição feminina que permitiram a elas incorporar novos papéis ao universo feminino.

Palavras-chave: gênero; geração; condição feminina; papéis de gênero; transgeracionalidade

GENDER AND GENERATION: CONTINUITIES AND CHANGES IN THE FEMININE CONDITION

Abstract: This research aimed to understand the general perception that three generations of women from the same family have about changes and continuities that occurred in the feminine condition in that family and in society in general. The specific objectives to understand the perception of women about different aspects of female life: gender roles, family life, marital life, maternity and work/ life project / independence. It was a transgenerational study that applied a qualitative methodology of multiple case studies. Data collection was done by using semi-structured individual interviews. A demographic questionnaire was also applied. Women participated in the study - , grandmother, mother and granddaughter of three families of the Federal District. Participants reported that despite the presence of traditional female gender roles in marital and family relations and in the work place, there were changes in the status of women that allowed them to incorporate new roles to the feminine world.

Keywords: gender; generation; feminine condition; gender roles; transgenerational transmittion

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa de mestrado teve como tema as mudanças e permanências na condição feminina, sob o enfoque de gênero e geração. O interesse por esse tema surgiu primeiramente da experiência da pesquisadora em ser mulher em um contexto social predominantemente masculino e machista. Criada em cidade nordestina sob os preceitos culturais tradicionais da região, vivenciou situações em que o questionamento da ordem social vigente e dos papéis incumbidos às mulheres esteve presente e se fez marcante.

O ingresso na universidade e posteriores experiências em estágio com famílias e pesquisa sobre conjugalidade foram fundamentais na decisão de buscar aprofundamento maior nesse tema. Nesse período, os relatos de mulheres sobre os aspectos da condição feminina nos âmbitos do trabalho, família, conjugalidade e maternidade presenciados no estágio, bem como a pesquisa realizada despertaram não só a vontade de estudar a condição feminina, mas também abriram portas para mais questionamentos. Surgiu então a vontade de transformar essa inquietação em um trabalho acadêmico que inspire mais pessoas a debater e questionar a condição feminina.

A condição feminina é vista aqui sob a ótica de gênero. Essa categoria foi introduzida pela literatura feminista para debater o universo feminino. Soihet (2003) aponta que gênero, como categoria de análise, denota o caráter social e cultural que marca as diferenças e as relações sociais entre homens e mulheres.

No intuito de contextualizar essa discussão apresentamos um histórico breve dos movimentos sociais que permitiram discutir a condição feminina. Sabemos que os movimentos sociais que surgiram no final do século XIX e ganharam destaque ao longo do século XX tiveram um papel importante no debate da condição de mulheres no mundo. Dentre esses movimentos cabe destacar o movimento feminista por sua luta contra a discriminação e a opressão das mulheres e por suas ações para garantir seus direitos.

As feministas trouxeram, à luz da ciência, novos conceitos sobre o universo feminino. Entendemos que a condição feminina é determinada por múltiplos fatores que contribuem para o surgimento de várias experiências de ser mulher. Assim, devemos entender que não cabe a universalização da experiência feminina, seja na

ciência, seja na sociedade. Moore (2000) destaca a importância de se levar em consideração a pluralidade das vivências em ser mulher.

Nessa pesquisa procuramos abordar alguns aspectos desse pluralismo do universo feminino. Os papéis de gênero, como importantes aspectos da vida feminina que foram estudados aqui, são aprendidos e transmitidos para futuras gerações. Estudos sobre a interação entre gênero e geração apontam que os papéis sociais são definidos culturalmente e passados transgeracionalmente. Nossa pesquisa teve como foco compreender como os papéis femininos sofrem mudanças ao longo do tempo e de acordo com as transformações que a família vem passando. Oliveira (2005) aponta essas transformações na condição feminina que abarcam novos papéis da mulher no meio familiar, no trabalho, enfim, na sociedade em geral. As gerações futuras são afetadas pela postura e atitude das gerações anteriores; aprendem com elas e podem ou não repetir o seu modelo. Por isso faz-se mister compreender a percepção de mulheres de três gerações de uma mesma família acerca da realidade feminina e dos papéis de gênero.

Esses papéis são aprendidos no seio da família. Por isso a família é outro aspecto importante que essa pesquisa visa tratar. O meio familiar é onde ocorrem as principais trocas afetivas entre os seus membros. As famílias têm seu papel de transmissoras de ideologias, por isso consideramos importante aqui levar em conta o papel da transgeracionalidade ao longo da história das famílias entrevistadas.

É nesse nicho familiar que se aprendem os rituais, valores e atribuições do que é ser mulher, homem, mãe, esposa, esposo, enfim, os principais papéis que nos definem como pessoas. É nesse contexto que constituímos nossa individualidade. Chodorow (1979), em um estudo feito sobre os papéis femininos, argumenta que os papéis femininos e masculinos exercidos no contexto familiar são passíveis de reprodução em cada geração da família e as mulheres, figuras principais na educação dos filhos, seriam as agentes da transmissão desses papéis.

A conjugalidade é uma das esferas da condição feminina que também foi investigada. O papel de esposa é um aspecto importante na identidade de mulheres; ele é aprendido no meio familiar. As atribuições da esposa, ou seja, aquilo que é esperado de mulheres é marcado pelas diferenças de gênero e é transmitido para outras gerações. A modernidade trouxe novas configurações de família em que a conjugalidade é exercida de forma mais flexível, abarcando novos papéis femininos (Hintz, 2007). Esses novos padrões de papéis femininos não só afetam a forma de ser mulher, de ser esposa, mas também a forma de ser mãe.

A mulher, na visão tradicional era colocada no papel exclusivo de mãe e esposa. Suas atribuições estavam atreladas a funções de cuidadora e mantenedora do lar. (Del Priore, 1993). As transformações que ocorrem na família moderna, influenciadas pelas lutas e conquistas das feministas abarcam o debate sobre o direito de mulheres de controle do próprio corpo, da sexualidade e da reprodução. As famílias estão cada vez menores, o papel materno está acompanhado de outros papéis como o de provedora, trabalhadora, e muitas mulheres têm se permitido optar por não exercer a maternidade.

A presente pesquisa também se propôs a debater a questão do trabalho feminino remunerado e não-remunerado. O aumento do número de mulheres trabalhadoras formais provocou questionamentos em torno da divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres na sociedade. Esse processo de reflexão também tem um viés feminista. Diferentes pesquisas sobre o trabalho feminino vêm sendo realizadas. Podemos citar autoras como Costa (2009); Cruz (2005); Diniz (1999; 2004); Diniz e Perlin (2005) e Piscitelli (2004) que apontam para os diversos dilemas e desafios vividos por mulheres que decidem combinar vida familiar e trabalho. Dada a relevância da questão, ela foi incluída como um dos objetivos desta dissertação.

Pensar os obstáculos e transformações pelas quais as mulheres brasileiras atravessam no exercício de sua cidadania é, portanto, uma questão fundamental. O Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) e a ONG Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação (Cepia) se uniram no ano de 2006 para elaborar uma série de pesquisas e artigos que visam pensar os efeitos das políticas públicas voltadas para a redução das diferenças de gênero na vida social das mulheres brasileiras. (UNIFEM, 2006). Iniciativas como essa são muito relevantes para expandir não só o debate sobre a condição feminina, como também para promover a ampliação de ações políticas que resultem em melhorias tanto no âmbito do trabalho quanto nas demais esferas da vida de mulheres.

Essa pesquisa de mestrado buscou também contribuir para a produção de conhecimento nesse campo de estudo. Seu objetivo geral foi compreender a percepção que três gerações de mulheres de uma mesma família têm das mudanças e permanências que ocorreram na condição feminina naquela família e na sociedade em geral. Os objetivos específicos foram divididos em cinco tópicos que buscaram trazer a percepção de mulheres sobre diferentes âmbitos da vida feminina:

- 1º. Entender mudanças e permanências no âmbito dos papéis de gênero;
- 2º. Entender mudanças e permanências no âmbito da vida familiar;

- 3°. Entender mudanças e permanências no âmbito da conjugalidade;
- 4°. Entender mudanças e permanências no âmbito da maternidade;
- 5°. Entender mudanças e permanências no âmbito do trabalho/projeto de vida/independência.

A pesquisa, por ser de caráter transgeracional, levou à escolha da metodologia qualitativa de estudos de caso múltiplos. A coleta de dados foi possível mediante a realização de entrevistas individuais semi-estruturadas com três mulheres de gerações diferentes de três famílias. Foram aplicados também questionários demográficos. As entrevistadas foram contatadas por indicação de conhecidos e as entrevistas foram feitas nas casas das participantes em horários combinados com as mesmas.

As participantes foram mulheres de três famílias do Distrito Federal. Chamaremos as famílias de Família 1 (Avó 1, Mãe 1 e Neta 1); Família 2 (Avó 2, Mãe 2 e Neta 2) e Família 3 (Avó 3, Mãe 3 e Neta 3). Uma breve descrição das participantes é apresentada a seguir:

A Avó 1 tem 84 anos, é casada há 56 anos, teve 11 filhos, tem o primeiro grau completo e é costureira autônoma. A Mãe 1 tem 55 anos, é casada há 33 anos, tem 3 filhos (duas mulheres e um homem), possui 2º completo e é vendedora na empresa da família. A Neta 1 tem 23 anos, é solteira, estudante universitária e também ajuda a família na empresa.

A Avó 2 tem 62 anos, casada há 45 anos, 3 filhos (duas mulheres e um homem), tem o primário completo e trabalha na empresa familiar. A Mãe 2 tem 42 anos, foi casada por 22 anos, hoje é separada há quase 2 anos, tem 3 filhos (duas mulheres e um homem), possui o 2º grau e trabalha como comerciante/balconista. A Neta 2 tem 22 anos, e na época da entrevista estava casada há cinco meses, não tem filhos e é estudante universitária.

A Avó 3 tem 78 anos, é casada há 57 anos, teve 5 filhos (três mulheres e dois homens), é professora aposentada, cuida dos negócios da família junto com o marido. A Mãe 3 tem 55 anos, vive em união estável pelo tempo “de 10 a 12 anos”, teve 2 filhas do primeiro casamento e não tem filhos com o atual parceiro, tem ensino superior completo e é professora. A Neta 3 tem 34 anos, casada, tem uma filha e é estudante de doutorado.

A execução da pesquisa foi orientada por uma postura ética pautada nas diretrizes do Código de Ética por se tratar de pesquisa envolvendo seres humanos. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

Os resultados da pesquisa realizada serão apresentados em cinco artigos. Essa estratégia foi adotada no intuito de facilitar a divulgação do estudo em revistas indexadas da área de psicologia. Especificamos a seguir o conteúdo de cada um dos artigos:

O 1º. Artigo tem como objetivo mostrar a forma como três gerações de mulheres de uma mesma família (avó, mãe e neta) percebem as mudanças e permanências no âmbito da condição feminina. Apresentamos as reflexões das participantes em torno dos papéis femininos e da identidade feminina.

No 2º. Artigo buscamos compreender como as mulheres participantes percebem a dinâmica familiar e o lugar da mulher nessa dinâmica. Consideramos as percepções de três gerações de mulheres de uma mesma família sobre o olhar de gênero e transgeracionalidade.

O 3º. Artigo tem como objetivo entender as mudanças e permanências no âmbito da conjugalidade para as mulheres participantes. Foram considerados os aspectos transgeracionais na discussão das transformações da conjugalidade.

Procuramos no 4º. Artigo abordar a percepção que três gerações de mulheres de uma mesma família têm das mudanças e permanências no âmbito do exercício da maternidade. Os papéis femininos em relação à maternidade são analisados à luz da transgeracionalidade e gênero.

Por fim, no 5º. Artigo mostramos a percepção de mulheres de três gerações da mesma família acerca da condição feminina no âmbito do trabalho, projetos de vida e independência. Trataremos das especificidades do trabalho remunerado e do trabalho doméstico e os dilemas de mulheres de diferentes gerações em lidar com ambos os contextos.

Pretendemos, com essa pesquisa trazer contribuições para a compreensão das mudanças que estão ocorrendo na condição feminina, ao apontar alguns dos desafios e dilemas vividos por três gerações de mulheres. Entendemos ser necessário fortalecer no meio acadêmico, em especial no campo da psicologia clínica em sua interseção com a cultura, o debate em torno de pesquisas que tratem desses temas, devido à sua importância política, social, cultural. Compreender dimensões da condição feminina é tarefa fundamental para o desenvolvimento de ações de prevenção e promoção de saúde, tanto física quanto mental. Fica aqui o incentivo para que outras/os pesquisadoras/es desenvolvam mais pesquisas que diversifiquem esse campo do debate. Entendemos que essa não é uma questão que está esgotada, pois ainda há

muito que se discutir e trazer de novo para fomentar o debate em torno da situação de mulheres na família e na sociedade.

CAPÍTULO I - A PERCEPÇÃO DE MULHERES DE TRÊS GERAÇÕES SOBRE SER MULHER

Resumo: Esse artigo apresenta dados parciais de pesquisa de mestrado e visa mostrar a percepção de mulheres de três gerações da mesma família acerca da realidade feminina e dos papéis de gênero. Participaram da pesquisa nove mulheres, avó, mãe e neta de três famílias do Distrito Federal. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas e questionário sócio-econômico. As entrevistas foram submetidas à análise de discurso, com ênfase na compreensão da fala das entrevistadas. As participantes perceberam que houve importantes mudanças na condição feminina. As falas apontam que as mulheres passaram a adotar novos papéis, mas esses permanecem associados aos papéis tradicionais femininos. Os relatos mostram que é importante entender a transgeracionalidade na transmissão de aprendizados de papéis de gênero de uma geração para outra. Esse processo atua na construção e nas transformações das identidades femininas.

Palavras-chave: condição feminina; gênero; geração; papéis de gênero.

Abstract: This paper presents data from a masters' research and aims to show the perception of women from three generations of the same family about the reality of women and gender roles. Nine women participated in the research: the grandmother, mother and granddaughter of three families of the Federal District. Data were collected through semi-structured interviews and a socioeconomic questionnaire. The interviews were submitted to a discourse analysis, with emphasis on understanding the speech of the interviewees. The participants perceived that important changes in the status of women have occurred. Their discourse indicates that women have begun to adopt new roles, but these remain associated with traditional female roles. Their reports show that it is important to understand the transgenerational transmission process to learn about gender roles from one generation to another. This process affects the construction and transformation of female identities.

Keywords: feminine condition; gender; generation; gender roles.

Esse artigo apresenta parte dos dados de pesquisa de mestrado cujo foco foi compreender a percepção que mulheres de gerações diferentes de uma mesma família têm acerca das mudanças e permanências nos âmbitos da conjugalidade, sexualidade, maternidade, trabalho, projeto de vida, independência e identidade feminina tanto em sua própria família quanto na sociedade em geral. O avanço da participação das mulheres em diversos campos como o trabalho, a política, a educação tem gerado desafios e questionamentos em torno da divisão sexual de papéis e funções de homens e mulheres no casamento e na família. Esse processo gera desafios e dilemas que precisam ser investigados.

O artigo visa mostrar a percepção de mulheres de três gerações da mesma família acerca da condição feminina e dos papéis de gênero. A condição feminina é entendida aqui como o conjunto das facetas que forma a totalidade do universo das experiências de mulheres. Abarca aspectos da vida da mulher como trabalho, casamento, família, maternidade, papéis femininos, independência.

Em primeiro lugar trataremos uma breve discussão sobre a condição feminina no intuito de mostrar como é afetada por transformações que ocorrem na sociedade. Para isso é fundamental que abordemos a categoria gênero, uma vez que tal categoria é muito útil para ampliar nossa compreensão sobre os processos que estabelecem diferentes papéis e expectativas para homens e mulheres, na vida privada e na sociedade, em função de diferenças sexuais.

Abordaremos brevemente também as transformações na construção das identidades femininas e a importância da transgeracionalidade na transmissão de aprendizados de papéis de gênero de uma geração para outra. Por fim, apresentaremos os dados da pesquisa que serão problematizados à luz do referencial teórico.

1. As Condições Femininas Construídas Historicamente e Suas Transformações

A condição feminina vem sofrendo transformações ao longo dos anos. Os papéis sociais das mulheres têm mudado concomitantemente com processos sociais, econômicos e culturais. Os movimentos sociais que surgiram no final do século XIX e ganharam amplitude ao longo do século XX tiveram um papel importante em chamar a atenção para a situação das minorias sociais. Dentre esses movimentos mencionados nos interessa de modo especial o movimento feminista, uma vez que tal movimento deu visibilidade às questões que afetam a condição das mulheres no mundo. O movimento feminista aparece no século XIX com a luta operária endossada pelo liberalismo e marxismo.

Numa primeira fase, conhecida como primeira onda do feminismo, o movimento sufragista foi muito importante no sentido de abrir o campo para a luta contra a discriminação/opressão das mulheres e pela garantia de direitos, como por exemplo, o direito ao voto (Narvaz & Koller, 2006). A forma como o movimento feminista se articulou no final da década de 60 e início da década de 70 é denominada segunda onda do feminismo e contribuiu, dentre outras coisas, para ampliar a visão sobre os papéis de gênero, priorizando um olhar sobre a mulher diferenciado do sujeito genérico “homem” (Costa, 2009).

As transformações sociais ocorridas a partir da década de 1960 contribuíram também para deslocar as mulheres da condição de objeto e transformá-las em sujeitos da História. Uma das bandeiras de luta do feminismo era a de que o que é pessoal é político. Questões da vida privada vivenciadas por mulheres no isolamento do seu lar como, por exemplo, a opressão, a violência, deveriam ser tratadas como sendo de caráter político. Demandariam, assim, ações públicas que resultassem em mudanças na condição das mulheres de um modo geral (Costa, 2009).

A categoria “Gênero” surge nesse contexto para mostrar que a visão de uma essência feminina era reducionista e para enfatizar o caráter social da diferença sexual. O termo também foi utilizado para enfatizar a hierarquia e o poder presentes nas relações entre homens e mulheres. Gênero, como categoria de análise denota, portanto, o caráter social e cultural que marca as diferenças e as relações sociais (Soihet, 2003). Piscitelli (2004) ressalta a importância de ampliar a conceitualização de gênero para que abarque as inúmeras formas em que a diferença de poder opera e as múltiplas diferenças e desigualdades que são geradas não só a diferença sexual entre homens e mulheres.

Fala-se de uma organização cultural do corpo feminino e masculino a qual determina os embargos e obrigações dos indivíduos de ambos os sexos. Há uma hierarquização dos corpos numa complexa rede de poder engendrada socialmente para determinar os papéis sociais. Gênero, não está, portanto, limitado à anatomia; delimita na verdade o discurso que gira em torno desta. Gênero, então, é um efeito desse discurso; o mantém, o produz ou o modifica com a legitimação da sociedade (Pinto, 2004).

Essa variabilidade dentro das relações sociais de sexo é responsável pela construção de ‘subuniversos’ dentro do universo maior “mulheres”. A experiência de ser mulher em um determinado contexto histórico-social de dominação masculina e discriminação imprime em uma mulher uma condição específica que pode não ser igual à de outra mulher em outro lugar, mesmo em situação igual ou semelhante. Entendemos assim

que a condição feminina é determinada por múltiplos fatores que somados contribuem para o surgimento de várias experiências de ser mulher e vários discursos sobre gênero.

Pode haver num mesmo contexto social, diferentes discursos de gênero que podem focar a oposição entre as categorias mulher e homem ou focar a mutabilidade e temporalidade da categoria gênero (Moore, 2000). Essa é uma oportunidade para perceber a importância de se explorar a pluralidade das experiências de ser mulher nas pesquisas acadêmicas, pois se sabe que há várias formas de construção da feminilidade e da masculinidade.

Se o caminho das mulheres é alterado ou bloqueado em função da ênfase na diferença sexual marcada pelo campo biológico, a mulher perde sua voz e seus direitos mais básicos. Se sua condição como mulher é transgredida, a sociedade também é transgredida. A sociedade é representada por grupos, dentre eles por famílias que são uma das formas organizadas de indivíduos. Portanto, o que afeta um, afeta todos. Daí a importância de levar em conta as mudanças na condição feminina e compreender o impacto dessas mudanças na perspectiva de mulheres de distintas gerações de uma mesma família.

2. As Transformações da Condição Feminina

A condição feminina é examinada nessa pesquisa tomando gênero como categoria fundamental de análise. Compartilhamos a postura de que a categoria gênero constitui um instrumento de análise eficaz por meio do qual é enfatizada a compreensão de que as relações entre mulheres e homens são construídas socialmente em um determinado período histórico. À diferença que permeia essas relações e que determinam um locus e um papel diferenciados a homens e mulheres é que se refere o termo gênero aqui.

Ao longo da história, mulheres reivindicaram condições igualitárias na sociedade. No entanto, a questão da igualdade entre os sexos ganha espaço político a partir dos estudos feministas. Scott (2005) em seu artigo sobre a igualdade entre os indivíduos argumenta: “A igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração”.

Ao pensarmos na diferença entre papéis de gênero, devemos levar em conta que, independente do que a cultura dominante ensina ou impõe sobre o que é ser mulher e o que é ser homem, há diversas formas de vivência do feminino e o masculino

transmitidos nas famílias. É importante, portanto, conhecer de que forma esse processo de transmissão ocorre nas famílias. Esse foi um dos objetivos dessa pesquisa.

As representações de masculino e feminino determinadas socialmente e culturalmente muitas vezes são usadas para justificar a diferença de tratamento às mulheres no ambiente doméstico, de trabalho e no convívio social. As reflexões feministas apontaram para a importância de pensar a categoria mulheres de forma ampla; rejeitaram a utilização do modelo patriarcal dominante, uma vez que esse modelo limita os papéis e a atuação tanto de mulheres quanto de homens na sociedade.

Na construção desses novos discursos, referenciados em um olhar de gênero, aparecia o dilema de tentar entender o universo de mulheres sem criar uma identidade única para as mulheres através da generalização das experiências que elas vivem em ser mulher. Isso se tornou possível por meio da construção de uma posição de olhar para as experiências femininas evitando a fixação no modelo hegemônico da mulher branca, de classe média e heterossexual (Gonçalves, 2005).

Os feminismos tiveram um papel importante ao identificar a submissão, a desvalorização e a dependência da mulher como frutos de uma ideologia que confinou mulheres ao mundo privado, pois pregava que à elas caberiam os papéis de mãe e de esposa. Tais papéis deveriam ser exercidos no espaço da família, instituição vista como imutável e sancionada pela igreja através do casamento. Neste contexto estaria configurada a diferença de poder entre o casal (Nogueira, 2001).

Discutir o papel tradicional da mulher inclui considerar que a subordinação ao homem na família tradicional patriarcal é maior quando se nasce mulher ou quando se é filho caçula. Nessas situações, os direitos são cedidos ao pai ou ao filho primogênito. A existência do sujeito é atrelada ao papel social que ele exerce (Féres-Carneiro, Ponciano & Magalhães, 2007).

Essas concepções sobre os papéis femininos e masculinos pautam a construção da identidade feminina. Vimos que os feminismos promoveram a emergência de discursos que valorizam as diferentes experiências de femininos, para não incorrer numa naturalização e universalização do ser mulher. Isso é importante para se pensar em como as identidades femininas são construídas a partir da disseminação desses discursos de gênero e de revisão e ampliação dos papéis femininos.

3. A Construção da Identidade Feminina e a Transmissão dos Papéis de Gênero nas Famílias

As identidades individuais e grupais são definidas e construídas sob o olhar do “outro”. Os grupos que compõem “minorias” vagam à margem da sociedade como cidadãos de segunda classe, a quem papéis e atribuições são determinados por seu Outro, ou “colonizador” (Rocha-Coutinho, 2004). É o que vimos acontecer historicamente com as mulheres, os negros, os índios, as pessoas homossexuais, entre outros grupos. Nesse sentido, os movimentos de classes minoritárias iniciados no século XX e que ganharam expressão nos anos 1960 tiveram a importante função de libertação desses grupos em relação à identidade imposta historicamente a eles pelo discurso de seus “colonizadores”. Assim, ser mulher passaria a ser definido por mulheres e a partir de suas experiências em ser mulher (Rocha-Coutinho, 2004).

A oposição a essas ideologias impostas constituíram o foco das primeiras pesquisadoras feministas, que denunciaram a opressão das mulheres e contestaram uma visão universalista ou a existência de uma essência feminina. A desconstrução dessa antiga identidade feminina contribuiu para o ressurgimento e a rearticulação dos feminismos a partir da década de 1960 em contraposição ao feminismo oriundo no período da Revolução Industrial, o qual contribuiu para forjar a construção de uma visão unifacetada das mulheres. (Strey, 1997).

Parte da experiência feminina passa pela construção da identidade individual. O papel historicamente atribuído à mulher como “cuidadora”, e características como fragilidade, docilidade, passividade, submissão, dentre outras, apesar de questionadas, continuam definindo em grande parte o que é ser mulher (Diniz, 2004). No exercício do papel de cuidadora, a mulher deve então se dedicar ao seio familiar para garantir a integridade da família, sendo suas atribuições: cuidar dos filhos, do marido e garantir um ambiente doméstico propício para o desenvolvimento dos membros da família (Rocha-Coutinho, 2004). Ao mesmo tempo o ser homem era associado à imagem da agressividade e racionalidade (Nuernberg, 2008). Cabia a eles a função de provedor. O exercício dos papéis femininos e masculinos, ditado por um discurso hegemônico, é aprendido nas famílias. Transformações e adaptações estão ocorrendo na percepção desses papéis.

Outros conceitos e valores vêm sendo agregados à identidade feminina nesse jogo de mudança e permanência. Mulheres estão somando à sua identidade papéis não tradicionais como o papel de trabalhadora e de provedora embora as atribuições tradicionais de esposa, mãe e dona de casa ainda sejam considerados mais

significativos. Não há dúvidas, entretanto, que a entrada no mercado de trabalho altera os significados de ser mulher e afeta a relação com o homem, a conjugalidade, a vida familiar (Delamôra, 2003, Diniz, 2004). A identidade feminina passa a integrar esses novos valores. Nos dias de hoje ela é definida não apenas pelo “outro”, mas pelas próprias mulheres em função de suas necessidades de bem-estar consigo, com seu projeto de vida e seu lugar no mundo.

Os papéis de gênero e sua transmissão é uma constante em diversos trabalhos devido à importância da compreensão de como as gerações futuras são afetadas pela postura e atitude das gerações anteriores, no que diz respeito ao exercício dos papéis sociais definidos culturalmente e passados transgeracionalmente. Como ressalta Diniz (1999), uma vez que gênero é aprendido e passado a gerações futuras, resulta em estilos, orientações e experiências distintas do mundo para homens e mulheres.

Delamôra (2003) argumenta que a confluência de conteúdos carregados de significados ocorre principalmente na tríade mãe-avó-filha. O fato é que a memória das mulheres das gerações anteriores exerce uma importante função na construção da história e dinâmica daquela família ou da comunidade. Essa memória é transmitida pela narrativa e difundida intergeracionalmente. As mudanças e permanências inerentes ao contexto familiar e social das pessoas, em especial, dos membros de uma família dependem da incorporação e negação de conceitos adquiridos nas relações. Assim, uma geração pode assimilar valores de outra geração, bem como rejeitá-los (Delamôra, 2003).

Os dilemas vividos entre as gerações é um ponto importante no discurso feminista, pois as gerações agregam valores, culturas e práticas típicas de sua realidade. Esse processo resulta em formas diferentes de exercer o feminino que culmina em uma necessidade de pensar que o que faz parte da condição feminina de uma geração - o que a moldou e a consolidou pode ou não permanecer em função da forma como isso é perpetuado ou não, assimilado totalmente ou parcialmente pelas gerações seguintes. Decorre daí a importância de compreender a percepção de mulheres de três gerações de uma mesma família acerca da realidade feminina e dos papéis de gênero.

METODOLOGIA

Esse estudo é parte de pesquisa para conclusão do curso de mestrado que teve como objetivo geral compreender as percepções que três gerações de mulheres de uma

mesma família têm acerca das mudanças e permanências que ocorreram na condição feminina naquela família e na sociedade como um todo. Entender a forma como três gerações de mulheres de uma mesma família percebem as mudanças e permanências no âmbito da condição feminina, dos papéis femininos e identidade feminina são os objetivos específicos desse estudo.

A pesquisa de caráter qualitativo consistiu em estudos de caso múltiplos realizados a partir de uma perspectiva de gênero e transgeracional. A coleta de dados foi possível mediante a realização de entrevistas individuais semi-estruturadas com três mulheres de gerações diferentes de três famílias. A entrevista foi escolhida por ser considerada um instrumento adequado para estabelecer essa postura dialógica entre o pesquisador(a) e o sujeito pesquisado(a) (Alves-Mazzotti, 2006). Foram aplicados também questionários demográficos.

A análise dos dados seguiu os preceitos da análise de discurso, pois esse procedimento diz respeito ao conteúdo e continente da fala do sujeito a qual supõe uma autonomia do sujeito como sujeito psicológico (Lima, 2003). Rocha-Coutinho (2006a) discute que a análise da narrativa oral de mulheres em estudos de gênero permite dar voz a essas mulheres ao oferecer uma análise mais atenta da linguagem e dos significados de palavras para compreender a experiência emocional de mulheres e como as mulheres se adaptam à cultura em que vivem. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo comitê de Ética. Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

Participantes:

Participaram desse estudo três famílias residentes no Distrito Federal. Chamaremos as famílias de Família 1 (Avó 1, Mãe 1 e Neta 1); Família 2 (Avó 2, Mãe 2 e Neta 2) e Família 3 (Avó 3, Mãe 3 e Neta 3).

TABELA 1: PARTICIPANTES

Família 1	Família 2	Família 3
Avó 1	Avó 2	Avó 3
Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3
Neta 1	Neta 2	Neta 3

TABELA 2: FAMÍLIA 1

	Avó 1	Mãe 1	Neta 1
Idade	84 anos	55 anos	23 anos
Tempo de casamento	56 anos	33 anos	Solteira
Número de filhos	11 filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Estudante universitária
Profissão	Autônoma	Trabalha na empresa da família	Trabalha na empresa familiar

A Avó 1 tem 84 anos, é casada há 56 anos, teve 11 filhos, tem o primeiro grau completo e é costureira autônoma. A Mãe 1 tem 55 anos, é casada há 33 anos, tem três filhos (duas mulheres e um homem), possui 2º completo e é vendedora na empresa da família. A Neta 1 tem 23 anos, é solteira, estudante universitária e também ajuda a família na empresa.

TABELA 3: FAMÍLIA 2

	Avó 2	Mãe 2	Neta 2
Idade	62 anos	42 anos	22 anos
Tempo de casamento	45 anos	Divorciada	5 meses
Número de filhos	três filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Superior incompleto
Profissão	Trabalha na empresa da família	Balconista	Estudante universitária

A Avó 2 tem 62 anos, casada há 45anos, três filhos (duas mulheres e um homem), tem o primário completo e trabalha na empresa familiar. A Mãe 2 tem 42 anos, foi

casada por 22 anos, hoje é separada há quase 2 anos, tem três filhos (duas mulheres e um homem), possui o 2º grau e trabalha como comerciante/balconista. A Neta 2 tem 22 anos e na época da entrevista estava casada há cinco meses; não tem filhos e é estudante universitária.

TABELA 4: FAMÍLIA 3

	Avó 3	Mãe 3	Neta 3
Idade	78 anos	55 anos	34 anos
Tempo de casamento	Casada há 57 anos	União estável há cerca de 12 anos	Casada há 2 anos e meio
Número de filhos	5 filhos	duas filhas	uma filha
Nível Educacional	2º grau completo	Superior completo	Superior completo e mestrado
Profissão	Professora aposentada	Área administrativa	Bolsista de doutorado

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Papéis de gênero, independência e identidade feminina na percepção das mulheres entrevistadas

Uma das finalidades dessa pesquisa foi ampliar o entendimento sobre a condição feminina, em suas múltiplas dimensões. Um elemento importante é a forma como é construída a identidade feminina e como são exercidos os papéis de gênero. Apresentamos e discutimos a seguir os dados referentes à percepção de mulheres de três gerações de uma mesma família. Os dados foram colhidos em cada família por meio de entrevistas individuais semi-estruturadas.

Família 1

A Avó 1 disse que aprendeu o que é ser mulher com a mãe dela e atribuiu à mulher “toda a obrigação” relativa à casa. “Eu cuidava delas, a mamadeira delas, nunca deixei empregada dar, eu me sentia bem em fazer e dar aos meus filhos...”. Ela também acredita que cabe ao homem trabalhar, ser honesto, honrar a mulher e cumprir

suas obrigações de provedor da família. Esses são os papéis que sua família esperava da mulher e do homem e estão de acordo com as expectativas dela também.

Os papéis femininos e masculinos eram exercidos por ambos os cônjuges. Avó 1 relatou que o esposo sempre a ajudava em casa. “Ele chegava e ajudava a fazer, né. Não precisava nem eu chamar, ele via que precisava e ajudava”. A contribuição do esposo em casa envolvia tanto a criação dos filhos como tarefas domésticas. “Ele ajudava mais assim, passar roupa, assim, quando precisava, quando eu tava sem ter quem ajudar, ele me ajudava a passar roupa. Ajudava a cuidar das crianças...”.

Ela acredita que tenha passado para os filhos a mesma imagem de mulher e homem que ela aprendeu com os pais dela. “Eu acho que eu passei... a mesma que eu ...Que eu recebi e passei pros meus filhos”. Essa imagem seria “...de trabalhar, de ter amor à família, de ser bem amorosa com a família”. Percebe também que os homens da família dela têm respeito em relação às mulheres.

A Mãe 1 associou a imagem da mulher à vaidade, feminilidade e cuidados com aparência, mas também acrescenta que a mulher tem que assumir as responsabilidades com a casa e com a família. Na opinião dela, o homem também tem que assumir o compromisso com a família tanto no sentido de dar segurança financeira como na educação dos filhos. Mãe 1 caracterizou o homem como “mais enérgico” e a mulher como a que “vai com mais jeito” nesse quesito de impor limites aos filhos e lembrou que os pais dela se encaixavam nesse perfil.

No que diz respeito ao que é considerado função das mulheres e função dos homens, a Mãe 1 relatou que acredita que a administração da casa ainda é muito associada à mulher por ela ser “mais detalhista” que o homem. Comentou também que percebe que agora as mulheres têm que trabalhar fora, pois manter a família apenas com o orçamento de um dos cônjuges está mais difícil. Nesse sentido, ela vê uma passagem da mulher para o lado do homem, ou seja, a mulher assume um papel tradicionalmente associado ao homem (trabalhar fora), mas ela percebe que “devido ao machismo”, no caso do homem ainda está “muito lento o processo de vir para o lado da mulher”, ou seja, assumir também papéis tradicionalmente femininos, como cuidar da família e da casa.

Essa postura sobre o que é função da mulher e do homem, Mãe 1 disse que aprendeu com a necessidade. Inclusive ela menciona uma situação que passou na juventude, na cidade do interior onde morou que reflete um pouco essa visão tradicional do que é função de mulher e de homem: “no interior, no dia em que eu peguei um carro lá, o povo tirando, porque... mulher dirigir? Só homem que dirigia!”

Ela mencionou que é esperado pela família dela que o homem seja o provedor e a mulher seja a responsável pelos cuidados da casa e da família “era esperado que a mulher cuidasse bem do marido”.

A fala da Mãe 1 é paradoxal – ao mesmo tempo que está impregnada de uma visão tradicional revela indícios de mudanças importantes na concepção de gênero, nas relações de gênero e nas atribuições de papéis. Como foi apontado anteriormente, é possível haver num mesmo contexto social, diferentes discursos de gênero que podem focar a oposição entre as categorias mulher e homem ou focar a mutabilidade e temporalidade da categoria gênero (Moore, 2000). Aqui fica evidente que mesmo diante de um contexto tradicional de percepção de papéis femininos, Mãe 1 expressou em suas falas a busca pela ampliação desses papéis – apontou mais de uma forma de ser mulher que quebrou a concepção aprendida e difundida na comunidade dela.

Na opinião de Mãe 1, ela cumpriu com algumas expectativas relacionadas ao cuidado da família, principalmente por ter sido a filha mais velha e ter tido que assumir grandes responsabilidades dentro de casa muito cedo. Hoje ela já tem uma reflexão crítica sobre essa postura ativa e solícita em relação aos outros, que ela teve que adotar desde muito cedo por ser a filha mais velha: “Eu já fui muito de fazer. Eu acho que até demais. Eu podia fazer de menos, mas eu acho que tem coisas que você começa e a idade vai...e você já não tem mais o mesmo pique”. Ao falar sobre os impactos que os cuidados para com os outros podem trazer para a saúde dela ela afirmou que já percebe algumas consequências. “Então, você tem que se cuidar também, porque se você fica só cuidando dos outros, achando que você pode tudo, que não acontece nada contigo e não é bem assim. Eu estou começando a tomar consciência desse lado”.

A questão do respeito à mulher por parte dos homens da família também foi um tema problematizado. Mãe 1 mencionou que ainda há muito machismo com relação às funções masculinas e femininas. Os homens da família, na visão dela acham que a mulher deve cuidar de casa e que o “homem que for fazer vira bicha”. Essa visão é diferente da Avó 1 que apenas disse de forma geral, que os homens da família respeitam muito as mulheres. Como em qualquer processo de mudança, aqui nota-se a dificuldade da quebra de paradigmas que os discursos feministas consideravam importantes para pensar a categoria mulheres por meio da rejeição do modelo patriarcal dominante (Gonçalves, 2005). Fica evidente nas falas da Avó 1 e Mãe 1 um

resquício forte de expectativas e atribuições de papéis tradicionais (Diniz, 2004; Rocha-Coutinho, 2004),

A Neta 1 tem uma visão bem parecida com a da mãe dela sobre o que é ser mulher. Ela vê a mulher como a imagem da delicadeza, vaidade e resgate da autoestima. Termos como frágil, sensibilidade e maturidade foram mais associados às mulheres que aos homens, no relato dela, o que aponta para expectativas tradicionais. O homem está ligado à noção de cavalheirismo e respeito e “de assumir seu papel de pai, de homem”. Chamou a atenção que apesar da presença de expectativas tradicionais em torno dos papéis masculinos e femininos, a Neta 1 disse que o pai dela tem mais características femininas que a mãe como, por exemplo, ser mais sensível e se comunicar mais com os filhos. Neta 1 atribuiu esse fato mais a características da personalidade de cada um, mais do que ao fato de ser homem ou mulher. Isso exemplifica o que Moore (2000) tratava acerca da importância de estudar gênero levando em conta as diferenças dentro dos vários discursos que podem revelar a construção da concepção de múltiplas masculinidades também. A experiência de ser homem pode ser diferente até dentro de um mesmo contexto.

Neta 1 relatou que não vê muita diferença no que é função de homem e de mulher. Em sua opinião a mulher também tem que assumir o papel de provedora. Acha que não deveria ser tão diferenciado e que se um dia tiver filhos homens irá ensiná-los os afazeres domésticos também “vou botar meu filho pra lavar a casa também, dividir as funções com a menina e tal...”. Essa visão foi adquirida através “das percepções dentro de casa”. Mencionou também que a família de origem (avó, tios) espera que a mulher cuide de casa e o marido seja o provedor, o que está de acordo com o relato da mãe. Ela exemplifica essa diferença entre o que espera de mulheres e homens na sociedade, de forma geral: “você pode ver até mesmo jogador de futebol, a jogadora de futebol não é comum, homem fazer balé, por exemplo, não é comum já balé pra mulher é, entendeu?”

É importante ressaltar que a fala da Neta 1 reflete o desejo de mudança e de fuga dos padrões familiares. Ela leva em conta o contexto social e cultural em que está inserida e tem consciência que esse atual é diferente do contexto do qual a família de origem veio. Delamôra (2003) considera que as mulheres estão somando à sua identidade papéis não tradicionais como o papel de trabalhadora e de provedora embora os papéis tradicionais de esposa, mãe e dona de casa ainda sejam considerados mais significativos.

Família 2

Para a Avó 2 ser mulher “é uma grande coisa, é uma grande virtude”. “Você poder ter muita sabedoria sendo mulher”. Ela também vê a mulher como a responsável por funções maternas, de cuidados e transmissão dos valores e crenças, mas entende que a educação dos filhos seria tanto papel da mulher como do homem. “O que eles ensinavam é que a gente tinha que casar, ter filho, ser mãe, ser esposa, ser dona de casa. Era a prioridade naquela época”.

Avó 2 também percebe que as gerações mais novas da família dela têm uma visão diferente dos papéis femininos e masculinos, pois são “tudo estudado...já pensa com outra cabeça”. Talvez por isso, na opinião dela, os membros da família têm expectativas de que a mulher também trabalhe. Segundo Avó 2 os pais dela não conversavam muito sobre os papéis femininos em geral “...era bem mais fechado, a gente não tinha essa comunicação de hoje” .

A Mãe 2 disse que tem uma visão ampla sobre o que é ser mulher: “não vejo a mulher como o sexo frágil, não”. A mulher “agüenta muito mais que um homem” foram suas palavras referindo-se ao fato de que, na visão dela, a mulher dá a luz por ser mais forte, pois se fosse o homem “ele não ia resistir”. Perguntada sobre o que ela pensar sobre o que é ser homem, respondeu que o homem já nasce achando que deve comandar e não obedecer. “É aquele que já nasceu e fala: pai eu já sou homem eu posso fazer e acontecer que nada vai me acontecer, eu posso trair, eu posso bater, eu posso maltratar, porque eu sou homem”.

Com relação aos papéis femininos e masculinos, Mãe 2 acredita que houve a inversão de papéis, tornando as “coisas mais iguais” e que não há mais a situação de “mulher só na cozinha, homem só trabalha fora”. Apesar de pensar assim, percebe que há alguma diferença. “A única diferença de papel feminino e masculino é, por exemplo, ela vai ser mãe, ele não vai, ele vai ser pai. Ela vai dar a luz, ela vai gerar é a única diferença que tem, mas a questão de trabalho de obrigação pra mim são iguais, deveria ser iguais, né. A fala da Mãe 2 expressa bem o que diversas feministas criticavam acerca da diferença entre homens e mulheres marcada pela ordem biológica que foi muito difundida pelo modelo do patriarcado (Soihet, 2003).

Mãe 2 disse que aprendeu assim com a vida e com as experiências que essa lhe trouxe. Em sua opinião a família dela tem algumas expectativas sobre a mulher “...que elas devem ter mais confiança e ser menos dependente de qualquer pessoa. Elas, como diz, elas já fazem sua estrutura logo cedo, né”. Em sua fala, expressa que está de acordo com essa expectativa e sempre incentiva seu filho e as filhas a procurarem

estabilidade financeira através do trabalho. Ao ser perguntada sobre a visão que os homens da família têm sobre as mulheres disse que eles têm uma visão tradicional da mulher como a responsável pelos cuidados da casa e dos filhos “os homens da minha família são mais antigos e coisa assim... acho que eles acham que a mulher tem que ficar em casa, cuidar dos filhos, cuidar dos netos são mais aqueles de outra geração.”

Mãe 2 acredita estar passando para o filho uma visão diferente da visão dos homens da família dela: “quando você tiver uma esposa não faça dela uma escrava, faça dela a tua mulher uma companheira, se ela quiser trabalhar, apóie, ter filhos, ajude”. Ela constantemente compara a situação dela ao aconselhar os filhos em relação ao futuro deles “Eu não quero que elas cometam os mesmos erros que eu cometi”. Nesse sentido ela comentou que a geração dos filhos dela já está seguindo novos valores “É, novos também (sobre os valores transmitidos). A gente, a cada dia que passa aprende coisas novas. Você vive uma coisa nova, né? Hoje você pensa de uma forma, mas tem que saber que um dia pode mudar o pensamento”.

É interessante ver que tanto a Avó 2 como a Mãe 2 percebem a mudança na visão dos papéis femininos em outros membros de sua família e elas mesmas endossam essas mudanças nas gerações mais novas. Isso remete ao que foi mencionado anteriormente sobre a rearticulação e ressurgimento dos feminismos, que só foi possível a partir da desconstrução da antiga identidade feminina (Strey, 1997). Como podemos ver, mudanças de discursos e pensamentos são decorrentes de mudanças na percepção das categorias que estão sendo analisadas.

Investir nos estudos e na profissão como uma forma de realização pessoal é, pela fala da Mãe 2, também muito importante para as mulheres: “se a pessoa tem um trabalho dela mesma, se ela fala assim: eu não dependo de ninguém, eu tenho o meu trabalho, o meu dinheiro, eu pago as minhas contas, eu acho que ela é uma pessoa mais segura”.

A Mãe 2 traz essa reflexão ao pensar sobre a situação dela: “muitas mulheres ficam, igual eu, fiquei no casamento 23 anos. Porque você pensa assim: Ah, se eu me separar eu vou viver de quê? Eu não tenho trabalho eu não sou formada, vou viver de quê?”. Ela relatou a percepção de que muitas mulheres hoje em dia já buscam esses novos papéis “Porque hoje são poucas as mulheres que querem ficar dentro de uma casa lavando e passando. Elas querem ter a profissão delas. É por isso que ... muitos homens não aceitam”. No contexto da reflexão sobre os papéis de gênero, vimos que gênero é aprendido e passado a gerações futuras resultando em estilos, orientações e experiências distintas do mundo para homens e mulheres (Diniz,1999). O relato da

Mãe 2 expressa bem como essa transmissão está se dando na família dela - ela abraça a idéia da mudança de padrões tradicionais que prejudicam a experiência de ser mulher e espera que os filhos também percebam e passem a aderir a essa mudança.

A Neta 2 acha que é bom ser mulher e associou à mulher termos como “paz, uma serenidade, um espírito de... uma coisa assim de amor” e ao ser homem, a imagem de proteção. Por ter sido criada no meio de homens e de ter feito muitas coisas associadas a papéis masculinos, não vê muita diferença entre o que é função da mulher e do homem. Concordou, no entanto, que a mulher tem mais responsabilidades com a maternidade do que o homem, embora ele também deva ajudá-la nesse quesito.

A inversão de papéis foi um tema que surgiu na fala da Neta 2. Ela disse que acredita que se invertessem os papéis femininos e masculinos com o marido ele “não daria conta”, pois ele “ama trabalho” e não pararia de trabalhar para assumir inteiramente os afazeres domésticos. Essa visão acerca dos papéis femininos e masculinos, ela disse que aprendeu “no mundo”. As expectativas da família de origem são mais tradicionais em relação a esses papéis, na opinião dela. “Minha família: mãe e avó ainda têm aquela visão assim de que mulher tem que cuidar de casa, aquela coisa toda, né. O homem que é responsável de ganhar e sustentar a casa e essas coisas. Eu já não vejo dessa forma, eu acho que homem e mulher têm que trabalhar e os dois somarem e os dois dividirem as despesas”. Neta 2 mencionou inclusive que já realizou tarefas tipicamente masculinas (foi feirante) e que foi criticada por isso, até mesmo pelo irmão dela, mas que não ligava muito pra críticas.

Importante a fala da Neta 2 sobre a inversão de papéis, pois foi a única que trouxe essa questão de forma mais expressa. A participante percebe que há papéis tradicionais femininos, que há os novos papéis da mulher (trabalhadora, provedora); que há a mudança desses papéis tradicionais e a aceitação por parte de alguns homens, mas reforça que se fosse com o marido dela, ele não daria conta. A fala de Neta 2 remete ao discurso feminista da igualdade entre os sexos, mas revela que a busca da igualdade não implica necessariamente na eliminação da diferença (Scott, 2005). A diferença existe e é percebida, o que leva ao questionamento da Neta 2 da capacidade do seu esposo em assumir de repente papéis que ele não aprendeu na família de origem dele.

É interessante mencionar que Avó 2 também teve experiência de fazer atividades consideradas masculinas, quando trabalhava em fazenda, mas disse que não recebeu críticas, porque na época, trabalhava na roça por necessidade. A Neta 2 se referiu à família paterna como machista e que a expectativa da maioria deles com

relação à mulher é de que a mulher “tem que ficar em casa cuidando da casa, arrumar a casa, cuidar de filho, cozinhar, passar...”. Neta 2 rompe com essas expectativas, pois ela tem a visão de que a mulher tem que assumir outros papéis como o de trabalhadora “porque hoje em dias as coisas estão mudando demais da conta, tá totalmente diferente, não existem mais essas coisas não”.

Família 3

“Ah, ser mulher, acho que é uma determinação de Deus pra gente se desdobrar na vida” foi a percepção da Avó 3. A função da mulher na opinião dela é de dar apoio e compreensão pro marido e pra família. Ela reproduziu a frase: “Atrás de um homem bem sucedido, existe sempre uma mulher forte”. Compreensão e paciência foram os termos que associou à mulher. Já o homem, deve “tratar bem os filhos, a esposa, os empregados, dar bom exemplo para os filhos e cooperar também para que não falte nada de recursos em casa, econômicos...”.

Avó 3 disse que aprendeu isso observando a vida, os pais dela, amigos e parentes. Ela assumiu por muito tempo a educação dos filhos, principalmente em função do marido viajar muito, mas que agora que ele adoeceu, ela está tomando a frente da fazenda que eles possuem. Tal postura está de acordo com outra dimensão da visão de mulher que ela mencionou “pelo bem da família dela, pelo bem dela e de todos, ela tem que estar ali à parte, acompanhando todos os negócios” e para ela, o homem deve aceitar isso.

A imagem acerca dos papéis femininos e masculinos que foram transmitidos à Avó 3 por meio dos pais dela é de que “primeiro, o lar, né, que a mulher tem a obrigação de ter um lar atraente, a paz no lar, a harmonia, porque às vezes, o marido chega cansado do trabalho, das tarefas, do dia e encontra um lar, às vezes sem harmonia e, às vezes, dá até vontade de voltar da porta fora, né”.

Os papéis femininos e masculinos transmitidos pela Avó 3 aos filhos, na percepção dela, é uma imagem boa. “Eu acho que eu passei uma imagem muito boa, porque todos eles vivem bem com os pares, né, com os maridos, com as esposas...”. Em sua percepção, esses papéis seriam: “de ficar com os filhos, dedicar mais, atenção, mais compreensão e o do homem, mais naquele tempo e agora também, mais assim, econômico, da parte econômica, que hoje a mulher ajuda muito, como eu também, já participei, mas eles ainda tomam a dianteira nesse ponto, da parte econômica e também na direção do caráter dos filhos, na formação do caráter. Então eu acho que é

uma parcialidade que tem que completar”. Ela disse que recebeu esse aprendizado dos pais dela.

A visão que a Avó 3 tem acerca dos papéis femininos é marcada pelo modelo tradicional. Esse modelo pregava que tais papéis deveriam ser exercidos no espaço da família, instituição vista como imutável e sancionada pela igreja através do casamento. É neste contexto que estaria configurada a diferença de poder entre o casal (Nogueira, 2001).

“Eu acho que é um gesto muito grande assim, né, ser mulher, porque é uma batalha, na verdade, você se construir, assim, como mulher”. Essa é a visão da Mãe 3 sobre o que é ser mulher. Ela valoriza, além da independência, a importância de a mulher ser saudável, ser bonita, ter tempo de se cuidar, de cuidar do lado intelectual e de se profissionalizar. A essa combinação de objetivos que a mulher deve alcançar como uma essência do que é ser mulher, ela atribuiu o termo “batalha do dia-a-dia”. Também se referiu a isso constantemente usando os termos “difícil”, “obstáculo”, o que pode retratar como a visão de ser mulher para ela pode remeter a estresse e pressão. Por ser separada, Mãe 3 relatou ter passado por muitas dificuldades para se impor, pois sempre buscou a própria independência e sempre valorizou os estudos e o trabalho. Aponta também que sofreu preconceito por tentar dar conta de todas as responsabilidades para com as filhas sem a presença do marido. Em sua opinião é mais fácil para o homem estar nessa situação de divórcio do que para a mulher, no que diz respeito ao julgamento dos outros.

As atribuições da mulher e do homem, no relato da Mãe 3, foram aprendidas com os pais dela mesmo. A sua visão de funções de mulher e de homem são diferentes da dos pais dela e ela teve dificuldades em lidar com isso. “Pra mim sempre foi muito difícil, eu sempre percebi, nas minhas lembranças eu sempre percebi e questionei, tanto que eu apanhei muito do meu pai, porque eu não aceitava...”. Embora, na opinião de Mãe 3, a Avó 3 tenha preservado o machismo, o sentido de beneficiar o homem em detrimento da mulher, Avó 3 sempre fez questão de trabalhar fora, o que foi contestado pelo marido, o qual depois veio a concordar. Então ela, Mãe 3, sempre teve esse modelo da mulher trabalhadora.

A fala de Mãe 3 corrobora a idéia de que a subordinação ao homem na família tradicional patriarcal é maior quando se nasce mulher, situação em que os direitos são cedidos ao pai ou ao filho primogênito (Féres-Carneiro et al., 2007). Relatou que como o pai viajava muito e estava sempre ausente, o irmão mais velho detinha o papel do homem da casa e era muito exigente e violento no exercício desse papel.

Ao falar sobre a imagem que os homens da família (pai e irmãos) dela têm das mulheres, Mãe 3 disse que acha que eles não têm uma imagem boa dela, mas talvez isso se deva às características da personalidade dela, mais do que ao fato dela ter assumido papéis menos tradicionais. “Eu acho que eles me acham uma pessoa distante, ressentida, uma pessoa que não tem um gênio muito fácil, muito alcançável pra o convívio social”.

Em relação ao atual esposo, Mãe 3 acredita que a visão dele sobre os papéis femininos é de que as mulheres devem buscar sua independência por meio do trabalho “...ele dá muita força pras esposas trabalharem, ter as profissões delas, entendeu? Tanto que ele fez isso com a ex-mulher, comigo também”. Acrescenta que, no entanto, ele acha que a mulher também tem responsabilidades em casa com a família com “o cuidado do filho e da casa, assim”. Em seguida, Mãe 3 compara essa visão do atual companheiro com a que a família de origem dela tem sobre os papéis femininos: “a mãe é que tem... a mulher é que tem que se sacrificar e assumir toda essa situação e na maioria das vezes sozinha, né, assim, e o pai é mais pra ir e levar o dinheiro”.

A Neta 3 teve muita dificuldade em definir o que é ser mulher e o que é ser homem, se restringindo a princípio à descrição biológica de homem, usando seus conhecimentos da área da biologia “ser mulher é ter dois cromossomos X no gene 23.” Sobre o que ela acha que é ser homem: “Ter cromossomo XY...”. Em seguida ela foi capaz de elaborar sua visão trazendo uma imagem interessante da mulher. “Ser mulher é se pendurar na corda bamba”.

Neta 3 descreve a mulher assim fazendo menção aos vários atributos e papéis que ela acredita que a mulher está assumindo cada vez mais, embora ela ache que tanto homens como mulheres devam assumir as mesmas responsabilidades. Associou aos homens os termos força física e objetividade, o que para ela seria as principais diferenças entre homens e mulheres. A fala da Neta 3 é marcada pela concepção de gênero marcada pela ordem biológica dos corpos masculino e feminino. Essa dificuldade em separar o discurso biológico do social talvez se deva à formação acadêmica da participante, que é formada em Biologia. Contudo expressa um discurso da origem dos feminismos que questionavam a concepção de gênero limitado à anatomia. A pretensão/intenção dos feminismos foi que gênero fosse entendido como o discurso que gira em torno da anatomia, e como um efeito desse discurso legitimado pela sociedade (Pinto, 2004).

Neta 3 relatou ter aprendido essa postura com sua família, que tem uma visão da mulher como a responsável pela criação dos filhos e cuidados com a casa e o

homem de ser o provedor. Nesse sentido, acredita que rompeu com as expectativas, pois sempre deu valor e buscou o aprimoramento intelectual e o trabalho. “Eles nunca me incentivaram muito, ou nunca acreditaram muito que eu pudesse seguir essa carreira, por exemplo”. A imagem que ela percebe que os homens da família têm das mulheres é de que elas são “inferiores intelectualmente” e eles não escutam os que elas falam em função disso.

Essa visão de mulher que a Neta 3 relata estar presente nos homens de sua família se enquadra no que Rocha-Coutinho (2004) aponta acerca dos grupos minoritários que vagam à margem da sociedade como cidadãos de segunda classe, a quem papéis e atribuições são determinados por seu Outro, que ela trata por “colonizador”. Aqui, o olhar do Outro estaria expresso na postura dos homens da família da Neta 3, que definem as atribuições das mulheres em função da percepção que eles têm das mulheres como cidadãs inferiores, portanto, de segunda categoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo vimos que o conceito de gênero foi sendo construído historicamente e culturalmente dentro dos vários discursos dos feminismos que surgiram desde o século XIX. A noção de papéis femininos surge dentro desse cenário de debates sobre as feminilidades e masculinidades. Os feminismos provocaram questionamentos e reflexões que resultaram na emergência de discursos que valorizem as diferentes experiências de femininos, para não incorrer numa naturalização e universalização do ser mulher. Isso é importante para se pensar em como as identidades femininas são construídas a partir da disseminação desses discursos de gênero e papéis femininos nas famílias e na sociedade.

Através da análise das entrevistas, pudemos verificar que as mulheres entrevistadas percebem que houve mudanças nos papéis femininos e masculinos. Fica evidente nas falas, no entanto, o peso das expectativas tradicionais em relação aos papéis de gênero. As mulheres estão incorporando novos papéis, mas ainda são muito cobradas em relação às funções de cuidado.

Vimos que a opinião entre as participantes da Família 1 convergem em alguns pontos e em outros não. Por exemplo, a percepção de ser mulher na opinião da Avó 1 é mais ligada à visão tradicional da mulher como cuidadora, enquanto Mãe 1 e Neta 1, além de papéis tradicionais femininos como o de cuidadora, enfatizam a importância

de definir o que é ser mulher através de características como feminilidade e vaidade, as quais não foram consideradas na definição de mulher de Avó 1. Em todas as gerações dessa família há a consideração da importância do pai no exercício do papel de educador, além do de provedor. Mãe 1 e Neta 1 ainda acrescentaram que acham que deve haver mais igualdade entre os papéis masculinos e femininos em relação aos filhos e a vida familiar.

A visão da condição feminina no discurso das três participantes da Família 2 tem vários pontos em comum. Elas enalteceram a figura da mulher sem necessariamente fazê-lo em detrimento à figura masculina. Tanto Mãe 2 como a Neta 2 concordaram que os homens, de uma maneira geral estão realizando funções antes atribuídas às mulheres. Elas têm consciência de que ainda há muito que mudar na condição feminina em relação à diferença entre papéis femininos masculinos. Mãe 2 afirma que vem passando para seus filhos essas novas concepções de papéis femininos e masculinos mais igualitários. A Avó 2 inclusive menciona que percebe que as gerações mais novas têm um pensamento mais aberto em relação às funções femininas, o que foi comprovado nas falas de Mãe 2 e Neta 2, mas que a família de origem dela e do esposo ensinavam que às mulheres caba apenas os papéis tradicionais de cuidadora, mãe e esposa.

Percebemos na Família 3 uma diferença na percepção de papéis femininos na fala das entrevistadas. A Avó 3 transmitiu uma visão de mulher e suas funções muito atrelada ao modelo tradicional, o que podemos atribuir à criação que ela teve na sua família, que era uma família muito tradicional na região em que ela cresceu. Mesmo afirmando que incentivou as filhas e buscar condições melhores através do estudo e do trabalho, a fala da Avó 3 é pautada o tempo todo em atribuições de papéis femininos tradicionais em que ela vê a mulher como a base da família no sentido de dar apoio, cuidar e promover um ambiente tranquilo no lar.

A Mãe 3 e a Neta 3 apresentaram discursos mais parecidos. Mãe 3 disse que sempre buscou incentivar as filhas a trabalhar e estudar apesar de todo o preconceito que elas mencionaram que ainda existe por parte de alguns membros da família, que elas caracterizaram como uma postura machista. Mãe 3 disse que transmitiu à Neta 3 uma visão de mulher que além de mãe, cuidadora e feminina também assume novos papéis como o de co-provedora, trabalhadora.

As falas das participantes das três famílias demonstraram que ainda há nuances da condição feminina a serem mudadas. São evidentes os dilemas entre novos e velhos modelos e papéis. As falas revelam um descompasso entre as ações das mulheres e o

mundo ao seu redor. As participantes apontaram necessidade de uma aceitação maior por parte de outros membros da família e da comunidade acerca desses novos papéis que elas desejam assumir, o que só seria possível por meio de uma transformação na atitude machista configurada no modelo tradicional. A fala delas corrobora a idéia de Fêres-Carneiro et al (2007) acerca da subordinação ao homem na família tradicional patriarcal ser ainda maior quando se nasce mulher. Assim, como em qualquer processo de mudança, nota-se na fala das entrevistadas a dificuldade da quebra de paradigmas que os discursos feministas consideravam, e ainda consideram importantes para pensar a categoria mulheres, como é o caso da ruptura com demandas e papéis vinculados ao modelo patriarcal dominante (Gonçalves, 2005).

É importante frisar que há diferenças entre mulheres e homens que o discurso de gênero tem que levar em consideração e que aparecem nas falas das mulheres entrevistadas. Cabe apontar, entretanto, que essas diferenças não podem ser vistas como fatores que justificam a desigualdade entre os sexos. Também é importante levar em conta que as novas gerações têm o encargo de assumir ou rejeitar esses modelos familiares sejam eles baseados na concepção tradicional dos papéis femininos ou em novas atribuições de papéis e funções para as mulheres.

Constatamos que a transgeracionalidade é um processo presente nas famílias e que tem um papel importante na construção das identidades femininas. Vimos que a transmissão de modelos ocorre de maneira diferente em cada família, assim não é possível falarmos em um padrão universal de transmitir os papéis femininos e masculinos. Vimos, por fim, que as experiências de cada família no exercício de ser mulher ou ser homem são construídas e definidas a partir de parâmetros trazidos pelas transformações culturais, históricas e sociais, o que corrobora a idéia de gênero como construção social.

É importante que mais estudos sejam feitos com base nessa perspectiva – da interação entre gênero e geração. Tais estudos podem contribuir não só para expandir os debates sobre a condição feminina, mas também para ampliar e fortalecer a esfera de atuação política que vise à melhoria de dimensões da condição feminina.

CAPÍTULO II - VIDA FAMILIAR NA PERSPECTIVA DE TRÊS GERAÇÕES DE MULHERES

Resumo: Experiências e perspectivas de três gerações de mulheres de uma mesma família sobre a vida familiar são apresentadas nesse trabalho. Os dados fazem parte de pesquisa de mestrado cujo objetivo geral foi compreender a percepção que mulheres de uma mesma família têm das mudanças e permanências que ocorreram na condição feminina naquela família e na sociedade em geral. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas e questionário demográfico. Os dados foram analisados através da análise de discurso. As entrevistas revelaram que padrões familiares influenciam, modificam e são modificados pelos membros dentro da unidade familiar em um movimento de transformações. Foi constatada a presença de conflitos geracionais na transmissão de certos comportamentos, atitudes e valores que culminaram em mudanças no padrão de transmissão geracional. Permanências foram verificadas em relação aos papéis tradicionais femininos transmitidos entre as gerações.

Palavras-chave: condição feminina; gênero; família; transgeracionalidade

Abstract: Experiences and perspectives of three generations of women from one family regarding family life will be the focus of this paper. The study is part of a master's degree research whose general objective was to understand the perception that women of the same family have of the changes and continuities that occurred in the feminine condition in that family and in society in general. Semi-structured interviews and a demographic questionnaire were used for data collection. Data were analyzed using discourse analysis. The interviews revealed that family patterns influence, modify and are modified by the members within the family unit in a movement of change. The presence of generational conflicts in the transmission of certain behaviors, attitudes and values was noticed. This processes resulted in changes in the pattern of generational transmission. The permanence of traditional female roles in the family across generations became evident. .

Keywords: feminine condition; gender; family; transgenerational transmittion

A família é vista como a base da sociedade. Mesmo as sociedades mais primitivas tinham uma forma de se organizar em grupos nos quais as tradições eram transmitidas para outras gerações. Cada família deixa uma herança ideológica e afetivo-emocional para seus descendentes. O uso que esses farão ou não desse legado vai depender de muitos fatores.

O modo como cada família lida com questões privadas e aquelas relacionadas ao meio exterior ao lar é particular de cada uma. Esse processo depende da forma como a família se vê como um grupo coeso ou não. O ambiente social, cultural, econômico e histórico onde essa família se estrutura também afeta seu funcionamento e organização. Resulta daí a importância de pesquisar a família para entender o caminho que ela percorreu ao longo de sua história para então poder chegar à compreensão de como as percepções que os membros de uma mesma família têm acerca de um tema podem ser tão diferentes ou muito similares.

Esse artigo discute temas relacionados à condição feminina, em especial à experiência de mulheres na família, a partir da percepção de mulheres de diferentes gerações de três famílias do Distrito Federal. Em primeiro lugar, apresentaremos estudos que trazem reflexões sobre dimensões da vida familiar e sobre o lugar ocupado por mulheres nas famílias sob o viés transgeracional. Em seguida, apresentaremos os dados da pesquisa realizada e a discussão à luz da literatura apresentada.

1. As Transformações no Conceito de Família e as Mudanças nos Papéis Femininos no Meio Familiar

Nesse artigo pretendemos ressaltar que é importante entender o que é caracterizado como família. Tal entendimento constitui a base para então compreendermos como a condição feminina é determinada por concepções construídas historicamente e disseminadas dentro dos grupos familiares. É nesse contexto que os papéis femininos adquirem sentido e relevância.

Entender o conceito de família requer primeiramente a aceitação do processo de desnaturalização da família. A família é vista neste trabalho como uma organização não-natural e mutável. Há diversas definições de família. Tais definições podem enfatizar características da família como célula política e de produção econômica, ou como o núcleo socializador dos indivíduos e ainda como lugar de trocas afetivas.

A família passou por transformações ao longo dos séculos até chegar às diferentes configurações familiares que temos na atualidade. A nossa sociedade comporta diversos arranjos e re-arranjos dentro das famílias e essa flexibilidade teve uma origem, não se deu da noite para o dia.

No período pré-industrial a família era uma unidade na qual homens, mulheres e crianças trabalhavam juntos na casa e no campo. Não havia espaço para a intimidade e as relações eram pautadas no modelo de produção e reprodução. O pai como figura de autoridade detinha o poder de decisão na família. Com a Revolução Industrial, que ocorreu ao longo do século XIX, muitas famílias mudaram do campo para as cidades. Tanto o pai, a mãe como os filhos eram recrutados para trabalharem nas fábricas. Esse processo de industrialização e urbanização provocou uma reestruturação do grupo familiar (Bruschini, 1993).

No período pós-industrial a unidade familiar deixa de ser uma unidade econômica e adquire configuração de lugar afetivo, ao contrário da família tradicional cuja função não era afetiva e sim moral. (Féres-Carneiro, Ponciano & Magalhães, 2007). A figura da mãe surge como a educadora, a que mantém o ensinamento das funções dos membros da família a partir do modelo de divisão sexual no qual cabe ao homem o papel de provedor (público) e à mulher, o papel de cuidadora (privado).

A história das famílias no Brasil é também marcada por dinâmicas e processos de transformação. O Brasil colônia do século XVIII nos apresenta essa família como unidade de produção e reprodução em que a mulher tem o papel fundamental de cuidar e educar os filhos como parte de um projeto que visava disciplinar as mulheres da colônia por parte da Igreja. Fala-se, nessa época, no conceito da “mãe-santa” para designar essa mãe cuidadora que se dedica exclusivamente à família e às atribuições tradicionais femininas (Del Priore, 1993). Esse modelo prevaleceu no Brasil até a primeira metade do século XX, quando se pode observar o início do seu declínio (Oliveira, 2005).

Características atribuídas historicamente à mulher como fragilidade, docilidade, passividade, submissão, dentre outras, continuam presentes no imaginário social para definir o que é ser mulher (Diniz, 2004). O papel de cuidadora aparece como outra marca importante do lugar do feminino. Assim, por ser “cuidadora”, a mulher deve então se dedicar ao seio familiar para garantir a integridade da família. Suas atribuições seriam cuidar dos filhos, do marido e garantir um ambiente doméstico propício para o desenvolvimento dos membros da família (Rocha-Coutinho, 2004).

O declínio da família patriarcal permitiu o surgimento do modelo da família conjugal moderna. Nesse modelo, a união entre os cônjuges é baseada nos laços afetivos. Fala-se em casamento por amor. Houve assim, um estímulo para o surgimento de novos modelos de comportamento feminino e masculino e a reformulação dos papéis (Rocha-Coutinho, 2006b).

Nesse contexto de novos papéis, Oliveira (2005) chama atenção para a disseminação de famílias em que as mulheres são a figura provedora do lar – nas classes média e alta. O fato é que a figura da mulher provedora sempre existiu – principalmente entre as mulheres pobres. Ao ser ampliada para outras classes sociais, vemos aí refletida uma importante transformação social: o aumento do número de lares chefiados por mulheres.

Hall (2001) considera que a nossa sociedade, situada no período da pós-modernidade ou modernidade tardia é uma sociedade marcada pelo individualismo e traz consigo um novo padrão de vida pautado num aspecto muito peculiar - a mudança. As transformações passaram a ser o fermento da nossa sociedade e constituem aquilo que a diferencia das sociedades tradicionais.

É no contexto dessas transformações sociais que vemos lugar para o debate da transmissão geracional na reestruturação da família e da condição feminina. Falcão, Dias, Bucher-Maluschke e Salomão (2006) chamam a atenção para o aumento do número de famílias em que membros de até três ou mais gerações estão convivendo na mesma residência. Elas atribuem essa mudança na estrutura familiar à maior longevidade dos idosos e às próprias mudanças sociais da família.

A família é, portanto uma unidade que abrange diversas possibilidades de configuração. Cabe ressaltar, entretanto, que apesar das diferentes configurações que a família ganha, ela ainda é entendida como um lugar de passagem entre gerações graças ao qual devemos relativizar a idéia de declínio da família. (Féres-Carneiro, Ponciano & Magalhães, 2007). Continua sendo, portanto, o núcleo de origem e difusão dos aprendizados que os indivíduos adquirem na sua formação como pessoa, seja por meio da repetição desses padrões de aprendizagem ou pela ruptura. Tanto o trabalho clínico quanto a pesquisa com famílias demandam a compreensão das transmissões geracionais. Torna-se importante, nesse trabalho, situar a interação família, geração e identidade.

2. A Transmissão Transgeracional e a construção da dinâmica familiar

A transmissão transgeracional constitui um eixo de análise fundamental nessa pesquisa. As transmissões transgeracionais ocorrem porque materiais de ordem subjetiva fluem intra e intersubjetivamente entre os membros de uma família de forma que esses conteúdos ultrapassam as barreiras da subjetividade acarretando em uma transmissão interpessoal fundamentada em vínculos familiares.

As condições sociais e históricas também interferem na forma como esses conteúdos são transmitidos. Cabe, portanto, ressaltar que fatores de natureza diversa podem definir mudanças ou permanências de atitudes, valores e crenças, por exemplo.

Cada família tem sua maneira própria de criar rituais e comportamentos e isso é passado às gerações seguintes. As transmissões familiares seguem e são modificadas por uma dinâmica que determina a forma como o sujeito se posiciona na família e na sociedade, o que pode ser definido como herança familiar e herança social. (Carreteiro & Freire, 2006).

A transgeracionalidade é tratada nesse trabalho como aquilo que é transmitido. Refere-se aos componentes que perpassam a história da família, mas que se mantêm presentes ao longo das gerações. Ao mesmo tempo em que há a passagem de conteúdos de uma geração à outra, há também o movimento de apropriação, de permanência ou de mudança de tais processos no cotidiano das sucessivas gerações (Féres-Carneiro et al, 2007; Falcke & Wagner, 2005).

As transmissões familiares perpassam a vida e história dos membros da família sendo continuamente recebidas, transformadas e modeladas. Logo, o que é transmitido depende do processo de historialização e temporalização do sujeito. A compreensão de como as gerações futuras são afetadas pela postura e atitude das gerações anteriores no que diz respeito ao exercício dos papéis sociais definidos culturalmente e passados transgeracionalmente é um indicativo de como é relevante compreender a transmissão dos papéis de gênero.

Diferentes maneiras de ser mulher (e também de ser homem) são aprendidas em um determinado contexto. Esse aprendizado pode-se dizer, começa no seio da família, como representante primeira da sociedade. É na família onde ocorre o processo de transmissão transgeracional de significados. Como ressalta Diniz (1999), uma vez que gênero é aprendido e passado a gerações futuras, resulta em estilos, orientações e experiências distintas do mundo, e conseqüentemente, da vida familiar para homens e mulheres.

As mulheres, figuras principais na educação dos filhos, seriam as agentes da transmissão desses papéis. Os papéis femininos e masculinos exercidos no contexto familiar são passíveis de reprodução em cada geração da família e podem moldar as personalidades de homens e mulheres (Chodorow, 1979). Estruturam também a interação entre os cônjuges/parceiros, e, conseqüentemente, organizam a dinâmica conjugal e familiar.

Ao se tratar de realidades e experiências diferentes de organizar e estruturar a família, a inserção da questão dos dilemas criados entre as gerações é um ponto importante no discurso feminista, pois as gerações agregam valores, culturas e práticas típicas de sua realidade. Isso resulta em formas diferentes de exercer papéis femininos e masculinos, de viver a conjugalidade e de organizar a vida familiar. Esse processo culmina em uma necessidade de pensar no que faz parte da condição feminina de uma geração, que a moldou e a consolidou e no como isso é perpetuado ou não, assimilado totalmente ou parcialmente pelas gerações seguintes.

A possibilidade de transmissão das tradições acumuladas pelas diversas gerações acontece através das experiências vivenciadas, principalmente através dos avós. Entende-se que as gerações anteriores têm a responsabilidade de criar o substrato de experiências e tradições que poderão ou não ser continuadas pelas gerações seguintes. A família em formação tem a função de dar continuidade às crenças e mitos da família de origem. (Hintz, 2007).

Tradições, rituais, podem ser adaptados ou rejeitados pelos descendentes em função de fatores como, por exemplo, diferenças culturais entre gerações. A forma como uma pessoa lida com as heranças no processo de constituição da identidade e individualidade, assim como na troca intersubjetiva entre os membros da família pode resultar em repetições de padrões ou em criações e inovações (Féres-Carneiro et al, 2007).

Frustrar a expectativa da família com relação aos papéis a serem exercidos e aos valores e padrões a serem transmitidos pode, contudo, gerar sentimentos de solidão, sofrimento, culpa e abandono. A tentativa de rejeição de um padrão familiar se dá muitas vezes pela adoção de um modelo completamente oposto. (Falcke & Wagner, 2005).

Operam assim os conflitos de gerações. A cultura capitalista, marcada pelo individualismo, tende a promover a diferença de valores e condutas que, sendo divergentes de uma geração para outra, endossa a luta de poder intergeracional por

haver a quebra da fidelidade aos princípios, problemas e valores que marcaram a geração anterior (Motta, Azevedo & Gomes, 2005).

Hall (2001) fala de como as identidades possuem lugar e espaço; em como é importante levar em conta as tradições que ligam o passado e presente, pois esse é o contexto onde as narrativas conectam o indivíduo à sua história. Nesse sentido a nossa história atual marca o surgimento de inúmeras identidades individuais, familiares e culturais fluidas que encontraram na sociedade consumista o ambiente propício para se difundirem rapidamente. Da mesma forma que surgem, essas identidades desaparecem e cedem lugar a outras.

A noção de dinâmica familiar é vista aqui como fruto de uma construção transgeracional, que opera por meio das trocas e vínculos interpessoais. Voltamos então a pensar na importância da transmissão geracional e como ela transparece nas relações familiares, e por isso as colocamos em foco nessa pesquisa.

METODOLOGIA

O presente estudo é parte de pesquisa para conclusão do curso de mestrado. O objetivo geral foi compreender as percepções que três gerações de mulheres de uma mesma família têm acerca das mudanças e permanências que ocorreram na condição feminina naquela família e na sociedade como um todo. O objetivo específico desse estudo consistiu em entender a forma como três gerações de mulheres de uma mesma família percebem as mudanças e permanências no âmbito da vida familiar.

A pesquisa consistiu na realização de estudos de caso múltiplos e transgeracionais. O caráter da pesquisa foi qualitativo por pretender explorar a percepção que essas mulheres têm acerca das mudanças e permanências em dimensões das condições femininas. No caso desse artigo o foco foi compreender como as mulheres participantes percebem a dinâmica familiar e o lugar da mulher nessa dinâmica.

A pesquisa qualitativa pode ser entendida como um processo dialógico entre pesquisador(a) e o (a) pesquisado(a). Esse processo permite, por meio da progressão dos diálogos, a geração de informações importantes para a atividade reflexiva dos(as) pesquisadores(as). O objetivo é compreender ao máximo dimensões da experiência de cada pessoa reconhecendo que a Psicologia não dá conta de explicar a plenitude de todos os aspectos psicológicos das atividades humanas (González Rey, 2002).

Foram realizados três estudos de caso de caráter transgeracional, ou seja, foram entrevistadas avó, mãe e neta de uma mesma família. Estudos de caso múltiplos são considerados instrumentos apropriados para estabelecer essa postura dialógica entre o(a) pesquisador(a) e a pessoa pesquisado(a). São considerados métodos eficientes de investigação por suscitarem questões pertinentes a um determinado fenômeno permitindo melhor compreensão ou teorização sobre o mesmo, além de favorecer ou contestar uma generalização aceita (Alves-Mazzotti, 2006).

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas individuais semi-estruturadas com três mulheres de gerações diferentes de três famílias. Foram aplicados também questionários demográficos. A análise desses dados seguiu os preceitos da análise de discurso. Lima (2003) considera que a análise de discurso diz respeito ao conteúdo e continente da fala do sujeito, diferenciando-a de língua (conjunto de regras sistematizadas). Esse autor considera que a fala supõe uma autonomia do sujeito como sujeito psicológico. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo comitê de Ética. Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

As famílias foram separadas em três grupos, cada grupo composto por três mulheres de gerações diferentes da mesma família. Chamaremos os grupos de Família 1 (Avó 1, Mãe 1 e Neta 1); Família 2 (Avó 2, Mãe 2 e Neta 2) e Família 3 (Avó 3, Mãe 3 e Neta 3).

A Avó 1 tem 84 anos, é casada e teve 11 filhos. Tem o primeiro grau completo e é costureira autônoma. A Mãe 1 tem 55 anos, é casada, tem três filhos, possui o 2º completo e é vendedora na empresa da família. A Neta 1 tem 23 anos, é solteira, estudante universitária e também ajuda a família na empresa.

A Avó 2 tem 62 anos, é casada e tem três filhos. Tem o primário completo e trabalha na empresa familiar. A Mãe 2 tem 42 anos, é separada há 2 anos e meio, tem três filhos. Ela possui o 2º grau e trabalha como comerciante/balconista. A Neta 2 tem 22 anos, é casada, não tem filhos e é estudante universitária.

A Avó 3 tem 78 anos, é casada, 5 filhos (três mulheres e dois homens). É professora aposentada e cuida dos negócios da família junto com o marido. A Mãe 3 tem 55 anos, vive em união estável, teve duas filhas do primeiro casamento, tem ensino superior completo e é professora. A Neta 3 tem 34 anos, é casada e tem uma filha e é estudante de doutorado. As tabelas 1, 2, 3 e 4 abaixo ilustram a descrição das participantes.

Participantes:

Participaram desse estudo três famílias residentes no Distrito Federal. Chamaremos as famílias de Família 1 (Avó 1, Mãe 1 e Neta 1); Família 2 (Avó 2, Mãe 2 e Neta 2) e Família 3 (Avó 3, Mãe 3 e Neta 3).

TABELA 1: PARTICIPANTES

Família 1	Família 2	Família 3
Avó 1	Avó 2	Avó 3
Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3
Neta 1	Neta 2	Neta 3

TABELA 2: FAMÍLIA 1

	Avó 1	Mãe 1	Neta 1
Idade	84 anos	55 anos	23 anos
Tempo de casamento	56 anos	33 anos	Solteira
Número de filhos	11 filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Estudante universitária
Profissão	Autônoma	Trabalha na empresa da família	Trabalha na empresa familiar

TABELA 3: FAMÍLIA 2

	Avó 2	Mãe 2	Neta 2
Idade	62 anos	42 anos	22 anos
Tempo de casamento	45 anos	Divorciada	5 meses
Número de filhos	três filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Superior incompleto

Profissão	Trabalha na empresa da família	Balconista	Estudante universitária
------------------	--------------------------------	------------	-------------------------

TABELA 4: FAMÍLIA 3

	Avó 3	Mãe 3	Neta 3
Idade	78 anos	55 anos	34 anos
Tempo de casamento	Casada há 57 anos	União estável há cerca de 12 anos	Casada há 2 anos e meio
Número de filhos	5 filhos	duas filhas	uma filha
Nível Educacional	2º grau completo	Superior completo	Superior completo e mestrado
Profissão	Professora aposentada	Área administrativa	Bolsista de doutorado

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Percepção das entrevistadas sobre mudanças e permanências no âmbito da Família

Conhecer a percepção que as participantes têm acerca da importância e do funcionamento da família, foi um dos objetivos dessa pesquisa. A seguir serão apresentados os dados coletados e será feita a discussão dos mesmos. Para facilitar a compreensão das diversas dimensões da dinâmica familiar, os resultados foram divididos em subtemas que revelam dimensões da vida familiar.

Família 1:

Tema 1: Visão de família

As participantes da Família 1 ressaltaram a idéia de que a família tem um papel importante na constituição dos seus membros. Funciona como um alicerce nas horas

de dificuldade e ajuda na superação de conflitos. Avó 1: “É importante a família, muito...” A fala de Mãe 1 mostra os paradoxos presentes na dinâmica familiar: “...ao mesmo tempo que existe amizade, carinho, a preocupação de um com o outro. Existe muito conflito.” ...não tem ninguém que mexe com drogas...Então uma família com meu pai e minha mãe, com onze filhos, dezenove netos, bisnetos...mas eu acho que de um modo geral, bem sucedida”. Neta 1 entende que: “Família pra mim é a base, minha base, meu porto seguro realmente”.

Podemos ver como o modelo de família pós-moderna está refletido no relato das participantes. A família não é mais vista apenas como uma unidade de reprodução, mas como um lugar de trocas afetivas e de transmissão de ideologias. (Féres-Carneiro et al, 2007).

Tema 2: Comunicação familiar e respeito às diferenças

O respeito e a comunicação que os indivíduos têm com os demais membros da família foi um tópico que gerou uma pequena discordância no relato das participantes da Família 1. A Avó 1 relata que há respeito e comunicação. A postura diante de alguém da família que pensa ou age de forma diferente da dos demais membros é de aconselhar essa pessoa. “A gente oferece conselho.” A comunicação também era o meio utilizado para ensinar o que é ser homem e o que é ser mulher. “A gente ensinava conversando com eles, né.”

Já Mãe 1 e Neta 1 têm opiniões um pouco diferentes sobre a questão do respeito e da comunicação. Mãe 1 relatou: “...quando tem uma coisa que cabe a todos opinar, logicamente existe um conflito”. Neta 1 relatou que se sente dividida em relação ao respeito que os demais membros da família têm em relação à individualidade dela, havendo momentos em que ela se sente respeitada e momentos em que sente que a família pode estar tratando-a como marionete “o meu pai sempre me... ele me enxerga assim, a gente tem o trabalho junto e tal, mas ele respeita...quer respeitar as minhas vontades...”.

Tema 3: Divisão de papéis entre homens e mulheres na família

Os papéis exercidos pelo homem e pela mulher na família também foram vistos como um ponto de divergência na Família 1. A Avó 1 disse que o esposo ajudava nos afazeres domésticos, “Ele ajudava mais assim, passar roupa, assim, quando precisava, quando eu tava sem ter quem ajudar, ele me ajudava a passar roupa. Ajudava a cuidar das crianças...”.

No relato da Avó 1, podemos ver que havia uma fusão dos papéis masculinos e femininos exercidos por ela e seu esposo. A decadência do modelo familiar de pai provedor e mãe cuidadora, o modelo tradicional, que prevaleceu no Brasil até a primeira metade do século XX foi sendo transformado a partir da segunda metade do século passado (Oliveira, 2005). Rocha-Coutinho (2006) relata sobre o estímulo ao exercício de novos modelos de comportamento de feminino e masculino e a reformulação de papéis. Essa é uma característica que vemos se desenvolvendo na nossa sociedade e que aparece exemplificada no relato de Avó 1.

O relato da Mãe 1 evidencia um paradoxo na postura de seu pai (Avô 1) no que diz respeito aos papéis masculinos e femininos. Se por um lado ele assumiu papéis tipicamente femininos em relação à criação dos filhos, por outro, adotava uma posição mais tradicional sobre as funções de homens e mulheres. Ele dizia que todos tinham que trabalhar, mas que o homem não poderia realizar os afazeres domésticos, pois estes eram função da mulher: “Homem não vai pra cozinha, homem não varre casa, nada disso, só a mulher”. Esse relato de Mãe 1 nos faz questionar o relato de Avó 1 – com que frequência um homem que pensa dessa forma tradicional realmente passou roupa para “ajudar” sua mulher? É preciso pensar também na possibilidade de incongruência entre o comportamento - realmente passar a roupa- e a postura, ou seja, acreditar que essa tarefa é realmente serviço de mulher. Parece também que essa ajuda aconteceu quando os filhos eram bem mais novos e que não se estendeu a outras áreas e nem se manteve para além do período necessário.

Os papéis de pai e mãe são vistos pela Mãe 1 como não muito diferentes “Hoje, a mulher tem que trabalhar fora. Falar que homem, que pai é aquele que sustenta. Eu acho que agora, os dois é que têm que entrar... já não diferencio tanto. Porque antes você diferenciava claramente. Tem muita mãe que é pai, que é mãe, que é tudo. E muito pai também, que é mãe, e vice-versa. Está mais uma fusão. Não dá muito para separar o pai e a mãe. Eu acho que os dois têm que participar na educação dos filhos...”. Mãe 1 acha que o esposo pensa da mesma forma. Acredita que nesse ponto houve uma mudança nos padrões de ser pai e mãe das gerações passadas para as atuais: “E antes, pai era aquele que trabalhava fora, que dava a comida, que sustentava a casa, e a mulher só ficava em casa, mesmo se fazia algum trabalhinho, mas tinha que cuidar da casa”.

A Neta 1 acha que os pais ainda mantêm uma visão machista em relação aos papéis masculinos e femininos. “Meu pai, por exemplo, e minha mãe, são pessoas que realmente são muito tradicionais. E tem o machismo presente muito na família. O meu

irmão, assim, de arrumar o quarto, então meu irmão, não arruma ...” . Mas ao mesmo tempo, Neta 1 percebe que seus pais também adquiriram uma postura igualitária em relação às obrigações de homens e mulheres. “... tanto a função do homem ser o homem pródigo e provedor, isso já mudou um pouco. Até porque lá dentro de casa não existe muito essa função, porque a gente trabalha junto. Mas a forma de tratamento eu acho que muda muito pelo que a pessoa tem, mas não muda muito no sentido de ser homem ou mulher.”

A percepção de Neta 1 em relação aos papéis de pai e mãe dos pais dela é bem igual “...eu acho que não teve muito essa divisão do que é ser pai e o que é ser mãe “meu pai sempre foi muito de conversar... tem uma função de pai muito presente. “E mãe é no sentido de acolhimento mesmo, assim, a minha mãe não é muito de conversar, mas assim, sempre fui muito bem acolhida por ela, sabe, ela liga quando eu saio, ela fica preocupada”.

Tema 4: Tratamento dado a homens e mulheres na família

O tratamento que os pais dão aos filhos em função de ser homem ou mulher foi um dos fatores investigados. Avó 1 apresentou uma discordância no seu relato: primeiramente disse que havia essa diferenciação, pois “sempre é diferente um do outro, né, o homem é diferente da mulher”. No entanto, mais adiante, ela afirma que não há diferença de tratamento “...não tratam de forma diferente, se vem homem é homem, se vem mulher, é mulher. Tudo são a mesma coisa, tratado tudo com amor”. Parece que ela aqui faz uma superposição, ou quem sabe uma simplificação - uma “igualdade” de afeto não implica em “igualdade” de tratamento, até porque ela reitera de forma diferente a distinção entre homem e mulher.

Mãe 1 deixa transparecer que o tratamento dado às mulheres e aos homens era voltado para a questão das obrigações de cada um e que para o pai as obrigações para com os cuidados do lar era de responsabilidade das mulheres. Em sua fala, complementa essa temática confirmando que apesar de sempre ter feito de tudo para os três filhos percebe que ela mesma tratou de forma diferente os mesmos em determinados momentos “...eu acho que o amor, eu acho que é grande pelos três, mas as meninas lá em casa sabem que sempre eu tenho preferência pelo Marcos (nome fictício). Às vezes você tem um pouco mais de afinidade”.

Mãe 1 relatou que o esposo dela tem uma postura diferente na educação dos filhos. “Ele mesmo, sempre foi mais de diálogo, nunca foi de estar batendo nos meninos, mas ele dava castigo assim, de menino chorar. Tirava o que mais gostava...mesmo porque

ele apanhou muito do pai... de fio de poste... de machucar, então ele nunca quis. Ele tem o maior cuidado de não repetir o pai”.

A Neta 1 reforça essa percepção de diferença no tratamento que os pais adotam em relação às filhas mulheres e ao filho homem: “Tem, sem dúvida. Tanto nas coisas de casa como nessa questão, a gente fala que o meu irmão é o preferido”. Atribui essa preferência pelo irmão a alguns fatores como o fato de o irmão ter começado a trabalhar muito novo, aos oito anos, ao fato de ter sido o filho que foi planejado e esperado por quatro anos e por causa da personalidade de “estourado”, na opinião dela contribui para que os pais cedessem à vontade do filho mais prontamente.

A Família 1 apresenta algumas representações de padrões familiares que permaneceram ao longo das gerações. As entrevistadas relataram que aprenderam em suas famílias uma divisão entre papéis de homens e mulheres que atribui ao homem o papel do provedor e à mulher o de cuidadora, esteio da vida familiar. Em contraponto, elas ressaltaram que acreditam que na família delas as mulheres e homens podem exercer papéis mais iguais. Mãe 1 e Neta 1 relataram que acham que homens deveriam assumir mais funções junto à família, construindo uma parceria de mais igualdade com as mulheres. Todavia, no quesito diferença de tratamento Neta 1 afirmou que percebe que há uma certa preferência pelo filho homem e enfatiza a postura tradicional de seus pais que ela acredita que influencia nessa diferença de tratamento ente homens e mulheres.

Família 2:

Tema 1: Visão de família

Avó 2 é casada há 45 anos e resume a família em um termo “Tudo”. Diz, entretanto, que enfrentou e ainda enfrenta dificuldades devido ao fato de ter dois filhos especiais, mas que mesmo assim aprendeu muito com eles.

Mãe 2 relatou que aprendeu com sua família a perseverança “ao lado deles que eu vi é que a gente nunca deve desistir daquilo que a gente quer. Independente de você ter as condições naquele momento ou não”. A importância da família, na percepção da Mãe 2, para o crescimento dela como pessoa vem do exemplo dos pais “...eles foram criados na fazenda, não tinham nenhuma instrução escolar... mas mesmo assim nem por isso eles deixaram de batalhar pelo que sempre quiseram né”.

De acordo com a percepção da Neta 2, a família contribuiu no seu crescimento como pessoa no sentido de que “Facilitou a comunicação” e que por isso ela é bastante comunicativa. Mas, na visão dela a família também trouxe alguns obstáculos: “...dificultou e dificulta muito pra mim é em relação à convivência a dois que a gente via nos dois em relação a homem e mulher...que acabou fazendo eu criar um bloqueio enorme em relação a confiar em homem, em geral”.

Tema 2: Comunicação familiar e respeito às diferenças

Avó 2 relatou que por parte dela e do esposo há o respeito em relação à individualidade dos filhos, mas que no tempo dos pais dela era diferente. “Não tinha tanto essa liberdade que a gente tem hoje”. Compara a postura da família dela de origem em relação à comunicação “Eu fui criada em fazenda, lá era mais... não tinha muita comunicação”. Ela disse que o esposo tem uma postura mais fechada no que se refere à comunicação “Como pai ele é bem fechado....ele ajuda direitinho, nunca deixa faltar nada, ele sempre cuida da obrigação dele, sempre foi feita tá? Agora sobre diálogo com os filhos ele sempre é bem fechado”. Aqui vemos ressaltados momentos em que papéis tradicionais e não-tradicionais de homem e pai – mulher e mãe estão presentes na geração de avós.

Mãe 2 também confirma que sempre houve esse respeito por parte dos pais e acrescenta que sua família sempre foi unida apesar de alguns obstáculos na comunicação entre os membros “...a gente é uma família... um pouco fechada, mas sempre quando tá com algum problema a gente sempre procura”.

Neta 2 afirma que o respeito na família partia mais da mãe dela que do pai e que era diferente antes do divórcio deles. “...quando meu pai e a minha mãe eram casados não tinha muito esse respeito em relação à individualidade. Às vezes eles cobravam muito da gente, obrigavam a gente a fazer certas coisas que a gente não queria”.

Tema 3: Divisão de papéis entre homens e mulheres na família

Com relação aos papéis masculinos e femininos, Avó 2 aprendeu em sua família sobre o que é ser esposa e mãe. É que “naquela época os pais ensinavam às filhas que tinham que se casar, ser dona-de-casa, ser mãe e ser esposa. Era a prioridade naquela época”. O que foi confirmado na fala da Mãe 2: “no tempo da minha mãe o que era ensinado é que a mulher só servia pra casar e ter filho. Aí depois, na minha geração, meus pais já me ensinaram diferente, né?”. Podemos perceber que já há uma mudança da concepção de ser mulher/mãe da geração da avó para a geração da mãe. Esta fala

confirma que a idéia de gênero é aprendido e passado a gerações futuras, resulta em estilos, orientações e experiências distintas do mundo para homens e mulheres (Diniz,1999).

Avó 2 mencionou que o esposo tem uma atitude mais conservadora sobre a participação dele nas atividades domésticas e afirmou que ele participa “muito pouco. Uns 10% no máximo. A família que ele foi criado, os homens não podiam fazer nada de doméstico, de casa... Agora não, os meus filhos não, já vem desde pequeno, mesmo os especiais fazem os serviços de casa”. Esse relato mostra que Avó 2 tem adotado uma postura diferente da criação que ela e o esposo receberam dos próprios pais em relação aos filhos no que diz respeito aos papéis de homens e mulheres.

Avó 2 fala que dentro de casa, há uma certa cobrança por parte do esposo em relação à contribuição de cada um “Eu ajudo ele na empresa familiar, sempre ajudei, desde o início ...às vezes tem uma coisa que ele quer eu faça uma coisa que não tá no meu limite eu sou obrigada a falar que não, que a obrigação é dele não minha”. A contribuição do esposo é pequena na percepção dela “O máximo que ele faz, às vezes, levanta de manhã e leva as crianças, criança, porque eu tenho meus filhos como criança, né, na escola, ele ajuda a fazer uma limpeza na nossa loja, jogar lixo fora, fazer às vezes até um café, esquentar uma comida”. A obrigação do esposo para com os filhos e a família é vista pela Avó 2 da seguinte forma: “Ele acha que a obrigação dele é muita, que não tem tempo. Que essa obrigação é minha”. Interessante notar que a Avó 2 compartilha com o avô da tarefa de prover a família; no entanto parece ser cobrada e tratada como se exercesse “apenas” os papéis de mãe, dona de casa e cuidadora dos membros da família.

Mãe 2 aprendeu que a mulher deve assumir mais papéis além de cuidadora. “na minha geração, meus pais já me ensinaram diferente, né? Que eu teria que estudar, me formar e ter a minha profissão. Além de eu ser dona de casa ou mãe ou esposa, eu tinha que ter uma profissão”. Aqui temos uma fala que reflete mudanças nos papéis de gênero e ao mesmo tempo a natureza paradoxal desse processo – embora os pais mantenham uma dinâmica tradicional, incentivaram a filha a investir na profissão e construir uma trajetória que a permitiria ser independente.

Neta 2 acredita que os papéis femininos e masculinos devem ser mais iguais, mas percebe que a mulher ainda deve ser a responsável principal pelos cuidados com a casa “o que eu acho fundamental pra mulher fazer...pelo menos no meu casamento é a organização, o homem tem que ajudar a manter, mas a organização assim... é a mulher que tem que se atentar pra isso”. Percebemos que há uma contradição de opiniões na

fala de Neta 2. Ao mesmo tempo em que ela constantemente se refere à igualdade entre as funções de homens e mulheres suas falas retratam resquícios da visão tradicional dos papéis femininos e masculinos.

Tema 4: Tratamento dado a homens e mulheres na família

Na família 2, Avó 2 apresentou falas divergentes em relação ao tratamento que os pais dela (ou seja, a família de origem de Avó 2) davam aos filhos homens e às filhas mulheres no que diz respeito às obrigações de homens e mulheres. Primeiramente afirmou que havia uma diferença muito clara no tratamento que os pais dela davam aos filhos e às filhas. Ao ser perguntada posteriormente se notava algum privilégio ou diferença de tratamento entre os homens e mulheres da família por parte dos pais dela, ela disse que eles tratavam os filhos “de forma igual”.

Mãe 2 disse que não havia diferença de tratamento entre os filhos e as filhas na família de origem dela, pois seus pais “ensinaram diferente”. Em sua geração os pais ensinaram que ela deveria estudar, se formar e ter a profissão dela, além de se casar e ser dona-de-casa e que ela tentou passar isso pros filhos dela também.

Mãe 2 comentou também sobre essa questão em sua família nuclear. Mencionou que o ex-esposo tratava o filho deles de forma diferente das filhas. “Com relação a namoro, a sair, elas não tinham essa liberdade, né? Ele era um pouco ignorante, ele não sabia conversar, não tinha diálogo”. Nessa situação de conflito ela exercia a função de “apaziguadora, conciliadora”.

O papel do ex-marido de Mãe 2 como esposo era restrito à função de provedor. “Não, lá não existia” – diz Mãe 2 se referindo ao compartilhamento de tarefas. “O trabalho era eu mesma. Não, em casa não ajudava não...pagava as contas, não deixava faltar nada. Fazia a obrigação dele mesmo, assim, né, mas na questão de me ajudar em casa fazendo algum trabalho doméstico, não” (sobre a participação do ex-esposo nas atividades domésticas). Já a visão que ela tem dela mesma como esposa é pautada na idéia de que ela cumpriu com os papéis de mãe e esposa que eram esperados dela. “o papel que me cabia como esposa eu acho que eu cumpri. Acho que até demais. Se tivesse cumprido menos eu tinha cometido menos erros e teria dado outro rumo, outra história, né?”

Mãe 2 vê o papel de pai e mãe como bem diferentes. “Eu acho que a primeira forma de ser mãe é ser amiga”. A concepção de pai do ex-esposo dela se limitava à função do provedor. “Que ele acha que ser pai é aquele que dá roupa, dá comida, paga as contas, que paga a escola...É o provedor, mas não é aquele que participa da vida de

um filho, que nunca foi numa reunião da escola, que nunca sentou com um filho pra conversar, pra saber se tá com algum problema, não. O negócio era dar bronca, impor as regras e pronto, então pra ele, isso era ser pai”. A participação do ex-esposo da Mãe 2, como pai, era percebida por ela como limitada. “Principalmente na época de escola, ele nunca participou de uma reunião de escola de filho. Assim, quando tinha que dar bronca ele dava. Eu só não aceitava a forma como ele fazia”. Ela atribuiu essa forma do ex-esposo de lidar com os filhos à criação que ele recebeu da família dele “...a família dele foi muito criada dessa forma, assim, nesse termo, meio machista mesmo”.

Neta 2 confirma enfaticamente que o irmão era tratado de forma diferente “não só pelo fato dele ser caçula, mas pelo fato dele ser homem”. Embora não tem filhos, afirmou que o marido é muito participativo nos afazeres domésticos, sempre foi a favor da mulher trabalhar fora, que eles resolvem tudo com diálogo e que espera poder passar esses mesmo valores que recebeu para os filhos. A única questão que Neta 2 acredita que faria diferente da criação que recebeu da mãe diz respeito à expressão dos sentimentos, que em sua família era uma prática pouco exercida: “... questão de bloqueios e eu não quero passar essas coisas para os meus filhos, eu quero mudar isso, que é um defeito muito grande”.

Na Família 2 pudemos notar que padrões do modelo familiar tradicional marcaram a experiência dessas mulheres com o exercício dos papéis femininos. Avó 2 apresentou relatos contraditórios em relação à diferença de tratamento dado aos homens e às mulheres da família de origem. Mãe 2 foi mais pontual ao dizer que seu ex-esposo tratava de forma claramente desigual o filho homem das filhas mulheres, principalmente no que diz respeito às funções de homens e mulheres. Essa diferença de tratamento foi confirmada e percebida por Neta 2, que alegou pretender fazer diferente com seus filhos quando os tiver.

Família 3:

Tema 1: Visão de família

A família na concepção da Avó 3 é a coisa mais importante para o indivíduo e ela sente que sua família lhe deu equilíbrio e estrutura. Avó 3 comenta: “...eu procurei transferir também pra meus filhos e acho que fui muito bem sucedida porque hoje a minha família é unida... pra mim, a família é a coisa principal pra uma sociedade sadia”. Ela sempre menciona o papel da religião na criação dos filhos, tanto ela como o esposo foram educados em colégios religiosos. Carreteiro e Freire (2006)

mencionam que a prática religiosa é um legado que geralmente é um dos mais comuns de se perpetuar nas famílias.

Mãe 3 acredita que a família contribuiu para o crescimento dela como pessoa, mas também trouxe bloqueios, principalmente em relação à comunicação, pois afirmou que sua mãe “não gosta de falar abertamente as coisas pras pessoas” e que ela e os irmãos aprenderam assim. Talvez possamos pensar aqui nas transmissões transgeracionais de materiais de ordem subjetiva que fluem intra e intersubjetivamente entre os membros de uma família (Carreteiro e Freire, 2006) para entender como um comportamento ou uma atitude é repetida por membros de outra geração mesmo que isso não tenha sido passado de forma explícita, expressa verbalmente.

Neta 3 atribuiu à família os valores que ela adquiriu como “honestidade, integridade, questão de trabalho...” e que contribuíram para o crescimento dela como pessoa. Ela não soube apontar no momento obstáculos que a família dela trouxe para o seu crescimento como pessoa.

Tema 2: Comunicação familiar e respeito às diferenças

Avó 3 afirmou brevemente que há comunicação e respeito à liberdade dos membros da família. Mãe 3 foi mais abrangente ao falar desse tema. Ela disse que havia respeito “na maior parte das atitudes” dos membros da família. A comunicação era percebida por ela como tabu, pois ela alegou que “certos assuntos não eram discutidas, outros ela (Avó 3) não deixava, não gostava que a gente falasse ou chegasse na pessoa e perguntasse”.

Neta 3 foi muito sucinta ao falar da comunicação e respeito aos outros membros da família - disse que é algo que varia de cada um. Os relatos da Mãe 3 revelaram que ela foi criticada por ter criado as filhas com um padrão de comunicação diferente. Frustrar a expectativa da família com relação a um papel pode, contudo, gerar sentimentos de solidão, sofrimento, culpa e abandono. A tentativa de rejeição de um padrão familiar se dá muitas vezes pela adoção de um modelo completamente oposto. (Falcke & Wagner, 2005).

Tema 3: Divisão de papéis entre homens e mulheres na família

Avó 3 acredita que não houve diferença no que diz respeito ao que define homens e mulheres: “É aí, na minha família já foi mais moderno, né, mais do que na minha criação. Aí já foi uma coisa assim que é por igualdade, tanto homem como mulher”. Contudo, em seguida ela responde o que acha que é ser mulher: “Eu acho que o papel

da mulher é esse aí, é de apoio pro marido, compreensão e apoio pra família... E o homem, pra mim, tem que ser igual, porque se não houver uma parceria igual, também, não há vitória”.

A fala de Mãe 3 evidencia uma postura tradicional na percepção da diferença entre homens e mulheres: “Ah, eles eram assim, muito rígidos, né, com a fabricação do caráter, da honestidade, né... era assim uma coisa assim, mais livre, para os homens né, e pra mulher, mais rígido. O que eu sempre sentia é que pra gente era mais fechado e para os homens era uma coisa mais aberta”. Os relatos de Avó 3 e Mãe 3 evidenciam uma diferença na visão que elas têm acerca da concepção de mulher. Avó 3 afirmou que há mais igualdade na visão de homens e mulheres, mas em seguida aponta atribuições tradicionais à definição de mulher. Mãe 3 apontou que essa definição tradicional de mulheres é muito forte em sua família.

Neta 3 percebe que há um padrão que a família segue que confere às mulheres a responsabilidade com o cuidado. Ela especifica através do seguinte exemplo: “Práticas domésticas, digamos assim, são as mulheres, né, geralmente”.

Tema 4: Tratamento dado a homens e mulheres na família

A Avó 3 alegou que a criação que ela deu aos filhos foi mais moderna que a que ela recebeu e que eles têm mais igualdade entre os homens e mulheres. Contudo ela afirmou que na opinião das filhas há uma diferença. “Na opinião das minhas filhas, elas falam que eu adulo os homens, que eu tenho mais preferência pelos homens, aquela política de ciúmes, né...”.

Na opinião da Mãe 3 essa diferença por parte da mãe dela (Avó 3) era clara e presente no dia-a-dia. “...ela responsabilizava muito a mulher, no caso, que era eu, que era a segunda filha e era mulher”. Acrescentou que essa diferença era mais acentuada em relação ao irmão mais velho, devido ao fato de ele assumir o papel do homem da casa na ausência do pai, que viajava muito. “Ele assumiu no sentido de exigir, entendeu, que a gente fizesse coisas pra ele, que a gente obedecesse. Ele era assim violento, entendeu? Tanto nas palavras quanto na atitude”. Isso foi um quesito que ela quis mudar na criação das filhas dela. “Pra mim isso sempre foi muito pesado. Foi uma coisa que eu nunca aceitei. Tive muito problema com isso, e assim, fiz tudo pra não passar isso pras minhas filhas”.

A fala da Mãe 3 reflete um tabu percebido por ela e que está presente na sua família. Esse tabu estaria refletido na postura tradicional da mãe (Avó 3), do pai e do irmão, que impuseram a ela uma carga de responsabilidades maior por ser filha mulher

e mais velha. Ela se refere a esse evento com uma certa mágoa, pois além do encargo das responsabilidades por si só já ter sido estressante para ela, isso lhe era imposto de forma violenta.

A diferença de tratamento também é percebida por Neta 3 nos rituais de família: “... por exemplo, no natal, as mulheres trabalham e os homens ficam....né? As práticas domésticas são mais pras mulheres e os homens resolvem coisas externas assim, digamos assim, questões externas da família...”. Ao ser perguntada se ela também trataria de forma diferente os filhos das filhas, afirmou que tentaria tratar da forma mais igual possível, mas que “não tem como ser exatamente igual porque homem é diferente de mulher, mas eu tenderia a equilibrar melhor”.

Neta 3 relatou que o marido dela é bastante aberto à idéia da mulher trabalhar e que ele contribuiu até mais que ela com a criação da filha e alguns afazeres domésticos, mas que ainda tem alguns conceitos sobre papéis masculinos e femininos bastante arraigados na criação tradicional. “Quando a minha filha nasceu ele falava “Ah, eu não vou ter um ajudante pra me ajudar nas coisas da fazenda” e tal, e eu falei “Como não? Vai sim. Ela vai poder te ajudar, não tem nada a ver ser mulher ou ser homem”. Neta 3 demonstra nessa fala uma intenção de mudar a forma como tratará a filha em relação aos papéis tradicionais femininos e masculinos.

Os padrões familiares impostos na Família 3, de acordo com os relatos das entrevistadas, são muito arraigados no modelo tradicional. Por virem de uma educação mais rígida e pautada na transmissão dos bons costumes, Avó 3 passou aos filhos esse modelo de criação mais impositivo. A percepção de Mãe 3 das limitações desse estilo de criação resultou em questionamentos que muitas vezes foram repreendidos de forma violenta. Mãe 3 tentou mudar esses padrões de comunicação e tratamento em relação aos filhos na criação de suas filhas, buscando uma forma mais igualitária de lidar com papéis masculinos e femininos. Neta 3 reafirmou essa mudança no tratamento dado a homens e mulheres que sua mãe tentou lhe passar e que ela pretende passar para sua filha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família é vista como a base da sociedade, o que já é por si só uma boa justificativa para a importância de entender a história da família e o caminho que ela percorreu ao longo dessa história. Devemos entender as famílias como unidades da sociedade que estão em constante movimento. Como um sistema, as transformações

que ocorrem em um núcleo, afeta os demais, assim, as mudanças em uma família podem refletir as mudanças da sociedade que é representada pelos indivíduos em seus grupos.

Nessa pesquisa, visamos explorar a percepção de mulheres de três gerações de uma mesma família sobre a história da família em relação à transmissão de modelos e papéis familiares. Vimos na literatura que a família é uma instituição mutável, que passou por modelos patriarcais até os modelos de família dos séculos XX e XXI, onde os papéis femininos e masculinos começaram a sofrer transformações. Assim, a intenção foi conhecer como a percepção dessas transformações aparece na fala de mulheres, como elas percebem sua posição nesse contrato socialmente estabelecido, se ele existe mesmo, se está em processo de transformação e como tudo isso afeta as relações intergeracionais.

As Famílias 1, 2 e 3 mostraram poucas divergências em relação à percepção que elas têm da família. As participantes concordaram que a família é o esteio da constituição do indivíduo. Em contrapartida, elas relataram que apesar de ser a base de sua construção pessoal, um dos pilares dessa base, a comunicação, é falha. Avó 2, Mãe 2, Neta2, Mãe 3 mencionaram dificuldades na comunicação entre os membros da família, principalmente por parte dos pais, que eram vistos como mais fechados.

A diferença de tratamento foi um item importante nas entrevistas, pois essa diferenciação entre homens e mulheres define não só o lugar das pessoas na família como a sua função. Mãe 3, por exemplo, disse que aprendeu que mulher tem que cuidar de casa, do marido e dos filhos, pois era assim que seus pais pensavam e isso lhe foi imposto em função de ser a filha mais velha.

Os relatos das Netas 1, 2 e 3 apontam uma mudança na percepção sobre os papéis femininos e a transmissão geracional. Elas acreditam que as mulheres devem exercer não só funções tradicionais femininas, mas também devem associar a isso outras funções – estudar, trabalhar. Acreditam que os papéis masculinos podem ser mais iguais aos femininos e pretendem transmitir às gerações futuras essa postura mais igualitária no tratamento de filhos e filhas.

As famílias têm seu papel de geradoras de ideologias e isso só é possível porque elas como células do organismo sociedade também funcionam como lócus de transmissão de padrões de comportamento, valores, atitudes, crenças. Por isso consideramos de extrema importância retratar aqui o papel da transgeracionalidade ao longo da história das famílias entrevistadas.

Estudos como esse devem ser realizados visando à ampliação do entendimento das transmissões dentro das famílias, no intuito de revelar como a escolha de dar continuidade a um legado ou o abandono do mesmo pode afetar a forma como as famílias passam a se configurar e construir assim, um novo modelo.

CAPÍTULO III – GÊNERO E CONJUGALIDADE EM UMA PERSPECTIVA TRANSGERACIONAL

Resumo: Esse artigo traz dados parciais de pesquisa de mestrado e visa mostrar a percepção de mulheres de três gerações da mesma família acerca da condição feminina no âmbito da conjugalidade. Participaram da pesquisa nove mulheres – avós, mães, netas – de três famílias distintas. Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada e questionário sócio-demográfico e foram analisados através de estratégia de análise do discurso. Trataremos de novos e velhos modelos de conjugalidade e o papel da transgeracionalidade na transmissão de papéis conjugais. As entrevistadas relataram, em sua maioria, ter uma boa impressão do casamento. As dificuldades são contornadas com o auxílio dos parceiros. Vimos que os modelos tradicionais familiares ainda definem as atribuições da mulher no que diz respeito aos papéis como esposa. Concluimos que a forma como a condição feminina se manifesta nas relações de gênero afeta a maneira que essas mulheres lidam com a conjugalidade. A transgeracionalidade tem papel fundamental nesse processo de transmissão de papéis femininos e de valores sobre o que é ser esposa.

Palavras-chave: gênero; condição feminina; conjugalidade; família.

Abstract: This article presents data from a masters' degree research and aims to show the perception of three generations of women from the same family about the feminine condition in the context of conjugality. Participated in the study nine women - grandmothers, mothers, granddaughters - of three distinct families. Data were collected through semi-structured interviews and a socio-demographic questionnaire. They were analyzed using discourse analysis. We discuss new and old models of conjugality and the role of marital transgenerational processes in the transmission of marital roles. Interviewees reported, mostly, that women have a good impression of marriage. They overcome difficulties with the help of partners. We saw that traditional family models still define the roles and duties of women as wives for the interviewees. We conclude that the way the feminine condition manifests itself in gender relations affect how these women deal with their conjugality. The transgenerational transmission plays a key role in this process of transmission of female roles and values about what a wife should be.

Keywords: gender; feminine condition; conjugality; family.

A conjugalidade é uma das esferas da condição feminina que merece ser estudada devido ao lugar que ocupa na vida de mulheres. O papel de esposa é um aspecto importante da identidade feminina. Aprende-se a ser esposa assim como aprende-se a ser mulher e mãe. Papéis femininos que definem o que é ser mulher também vão definir o que é ser esposa. As atribuições da esposa, o que é esperado de mulheres é marcado pelas expectativas de gênero e é transmitido para outras gerações.

Esse estudo é parte de um projeto de pesquisa de mestrado cujo objetivo foi compreender as percepções de mulheres acerca da condição feminina. Um dos objetivos específicos foi investigar a percepção que as mulheres entrevistadas têm sobre conjugalidade. Entender a conjugalidade passa a ser uma questão importante, pois existem tipos diferentes de conjugalidade, nem sempre atrelados ao casamento formal e que afetam a forma como as famílias se constituem em seus diferentes arranjos.

Várias formas de conjugalidade existiram ao longo da história e existem na atualidade. Nesse artigo fazemos uma breve análise dos modelos de conjugalidade e suas transformações ao longo dos tempos. Em seguida, focamos a influência de gênero na construção da conjugalidade. Tratamos também da importância da transgeracionalidade como fator importante na adoção ou rejeição de modelos de conjugalidade nas novas gerações. Na seção seguinte, são descritas as estratégias metodológicas utilizadas na pesquisa. Por fim, são apresentados os resultados e a discussão dos dados coletados.

1. Conjugalidade: Do Modelo Antigo de Amor Romântico à Influência da Contemporaneidade das Relações

Falar de relacionamento amoroso entre homens e mulheres ou entre indivíduos do mesmo sexo, dentro ou não do casamento, implica ter em vista que a forma como aprendemos a exercer essa prática remete ao modelo de amor cortês, amor romântico de séculos atrás. Esse tipo de relação sofreu alterações ao longo dos séculos; no entanto, podemos perceber que a relação entre cônjuges ainda carrega elementos desse modelo de amor romântico.

O amor cortês, típico da idade média perdurou até meados do século XVII. Apesar de ser um jogo de sedução que se dava numa época em que as práticas matrimoniais tinham finalidade econômica e não priorizavam o exercício do amor na conjugalidade. A prática do amor cortês teve papel significativo na promoção da

condição feminina, mas sem alterar a posição hierárquica de submissão da mulher em relação ao homem. As mulheres são postas em um lugar de relevo no ato do cortejo, o qual era um jogo onde o poder era concedido à mulher. A conquista da mulher que é objeto do cortejo dependia da observação das singularidades do ser feminino. Eram ressaltadas características do feminino que eram peculiares do período, como a imagem da donzela sensível e frágil. Traços desse modelo influenciam até hoje as relações entre masculino e feminino nas sociedades ocidentais (Duby & Perrot, 1990).

A conjugalidade vista sob a ótica do modelo cortês trouxe uma visão do amor pautada no romantismo. As práticas amorosas de nosso tempo, ainda são marcadas por traços do modelo de amor romântico, o qual traz em seu bojo a idéia de que tentamos fugir da solidão buscando nossa “outra metade” para completar um dito “buraco” (Gikovate, 1996). O autor aponta que a sociedade reforça essa busca pelo outro e trata como anormal os que estão sozinhos. Há a repulsa social pela solidão que empurra as pessoas para a necessidade do outro que traga a sensação de completude, o que é uma contradição na mesma sociedade que preconiza a individualidade (Gikovate, 1996; Hall, 2001). Talvez aqui, possamos pensar que o entrave está em como os indivíduos exercem essa individualidade dentro de uma relação a dois sem necessariamente excluir o outro.

Pensar o exercício da individualidade numa relação a dois, requer entender que o indivíduo traça metas, faz planos, se mobiliza na realização de seus objetivos pessoais a partir da avaliação de suas potencialidades. Contudo, a partir do momento que ele decide aliar sua vida à de outra pessoa, ele passa a precisar reorganizar seus planos, e sua vida de um modo geral (Willi, 1995). Mesmo que não reorganize planos, pelo menos suas estratégias podem ser adaptadas para abarcar também os planos do outro, pois assim se constrói uma vida a dois. É o que o autor considera como um casal funcional, que estabelece uma diferença entre fantasia, percepção, ações e que avalia conscientemente as consequências de entrar ou não em consonância com os constructos do parceiro (Willi, 1995).

Giddens (1993) aponta outra perspectiva de conjugalidade que teve origem no final do século XVIII. O autor descreve o que seria a base da relação do casal na modernidade. Esse autor define uma relação democrática com direitos e obrigações iguais e onde a intimidade e a comunicação emocional são características centrais.

Tal perspectiva inaugura o conceito do relacionamento nutrido pela própria relação afetiva entre os indivíduos. Nesse tipo de conjugalidade a pessoa “entra em relação social com outra pessoa apenas pela própria relação, pelo que pode ser

derivado por e para cada pessoa da manutenção de uma associação com outra” (Giddens, 1993, p. 68-69). A sociedade ocidental atualmente reforça esse tipo de prática amorosa mais igualitária entre os cônjuges e pautada pelos laços afetivos.

A conjugalidade se coloca, portanto, como uma fortaleza para a construção da família, que pode continuar funcionando como um refúgio consolidado por laços sólidos e duradouros (Amazonas & Braga, 2007). Enquanto houver a disposição de dois indivíduos em se relacionar, compartilhar suas vidas, ideologias, valores, projetos de vida há em potencial a possibilidade de manutenção da família.

2. Gênero e Sua Influência no Exercício da Conjugalidade

A conjugalidade constitui uma dos contextos onde as questões de gênero, ou seja, as expectativas e a divisão de papéis masculinos e femininos se fazem presentes e facilmente observáveis. O que os homens aprendem sobre o que é ser homem é transferido para a concepção do que é ser marido, seus papéis e obrigações. O mesmo ocorre com as mulheres.

Giddens (1993) fala em seu trabalho da idéia tradicional de que o pai é a autoridade disciplinadora e a mãe assume uma forma mais branda e democrática na educação dos filhos. A conjugalidade, nessa perspectiva, se ergue em torno de uma divisão clara de papéis pautada na diferença de poder entre os sexos.

O papel da mulher na família muitas vezes era o que definia sua identidade, a partir de suas funções como mãe e esposa. Saffioti (2001) explica como o modelo patriarcal conferiu ao homem o poder de rechaçar aquilo que lhe parecesse não se enquadrar no modelo esperado do que é ser mulher. É coerente, portanto, entendermos que a mudança nos papéis femininos também reflete uma mudança dentro da família e da forma como elas e eles avaliam a conjugalidade (Carter & McGoldrick, 1995).

Willi (1995) nos mostra uma idéia de conjugalidade baseada na tentativa de tornar a relação o mais igualitária possível para ambos os cônjuges. Isso englobaria a divisão mais igualitária entre os direitos e obrigações de ambos na distribuição dos papéis e regras das quais depende o funcionamento saudável desse sistema.

O casal contemporâneo é considerado o núcleo da família desde que essa deixou de ser uma unidade econômica e passou a ser considerada uma célula da sociedade. Nesse contexto, os indivíduos, na figura do pai e da mãe, se unem pelos

laços do amor e afetividade (Giddens, 2007; Féres-Carneiro, Ponciano, & Magalhães, 2007).

O exercício da conjugalidade é um tema de grande relevância nos estudos de gênero, pois podemos ver como as concepções acerca do feminino e masculino e os papéis atribuídos a homens e mulheres podem definir a forma como os casais se comportam dentro de uma relação. A diferença de gênero pode até marcar a percepção que os cônjuges têm acerca do casamento. Falcke; Mosmann & Wagner (2005) apontam que os maridos tendem a avaliar o relacionamento de forma mais positiva que as esposas, talvez por conseguirem conciliar sua expectativa pessoal com as expectativas dentro do casamento.

As mulheres, entretanto, vivenciam a conjugalidade de forma mais conflituosa por encontrarem mais dificuldade de conciliar expectativas pessoais e profissionais somadas às expectativas de exercício de funções tradicionais, passadas transgeracionalmente pela família. (Diniz, 2004, Diniz e Perlin, 2005) apontam para a desigualdade de gênero no meio familiar e conjugal como fator de estresse para mulheres. Tanto homens como mulheres são pressionados a manter padrão tradicional de valores, mas em contraponto, têm que se adaptar às diferentes demandas nas esferas do trabalho, independência, conjugalidade propostos pela modernidade. Essas diferentes demandas são sentidas pelos casais como sobrecarga e pode afetar o relacionamento do casal.

A questão da transmissão transgeracional de modelos e valores ganha relevância aqui. A seguir abordaremos brevemente algumas formas de conjugalidade. Procuraremos apontar como elas são entendidas e passadas entre as gerações.

3. Velhos e Novos Modelos de Conjugalidade: O Papel da Transgeracionalidade

O modo de ser mulher e de ser homem é definido dentro de um modelo social de divisão sexual dos papéis masculinos e femininos. O ser esposa e ser esposo também exige de homens e mulheres o cumprimento de papéis estabelecidos previamente pela sociedade. Assim, as expectativas que se criam em torno da forma como nos constituímos mulher ou homem também recaem sob a forma como nos constituímos como cônjuges. As famílias ensinam a seus membros o que é esperado e como devem se portar como maridos e esposas. O modelo familiar tradicional é marcado por essa prática de se ensinar o que são as atribuições femininas e masculinas dentro do casamento.

O legado, a herança, a história são elementos que transmitem a idéia de uma tradição, de algo consolidado no passado. Contudo, podemos ver que tradição é um termo e uma idéia que são frutos da modernidade, embora possa nos parecer mais antigo. Giddens (2007) aborda isso no seu livro “Mundo em descontrolé” no qual fala que as tradições podem ser inventadas, pois são propriedades de grupos, comunidades, sociedades. O que acontece no mundo contemporâneo é que a sociedade pode criar tradições esvaziadas de conteúdos, comercializadas, desvalorizadas.

Giddens (2007) aponta que uma tradição não desaparece necessariamente; ela pode ressurgir de forma diferente num movimento de avanço e recuo em que novas dinâmicas vão sendo adotadas tendo como eixo a dinâmica entre dependência e autonomia. O dilema estaria em assumir essa tradição, num movimento de dependência ou a “emancipação humana dos constrangimentos do passado” (Giddens, 2007, p.56), num movimento de autonomia.

Vitale (2007) traz a idéia de que a contemporaneidade marcada pelo individualismo e narcisismo, constrói uma sociedade em que o olhar do “outro” traz a validação do sujeito e de sua individualidade. Mesmo buscando sua individualidade, o sujeito precisa do respaldo social para seu comportamento. E é aí que surge, dentre outras coisas, o sentimento de vergonha no sujeito com relação á aceitação ou não dos legados familiares.

Esse movimento de rejeição ou aceitação das tradições também está presente nas famílias, influenciando a construção de suas histórias. As transformações na família moderna seguem tendências sociais e vice-versa. Sendo a família o lócus das trocas afetivas e de informação, esses novos *modus operandis* dos papéis familiares são discutidos, questionados e revisados entre os membros das diferentes gerações de uma família (Rocha-Coutinho, 2006). A rejeição de um modelo tradicional pressupõe a adoção de um novo modelo. A sociedade moderna vem apresentando diferentes configurações de relacionamentos amorosos pautados nessa quebra de velhos paradigmas.

Constata-se que existe uma fluidez no exercício da conjugalidade na contemporaneidade. Essa flexibilidade pode explicar, por exemplo, como os casais de hoje em dia já passam a considerar a possibilidade de separação mesmo ainda no início da relação (Féres-Carneiro & Magalhães, 2005). Hintz (2007) cita exemplos de rearranjos familiares: família monoparental, família reconstituída (em função de separações e recasamentos), famílias unipessoal, associação (não há grau de parentesco), casais que moram em casas separadas, casais homoparentais. A autora

aponta que nas famílias reconstituídas a transmissão da herança transgeracional, das crenças, regras e da história familiar é ampliada, pois abarca membros recém agregados (Hintz, 2007).

O casal contemporâneo tende a ser mais impaciente ou exigente um com o outro e com os filhos, esperando respostas ou mudanças mais rápidas em sentimentos e comportamento. As crianças fazem parte da geração zapping, caracterizada pela fugacidade, pelo anseio de querer tudo para agora e por considerar tudo muito descartável. Há menos tempo para investir nas relações e na intimidade entre os familiares é menor. Sem esse investimento o que se nota é um declínio das configurações familiares convencionais.

A questão é: seria isso a crise da família conjugal moderna a que se refere Goldenberg (2000) quando menciona as crises da pós-modernidade? Até que ponto as novas gerações querem transmitir os legados deixados pelas gerações anteriores no que concerne aos papéis femininos e masculinos e as funções dos parceiros dentro do casamento?

A transgeracionalidade é relevante na vida conjugal, pois os cônjuges não se casam apenas um com o outro, mas também com suas famílias de origem. A escolha dos cônjuges é muito influenciada pela vivência e observação que cada um deles teve do casamento de seus pais. Eles podem ter tido experiências positivas que os levem a se identificar com o modelo e buscar uniões semelhantes ou experiências negativas que os levem a buscar um modelo oposto. (Falcke; Mosmann & Wagner, 2005).

A livre escolha do cônjuge pode ser maior quanto menos conflitos não-resolvidos houver na família de origem (Angelo, 1995). Daí a importância de buscar informações transgeracionais nas famílias que podem dizer sobre a escolha do cônjuge. Magalhães & Féres-Carneiro (2005) abordam a transmissão psíquica nas famílias e sua influência na forma como as novas gerações entendem a conjugalidade por meio da vivência que tiveram da conjugalidade dos pais. O que ela chama de romance familiar, passado de geração a geração por meio das narrativas e histórias familiares, afeta a forma como eles irão construir a sua noção de casamento.

Falcke e Wagner (2005) trazem também uma interessante analogia ao dizerem que é como se as pessoas tivessem vozes familiares gravadas no seu interior e que o grau e a quantidade da influência dessas vozes é que vai diferenciar uma pessoa de outra. Essa voz é única e particular de cada família e é ela que vai permitir a comunicação intergeracional na transmissão das dificuldades e anseios dos pais (Falcke & Wagner, 2005).

A transmissão dentro da família é algo fluido e mutável. Não podemos dizer que esse processo se dá de forma padronizada, exata ou que segue regras. Já vimos que as configurações das famílias têm sofrido mudanças e adquirido novos arranjos e como consequência, as formas como elementos da história de cada família são transmitidos também mudaram e vêm se adaptando não só à nova configuração da família, mas também às transformações da sociedade. A construção e vivência da conjugalidade são marcadas por todo esse processo.

Apresentamos a seguir a metodologia e resultados parciais de pesquisa de mestrado com o objetivo de apresentar e debater questões em torno da conjugalidade a partir da experiência de três gerações de mulheres (avó, mãe e neta) de três famílias do Distrito Federal.

METODOLOGIA

Esse estudo é parte de pesquisa para conclusão do curso de mestrado. O objetivo geral foi compreender a percepção que três gerações de mulheres de uma mesma família têm acerca das mudanças e permanências que ocorreram na condição feminina naquela família e na sociedade como um todo. Um dos objetivos específicos foi entender as mudanças e permanências no âmbito da conjugalidade para as mulheres participantes.

A pesquisa, de natureza qualitativa, consistiu em estudos de caso múltiplos de caráter transgeracional. A coleta de dados foi possível mediante a realização de entrevistas individuais semi-estruturadas com três mulheres de gerações diferentes de três famílias. Foram aplicados também questionários demográficos. As entrevistadas foram contatadas por meio de conhecidos e as entrevistas foram feitas nas casas das participantes em horários combinados de acordo com a disponibilidade das mesmas.

Os dados foram analisados segundo preceitos de análise de discurso. Rocha-Coutinho (2006a) discute que a análise da narrativa oral de mulheres em estudos de gênero permite dar voz a essas mulheres ao oferecer uma análise mais atenta da linguagem e dos significados de palavras para compreender a experiência emocional de mulheres e como as mulheres se adaptam à cultura em que vivem. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo comitê de Ética. Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

As participantes foram mulheres de três famílias do Distrito Federal. Chamaremos as famílias de Família 1 (Avó 1, Mãe 1 e Neta 1); Família 2 (Avó 2, Mãe 2 e Neta 2) e Família 3 (Avó 3; Mãe 3 e Neta 3).

A Avó 1 tem 84 anos, é casada há 56 anos e teve 11 filhos. Ela tem o primeiro grau completo e é costureira autônoma. A Mãe 1 tem 55 anos, é casada há 33 anos, tem três filhos (duas mulheres e um homem). Ela possui 2º completo e é vendedora na empresa da família. A Neta 1 tem 23 anos, é solteira, estudante universitária e também ajuda a família na empresa.

A Avó 2 tem 62 anos, está casada há 45 anos e possui três filhos (duas mulheres e um homem). ELA tem o primário completo e trabalha na empresa familiar. A Mãe 2 tem 42 anos, foi casada por 22 anos, hoje é separada há quase 2 anos, e tem três filhos (duas mulheres e um homem). Ela possui o 2º grau e trabalha como comerciante/balconista. A Neta 2 tem 22 anos. Na época da entrevista estava casada há cinco meses, não tem filhos e é estudante universitária.

A Avó 3 tem 78 anos, é casada há 57 anos, e teve cinco filhos (três mulheres e dois homens). Ela é professora aposentada e cuida dos negócios da família junto com o marido. A Mãe 3 tem 55 anos, vive em união estável por cerca “de 10 a 12 anos”. Teve duas filhas do primeiro casamento e não tem filhos com o atual parceiro. Possui ensino superior completo e é professora. A Neta 3 tem 34 anos, está casada, tem uma filha e é estudante de doutorado.

Os relatos acerca da percepção sobre conjugalidade das mulheres de três gerações de uma mesma família, em três famílias diferentes serão discutidos a seguir. As tabelas 1, 2, 3 e 4 abaixo ilustram a descrição das participantes.

Participantes:

Participaram desse estudo três famílias residentes no Distrito Federal. Chamaremos as famílias de Família 1 (Avó 1, Mãe 1 e Neta 1); Família 2 (Avó 2, Mãe 2 e Neta 2) e Família 3 (Avó 3, Mãe 3 e Neta 3).

TABELA 1: PARTICIPANTES

Família 1	Família 2	Família 3
Avó 1	Avó 2	Avó 3
Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3

Neta 1	Neta 2	Neta 3
--------	--------	--------

TABELA 2: FAMÍLIA 1

	Avó 1	Mãe 1	Neta 1
Idade	84 anos	55 anos	23 anos
Tempo de casamento	56 anos	33 anos	Solteira
Número de filhos	11 filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Estudante universitária
Profissão	Autônoma	Trabalha na empresa da família	Trabalha na empresa familiar

TABELA 3: FAMÍLIA 2

	Avó 2	Mãe 2	Neta 2
Idade	62 anos	42 anos	22 anos
Tempo de casamento	45 anos	Divorciada	5 meses
Número de filhos	três filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Superior incompleto
Profissão	Trabalha na empresa da família	Balconista	Estudante universitária

TABELA 4: FAMÍLIA 3

	Avó 3	Mãe 3	Neta 3
Idade	78 anos	55 anos	34 anos
Tempo de casamento	Casada há 57 anos	União estável há cerca de 12 anos	Casada há 2 anos

			e meio
Número de filhos	5 filhos	duas filhas	uma filha
Nível Educacional	2º grau completo	Superior completo	Superior completo e mestrado
Profissão	Professora aposentada	Área administrativa	Bolsista de doutorado

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conhecer a percepção que as participantes têm acerca da conjugalidade foi um dos objetivos dessa pesquisa. A seguir serão apresentados os dados coletados e será feita a discussão dos mesmos.

Percepção das entrevistadas sobre mudanças e permanências no âmbito da Conjugalidade

Família 1

Avó 1 é casada há 56 anos teve 11 filhos e tem uma visão positiva acerca do casamento: “Ótima, a melhor coisa”; “Exige respeito, muito respeito e muito amor, se não, não dá”. Na opinião dela a visão que o esposo tem do casamento é também positiva. “Ele gosta do casamento, tanto que ele se casou”. Sobre o que ela acha que o esposo espera dela: “Ah, acha que deve fazer a obrigação de casa”. Ainda acrescentou que não há cobrança por parte dele nesse sentido. “Ele nunca exigiu pra mim o que eu devo fazer”.

Avó 1 acredita que encarou as exigências do casamento de forma tranqüila junto com o esposo “A gente combinava muito bem né? A gente se sentia bem um com o outro, né, e seguia pra frente.” Ela foi bem sucinta ao responder que não acha que o casamento, a maternidade e o trabalho tenham dificultado a vida conjugal. “Não, a gente sempre tinha uma vida boa”. Sobre as dificuldades e facilidades do casamento:

“Não, meu casamento, sempre, graças a Deus foi tudo muito bem, né. Porque tendo amor, nada dificulta”.

Mãe 1 é casada há 33 anos e valoriza o esforço de cada cônjuge em conhecer o outro e a capacidade de ceder. “Eu acho que tem que conhecer muito bem o outro... Um relacionamento a dois não é fácil... tem que ter a resignação, não aceitar tudo ou conversar depois”. Acredita que o machismo ainda é presente na relação a dois. “Não deixa de ter o machismo, eu acho que tem. Eu acho que o machismo predomina muito mesmo”. Aprendeu o que é ser mãe e esposa com a mãe dela. “...eu acho que muita coisa que ela (Avó 1) passou, aquele apoio, carinho, procurar ensinar o certo... os afazeres de casa. Tem muita mulher que às vezes o marido briga por que a mulher não sabe fazer isso, não sabe fazer aquilo, que depende do marido”.

Mãe 1 compartilha com o marido a mesma visão de casamento. “Tanto eu quanto ele, a gente é muito assim, por exemplo: se um gosta do outro, gosta, então está junto por que gosta. Acho que tem que ter a tolerância... de um modo geral é assim, eu acho que há fidelidade acima de tudo... eu vou sentir muito menos magoada se me deixar do que me trair”.

Mãe 1 relatou o que pensa que seu esposo acha que é obrigação da esposa: “Eu acho que principalmente em relação ao sexo...no caso dele vem em primeiro lugar. Eu sou até meio desligada, por que eu acho que o homem tem mais necessidade do que a mulher... Pelo menos, é o que a gente subentende, mas eu acho que o relacionamento sexual, conjugal, tem que ser você, é insubstituível”. Percebe que o marido faz cobranças nesse sentido “Principalmente no sexo... eu tenho a impressão que ele me cobra mais do que eu dou”. Isso foi relatado por ela com um obstáculo ao casamento. Outro ponto sensível é a intimidade “devido a intimidade que tem, muitas vezes você machuca com mais frequência a pessoa que você mais gosta. Por conhecer melhor você pega no ponto fraco mesmo”. Perguntada quanto ao que facilitou a manutenção do casamento, ela disse: “o que mais facilitou, de certa forma, eu acho que a paciência. Porque são duas pessoas diferentes...”

Mãe 1 relatou que o esposo não faz cobranças com relação às obrigações para com a casa. “Ele é do tipo que do jeito que fizer...ele não é de reclamar de nada. Mas, ele já bota a coisa dele no microondas...qualquer coisa ele pega o ferro e vai tentar passar a camisa que amarrota mais...”. Inclusive ela menciona que o esposo se preocupa como fato de ela tentar fazer tudo em casa: “ele achava é ruim, às vezes de eu ficar querendo dá conta de tudo – Não. Deixa ai. Vamos comer fora. Você não vai fazer comida hoje”. Essa preocupação do esposo esbarra na postura de Mãe 1: “Então,

eu sou muito assim, ou porque eu sei fazer, eu tô com vontade, eu vou e faço. Então já deixo mais ou menos do jeito, porque, aí eu não tenho que ficar na cozinha o tempo todo”.

É possível observar nesse relato da Mãe 1 o que Giddens (2007) descreveu sobre o que seria uma relação democrática com direitos e obrigações iguais em que a intimidade e a comunicação emocional são características centrais. Mãe 1 revela que o esposo assume uma posição de parceiro, demonstra preocupação com o fato dela se sobrecarregar nas tarefas domésticas e até se arrisca a colaborar com algumas atividades.

Mãe 1 disse que o primeiro filho só nasceu após o quarto ano de casamento. Ela percebeu que isso de alguma afetou a relação conjugal com o esposo “antes eu deixava até a cueca em cima da cama. A roupa, tudo bonitinho, ali dele vestir. Trabalhava fora, mas não tinha criança. É diferente, você vai sentir que casou quando vier menino”.

A visão de casamento da Neta 1 está relacionada à percepção que ela tem do casamento da avó, da mãe e de pessoas ao redor dela “a minha avó teve formas diferentes de superações do que a minha mãe, sabe”. Ela acha que ter que fazer superações é algo complicado para ela “...às vezes ter que passar por superações assim muito grandes no sentido do outro mesmo e coisas que eu não sei se eu me submeteria...então minha visão de casamento, acho que as pessoas vivem muito de aparência e deixam essa coisa de cumplicidade um pouco de lado”. Hall (2001) e Vitale (2007) explanaram acerca da contemporaneidade marcada pelo individualismo e narcisismo. Os indivíduos estão voltados para suas demandas, expectativas e projetos, e perdem um pouco ou não aprendem a exercer o olhar sobre o outro. Neta 1 narrou essa dificuldade em se submeter a situações em que tenha que promover superações, no relacionamento, em função do outro.

Neta 1, ao ser perguntada sobre o desejo ou expectativa em relação a se casar, respondeu: “Eu penso sim. Só falta arrumar um marido. Tá difícil. Então eu acho meio difícil, mas eu penso”. Ela falou sobre a noção de fidelidade “ser fiel é uma coisa muito difícil, hoje em dia... os valores tão muito bem... são muito diferentes...” e a posição dela diante desses novos valores “O pessoal fala que eu tenho uma visão muito antiga, não nesse sentido, mas uma visão antiga de, por exemplo, nunca gostei de sair e sair ficando sabe...”

Tanto Avó 1 quanto Mãe 1 têm uma visão muito positiva acerca do casamento. Elas relataram não ter tido grandes dificuldades no casamento e mencionaram

experiências de cumplicidade com seus cônjuges. Ambas mencionaram que aprenderam que as atribuições da esposa estão ligadas às atribuições de mãe e mulher. Elas devem cuidar do lar, dos filhos e do marido. A Neta 1 acredita que o casamento hoje em dia é muito envolto em hipocrisia, que muitos casais vivem de aparências e ela não estaria disposta a viver nesse modelo de conjugalidade.

Família 2

Avó 2, ao ser perguntada sobre o que é casamento respondeu: “...hoje é difícil um casamento durar 45 anos que nem o meu”. Resumiu em uma palavra: “...é família”. Foi visto na literatura que a conjugalidade se coloca como uma fortaleza para a família, que pode continuar funcionando como um refúgio consolidado por laços sólidos e duradouros. (Amazonas & Braga, 2007). E a fala da Avó 2, apesar de muito sucinta, deixa isso muito claro.

Acerca das exigências do casamento e como são encaradas a Avó 2 pensa que “É tranqüilo e não é, né, porque existe muita barreira, né. Geralmente a gente manter casamento, filho e casa, não é fácil...tem que ter sabedoria pra poder manter tudo isso em pé”.

Avó 2 acredita que o que está passando para as gerações futuras é diferente do que ela aprendeu com os pais: “é o que sempre eu falo pra elas, hoje a mulher não pode viver só para o lar. Eu acho que a mulher tem que evoluir”. Narrou que promoveu um movimento de ruptura com algumas tradições da sua família de origem, o que para Giddens (2007) exige uma emancipação do indivíduo com o passado da família.

Perguntada sobre os obstáculos do casamento Avó 2 disse que “o que mais dificultou o nosso casamento foi financeiramente mesmo”. Já um dos fatores que facilitou o casamento foi compartilhar o cuidado com os filhos especiais “num ponto meus filhos especial, ajudou muito, porque segurou muito meu casamento, porque...Uma união a mais”.

A Mãe 2 tem uma imagem negativa do casamento dela “...se eu pudesse voltar no tempo, eu não tinha casado. Porque eu sempre tive um casamento muito conturbado, assim, né. Igual eu falo, se eu fui feliz eu não lembro, no meu casamento não”. Apesar de mencionar que o casamento não foi “100% ruim” enfatizou que a melhor coisa do casamento foram os filhos, os três filhos que ela teve. O ônus do casamento na vida dela é refletido na fala “eu perdi muito. Eu parei de estudar, eu não

tive minha profissão, eu casei cedo, eu já casei grávida, já tive que eu cuidar de menino...”. Encontrou dificuldades no exercício da conjugalidade. Esse tipo de relato é muito comum por parte de mulheres que vivenciam de forma mais conflituosa a tentativa de conciliar as expectativas pessoais e as expectativas da família, passadas transgeracionalmente. (Falcke; Mosmann & Wagner, 2005).

Mãe 2 não descarta, contudo, a possibilidade de se casar novamente e já tem um ideal de esposo “quem sabe daqui a uns dias também eu encontro a pessoa certa. O que seria hoje? Seria um homem mais responsável, que me respeitasse, que me aceitasse da forma que eu sou. Que fosse um homem menos ignorante.., mais aberto ao diálogo. Que fosse uma pessoa, assim, que tivesse, como se fala, com caráter, que soubesse o que é certo e o que é errado e as conseqüências que teria, né”.

A visão do ex-esposo da Mãe 2 em relação ao casamento, na opinião dela é uma visão tradicional “pra ele mulher é o seguinte: é quem lava, passa e cozinha. Isso pra ele é mulher”. Ao mesmo tempo que Mãe 2 fala de uma visão do esposo reduzida ao exercício de tarefas, ela relata que as cobranças do ex-esposo não se referiam às tarefas domésticas, mas ao papel dela como esposa da forma como ele gostaria que ela exercesse. “Ele não cobrava porque eu sempre fui uma dona-de-casa perfeita. Mãe 2 fala das divergências com o ex-esposo: “A gente brigava pelo que, porque ele era muito irresponsável, ele queria que eu fosse pra bar com ele com criança pequena e eu nunca fui”. Na época, o ex-esposo dela era motoqueiro, viajava muito e queria que ela fosse junto: “Porque primeiramente, pra mim, são meus filhos, eu sempre fui responsável. Então ele não se importava se o filho ia tá com alguém se ía tava sozinho... Então é por isso que a gente brigava muito. Por isso o nosso casamento não deu certo, por isso”. Em seu relato, Mãe 2 não entrou em detalhes sobre a postura do ex-esposo durante o casamento, mas ficou claro que havia confrontos entre ambos e que ele era uma pessoa impulsiva. Ela mencionou brigas freqüentes.

Mãe 2 mencionou os valores que recebeu da família como forma de desencargo de consciência durante o processo de separação “Porque eu não fui criada assim, né, não foi nesses valores ... a minha mãe sempre passou os papéis ... da gente sempre ver a melhor forma da pessoa ser honesta, ser digna, se você ‘poder’ ter sua moral. Isso eu sempre tive... eu separei e pode procurar alguma coisa aí de errado que eu fiz, pra falar: “Ah foi por esse motivo”. Não tem, né”. Para resumir a visão de casamento e explicar a separação ela completa: “porque eu acho que o casamento é de duas pessoas, não é só de uma né? Ele casou bem, eu casei mal”.

Neta 2 estava casada há cinco meses na data da entrevista e a visão de casamento que ela tem é boa. Em sua opinião, “o lado positivo da coisa é que o casamento em si é bom, ainda mais quando o casal combina, tem o diálogo, quando tem respeito, que é importantíssimo num relacionamento, ter respeito e confiança”. Sobre a imagem que ela tem de homem ideal ela acredita que depende da mulher: “homem ideal, a gente cria, na verdade a mulher, a mulher quando é sábia, ela é que consegue fazer o homem ficar no modelo que ela quer, né, e aos pouquinhos ela vai moldando o homem, ma eu acho que a maneira do homem ideal é o que a mulher sempre cobra: carinho, atenção e ser presente, ser presente”. Acha que para seu esposo o casamento seria “lealdade, fidelidade, em todos os sentidos, não no sentido carnal, aquela coisa, mas assim, apoiar as decisões, a pessoa ser companheira mesmo, de cumplicidade do casal”.

A divisão das obrigações e a cumplicidade permeiam todo o relato da Neta 2. Acredita que é possível construir uma relação saudável em que ambos os cônjuges assumam seus papéis e atribuições de forma mais igual. O pensamento de Neta 2 reflete colocação de Willi (1995) que nos mostrou uma idéia de conjugalidade baseada na tentativa de tornar a relação o mais igualitária possível para ambos os cônjuges por meio da divisão dos direitos e obrigações de ambos. Acrescentou que seu esposo tem uma visão peculiar de um dos papéis da esposa: “Talvez o que ele ache que seja coisa de mulher é que mulher tem a responsabilidade de comprar roupa pra ele, porque ele detesta fazer compras”. Segundo ela o papel da mulher, para o esposo dela, abrange outras funções além dos cuidados com a casa.

Neta 2 acredita que o que facilita, deixa o casamento melhor é “carinho, atenção...respeito também é muito importante e sinceridade”. Ela considera que o que dificulta o casamento é “mentira dificulta e a falta de confiança. Só o tempo, que eu te falei que tá tão corrido. Ele lá, eu cá” e acrescenta “a rotina tá sendo cruel pra nós dois”. Mesmo ainda não tendo filhos, perguntada se ela acredita que casamento, a maternidade e o trabalho afetariam de alguma forma a vida conjugal, respondeu que acha que as dificuldades podem vir com o nascimento dos filhos “filho vai cobrar tempo, ou vai cobrar atenção, mas tem que discutir, porque mulher tem que ser malabarista...”.

De forma geral, a percepção que a Neta 2 tem sobre casamento foi pautada no exemplo que ela teve dentro de casa, com o casamento dos pais. As entrevistas deixam claro que a Mãe 2 sempre aconselhou as filhas a seguirem um caminho diferente do dela. Sabemos que a escolha dos cônjuges é muito influenciada pela

vivência e observação que cada filho/a teve do casamento de seus pais. Eles podem ter tido experiências positivas que os levarão a se identificar com o modelo e buscar uniões semelhantes ou experiências negativas que os levarão a buscar um modelo oposto. (Falcke; Mosmann & Wagner, 2005).

As experiências que a Neta 2 teve como casamento dos pais teve muitos aspectos negativos e ela fez questão de demonstrar que optou por fazer escolhas diferentes de sua mãe, não só sobre projetos de vida, mas também sobre o casamento. Podemos constatar através de suas falas que ela escolheu um cônjuge que, bem diferente de seu pai, lhe possibilita um espaço para o afeto, a comunicação, a cumplicidade, que a mãe relatou não ter tido com seu ex-esposo.

Família 3

Avó 3 está casada há 58 anos, tem três filhos e duas filhas e a visão que ela tem de casamento é de que “...às vezes têm uns altos e baixos, nem tudo flores, tem também as épocas de dificuldades, assim, né, na parte de conjugal, mas eu diria que no total, foi bom, uma coisa boa, uma coisa saudável e que hoje é o alicerce da nossa família”. Avó 3 acha que o esposo concorda que é feliz no casamento. Perguntada se na opinião dela, há papéis que ela acha que o esposo acredita que ela deve desempenhar ela disse que acha que “ele acompanhou a modernidade, que a esposa tem o mesmo dever, aliás, o marido tem o mesmo dever da esposa, então é repartido lá, não tem assim uma coisa que só a mulher deve cuidar, então é repartido mesmo, dividido”. Mais uma vez a idéia de Willi (1995) da intimidade conjugal pautada na repartição das obrigações entre os cônjuges de forma consciente e mais igualitária está presente na fala de uma entrevistada. O que chama atenção nesse caso é que trata-se de mulher da geração de avós.

A Avó 3 relatou, que a capacidade de conciliar as funções de mãe, esposa e trabalhadora não afetaram a vida conjugal. A fala dela foi: “Concilieei da melhor forma possível, viu? Não houve nada que pudesse atrapalhar”. Essa fala pode parecer otimista ou simplista demais. Entendemos que ela deixa subentendido que apesar das dificuldades, o somatório da experiência de vida conjugal é positivo.

Avó 3 disse que “os fatores que tornam o casamento melhor, é a formação que vem da família, o exemplo que ele teve dos pais e eu tive dos meus também... E a dificuldade que eu tive com o casamento foi essa dificuldade de, às vezes, na época que ele viajava, as crianças eram pequenas, precisavam de muita atenção e eu tive que

desdobrar pra acompanhar...”. O esposo dela passou a contribuir mais com tarefas domésticas depois que ele não precisava viajar tanto a trabalho. Ela disse que ele faz algumas atividades como “compras, faz até o café da manhã”.

A Mãe 3 é separada do pai das duas filhas dela e está em um relacionamento estável há 12 anos. Hintz, (2007) ressalta que está cada vez mais comum os novos arranjos familiares, dentre eles a família reconstituída (em função de separações e recasamentos).

A visão que Mãe 3 tem de casamento é bastante influenciada por essa experiência que ela viveu com o ex-esposo dela: “eu não tenho uma visão muito boa do casamento, do casamento tradicional em que as pessoas se toleram ou uma anula a outra, por exemplo, como o meu casamento com o pai das minhas filhas, foi muito difícil nesse sentido, tanto que eu não consegui ficar, fiquei só sete anos porque eu me sentia muito massacrada mesmo, né, muito desrespeitada. Então eu não tolerei isso, e quando eu quis me separar, foi pior ainda, porque eu levei anos pra conseguir me separar. É, ele não aceitava a separação, e tinha algumas ameaças”. Estaria ela reproduzindo o modelo de casamento de sua mãe? Não relatou agressões físicas por parte do ex-esposo, mas ficou claro que havia ameaças. Seu pai foi descrito como um homem muito sério e às vezes violento, assim como seu irmão mais velho. Também não houve relato de violência do seu pai para com sua mãe, mas ficou evidente que a violência era usada na família para a disciplina dos filhos. O modelo de homem com o qual ela conviveu era o de homem agressivo e rude, expresso na figura de seu pai e irmão, o que lhe trouxe experiências negativas na família de origem.

A idéia de homem ideal na opinião da Mãe 3 é “aquela pessoa que tem companheirismo, que te apóia... E também seria aquela pessoa que pudesse contribuir pra educação dos filhos, eu acho que isso é importantíssimo porque no caso do meu pai, foi uma educação ausente, ausente de pai e do meu ex-marido também, a educação das minhas filhas foi uma educação ausente do pai”. Esse é um dos valores que ela disse que tentou passar para as filhas dela sobre o casamento “Então eu acho que esses valores, pra mim, eles são muito importantes, eu tentei passar isso pra minha filha... porque eu senti muita solidão no primeiro casamento”. Em sua percepção, o atual parceiro compartilha dessa idéia de que o casamento é um “apoio mútuo”.

Perguntada sobre as dificuldades no atual casamento a Mãe 3 mencionou que estavam mais ligadas à questão dos filhos “a gente teve muitos problemas em relação aos filhos, tanto em relação a elas, as minhas filhas, só que são problemas que a gente superou, tanto nós dois, né, eu e ele (o atual parceiro)... quanto a ele em relação a elas

e delas em relação a ele”. E também houve obstáculos em relação aos filhos dele, do primeiro casamento “Então a gente tentou aproximar e foi assim, muito difícil”. No casamento anterior, as dificuldades estavam relacionadas à sobrecarga das funções maternas. Ela disse: “Eu que tinha que cuidar dessa parte da educação delas. Ele só levava, assim pra passear, ele era muito carinhoso, mas ele gostava de pegar elas assim, arrumadinhas pra dar uma volta pra passear. Mas a questão de levar pra escola, de acompanhar os estudos, entendeu, de levar no médico, de ir numa reunião, ele nunca teve. Só fui eu”.

Neta 3 está casada há 2 anos e meio e tem uma filha. Ela disse que tem uma impressão boa do casamento. “E é surpreendente que seja uma coisa boa porque eu nunca quis casar, mas aí a gente resolveu e é uma coisa boa, a gente divide a vida, é bom. Tem o companheirismo”. Percebemos que havia a preocupação de não repetir o padrão de casamento dos seus pais: “Acho que por causa do modelo que eu vivi da minha mãe e do meu pai, né, que não deu muito certo. Aí eu achava que comigo também não ia dar certo”. Neta 3 acredita que o marido dela compartilha da mesma imagem que ela tem do casamento que é “muito boa”. Seu esposo acredita que os papéis da esposa são relacionados aos cuidados “cuidar da casa, cuidar da nossa filha”, de acordo com a percepção dela.

Neta 3 percebe que um dos fatores que colaboram para a qualidade do casamento é o fato de eles sempre buscarem estar juntos e o amor entre eles, além de “ter valores parecidos”. O que dificulta o relacionamento na opinião dela é o fato de ela considerar que os dois são “opostos” se referindo à personalidade de ambos e o fato de trabalharem demais.

Na Família 3, vemos mais uma vez, a questão do modelo do casamento dos pais influenciando a escolha dos parceiros. A resolução de situações que abarcam a conjugalidade na família de origem pode determinar o grau de liberdade que a pessoa tem na escolha do cônjuge, pois essas situações não estariam determinando a necessidade que a pessoa tem de se relacionar com um tipo específico de parceiro (Angelo, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo vimos a importância de entendermos as especificidades da conjugalidade e como esta está diretamente influenciada pelos padrões sociais e pelos

papéis de gênero. Assim como aprendemos a ser mulher e a ser homem, aprendemos a ser esposa e a ser esposo.

A família, vista como o esteio da sociedade, é a base e lugar do exercício da conjugalidade. É no núcleo familiar que os casais exercem suas individualidades e suas dinâmicas conjugais. Vimos que as configurações familiares podem mudar e que a conjugalidade acompanha essas transformações. A forma como os cônjuges se relacionam entre si e com os demais membros da família é moldada ao longo das gerações e depende do compromisso das novas gerações para a sua perpetuação ou adaptação.

Ao analisar as falas das entrevistadas percebemos que há mudanças e permanências na percepção da conjugalidade entre as gerações. Na Família 1, a Avó 1 e a Mãe 1 têm uma visão muito positiva acerca do casamento - acreditam que o papel da esposa é mais relacionado ao papel tradicional da mulher, pois assim aprenderam em suas famílias de origem. Elas relataram ter tido um casamento mais fácil e harmonioso, pois seus cônjuges eram parceiros na vida familiar. Mãe 1 acredita que a única coisa que afetou o casamento foi o ciúme do marido, principalmente após o nascimento dos filhos. Ela disse que antes dos filhos fazia tudo para o esposo e após ser mãe, essa atenção e dedicação foi dividida. A fala de Neta 1 indica que ela não se vê disposta a fazer grandes concessões em prol do outro em uma relação. Acredita que o casamento hoje em dia é marcado por aparências e ela não estaria disposta a viver esse modelo de conjugalidade. Ela relatou ser vista por outros jovens como uma pessoa que tem uma visão antiga do casamento; ela percebe que os valores mudaram e que as pessoas valorizam menos a relação.

A Avó 2 também definiu o casamento positivamente, e disse que a maior dificuldade que enfrentou foi financeira. O cuidado para com os filhos especiais foi visto por ela como um fator que uniu ainda mais o casal. Ela tentou passar para os filhos uma visão diferente de esposa que ela aprendeu em sua família de origem, pois ela acha que a mulher tem que evoluir. Já Mãe 2 teve uma visão negativa do casamento, pois o dela não foi bem-sucedido. Ela relatou muitas dificuldades devido à postura do ex-esposo em relação à criação dos filhos, à casa, ao trabalho e às coisas que ela abdicou em prol da família, como os estudos, por exemplo. Neta 2 relatou uma visão de casamento bem próxima da conjugalidade moderna. Acredita que no casamento deve haver diálogo, cumplicidade, ajuda mútua, lealdade, fidelidade, respeito. Ela baseou-se no exemplo de conjugalidade de sua mãe no sentido de fazer

uma escolha oposta à da sua mãe, pois não queria ter a mesma experiência negativa que sua mãe teve com o casamento.

Os relatos das mulheres da Família 3 mostram que as participantes compartilham a visão de que a conjugalidade deve acompanhar uma tendência importante da modernidade no sentido de que os cônjuges devem ter os mesmos deveres. Entretanto, a experiência real de cada uma diverge desse modelo. Avó 3 relatou ter um bom casamento e que a maior dificuldade que ela viveu foi com a ausência do esposo devido às viagens que ele fazia em função do trabalho. Mãe 3, assim como Mãe 2, também relatou explicitamente que não teve uma boa experiência com o casamento. Separou-se do pai de suas filhas, pois se sentia muito anulada como pessoa. Mãe 3 associou seu casamento com o modelo tradicional de casamento, pois ela tinha que arcar sozinha com a criação das filhas e não tinha o apoio do ex-esposo nesse sentido. As dificuldades presentes em seu atual relacionamento se deram mais em função da adaptação das filhas ao novo parceiro da mãe e dela com os filhos do primeiro casamento de seu parceiro. Neta 3, disse nunca ter tido vontade de se casar devido ao modelo de casamento que vivenciou com a experiência dos pais, pois achava que ela iria passar pela mesma situação. Disse se surpreender por achar o casamento algo muito bom e acredita que isso se deve ao fato de ter os mesmos valores que seu esposo sobre a conjugalidade.

A partir dos relatos das participantes percebemos que as tradições familiares têm um papel importante na vivência de todas. Vimos, entretanto que nem sempre são fixas, pois muitas vezes o que é aprendido sobre conjugalidade é apreendido pelas gerações com um novo olhar e assim, vemos nascer novas formas de ser casal. Os laços que se criam entre os cônjuges podem manter ou renovar os legados que eles aprenderam e trouxeram de suas famílias de origem. Essa constatação reafirma a importância de que estudos sobre a interação gênero, geração e conjugalidade sejam realizados constantemente, pois a sociedade está em constante transformação. As famílias, células representativas da sociedade no microcosmo social estão em transformação e esse processo afeta o âmbito da conjugalidade.

CAPÍTULO IV – DIMENSÕES DA MATERNIDADE E A PERCEPÇÃO DE MULHERES ACERCA DO PAPEL MATERNO

Resumo: Esse artigo tem como objetivo debater importante dimensão da condição feminina -o exercício da maternidade. Foram entrevistadas nove mulheres - avó, mãe e neta, de três famílias diferentes do Distrito Federal. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semi-estruturadas e da aplicação de questionário sócio-demográfico. Os dados foram analisados através da análise de discurso. Avós, mães e netas compartilham visões semelhantes sobre a maternidade e em relação aos cuidados dos filhos. A visão das entrevistadas de uma mesma família sobre o que é ser mãe apresentou apenas pequenas diferenças entre as gerações. Entre as três famílias, a percepção da experiência da maternidade também foi semelhante. Concluímos que mulheres das três gerações tenderam a atribuir papéis tradicionais de gênero às mulheres no exercício da maternidade.

Palavras-chave: maternidade; gênero; mulheres; condição feminina; transgeracionalidade

Abstract: This article discusses an important dimension of the feminine condition - motherhood. Nine women - grandmother, mother and granddaughter, of three different families of the Federal District were interviewed. Data were collected through semi-structured interviews and a socio-demographic questionnaire. Data were analyzed using discourse analysis. Grandmothers, mothers and granddaughters share similar views in regards to maternal roles and in relation to child care. The perspective of the respondents of the same family about being a mother showed minor differences between the generations. Among the three families, the perceptions of the experience of motherhood also presented many similarities. We concluded that women of the three generations tended to attribute traditional gender roles to women regarding motherhood.

Keywords: maternity, gender, women, feminine condition; transgenerational transmission.

A maternidade é vista socialmente como uma função primordial e uma dimensão essencial na vida de mulheres. O presente artigo tem como foco promover uma discussão em torno das transformações que ocorreram na condição feminina e compreender de que forma essas mudanças refletiram no ser mãe. Partimos do entendimento que pesquisar e identificar questões que giram em torno desse tema torna-se uma tarefa importante no contexto da psicologia clínica, em especial, no campo dos estudos sobre mulheres e famílias.

Há muitos tabus sobre a maternidade. Por muito tempo pensou-se que o desejo da maternidade fosse algo inerente à todas as mulheres. A imposição do modelo da mãe abdicadora pautou a vida da mulher durante um longo período da história (Del Priore, 1993). Hoje temos consciência que questões históricas, sociais e culturais podem mudar a percepção que cada sociedade e as mulheres que nela vivem possuem acerca dos papéis femininos e do ser mãe. Podemos ver novas configurações familiares e novas formas de exercício da maternidade em construção. Há também uma maior aceitação social de mulheres que decidem abdicar do exercício do papel materno.

Esse artigo apresenta e discute resultados parciais de pesquisa de mestrado que teve como objetivo principal compreender permanências e rupturas em dimensões da condição feminina. Conforme mencionado anteriormente, o objetivo aqui é apresentar e discutir as questões acerca da maternidade e as expectativas em torno do ser mãe através dos relatos de experiências de mulheres de três gerações de uma mesma família. Gênero aparece como pano de fundo para a discussão das transformações nos papéis femininos, pois essa categoria nos permite problematizar a temática da maternidade sobre o prisma das transformações sociais que provocaram mudanças na condição feminina.

1. Breve Contextualização Histórica das Questões em Torno da Maternidade

O papel de gerar vidas, a maternidade, por muito tempo foi usado por instituições sociais e religiosas como forma de controle e dominação de mulheres a partir da normatização de seu corpo com base no controle de suas funções biológicas e de sua sexualidade. À mulher era designado o papel da reprodução, e conseqüentemente, as funções políticas e econômicas eram atribuídas ao homem. Dessa forma, a Igreja e o Estado detinham o poder disciplinador sobre as mulheres (Del Priore, 1993).

Essa dominação advinda do modelo patriarcal retira da mulher o poder de decisão e o delega ao homem, construindo uma alienação da mulher sobre seu corpo,

sexualidade, sua força de trabalho, suas necessidades e projetos de vida já que o modelo de produção era conferido ao homem e o de reprodução à mulher. (Thuler, 2008). A medicina, aliada à Igreja, por muito tempo foi responsável por esse controle da sexualidade feminina limitando-a à reprodução para a perpetuação da família utilizando-se de embasamento científico para tal objetivo (Loyola, 1999).

As transformações sociais e políticas ocorridas a partir do final do século XIX e início do século XX, em especial na década de 1960, dentre elas a organização do movimento feminista que culminou em um processo conhecido como “segunda onda” dos feminismos ampliou o conceito de feminino, gênero e corpo. Muitas mulheres passaram a lutar por mais controle de seus corpos e de sua função reprodutora. Grosz (2000) aponta que para muitas feministas o papel de mãe tolheria a atuação das mulheres na esfera política e social. O advento da pílula anticoncepcional, nesse sentido foi um momento libertador para as feministas e para as mulheres em geral, pois conferiu a todas elas o direito de exercer sua sexualidade desatrelada da função reprodutiva, o que dava a elas a opção de escolha pelo exercício ou não da maternidade.

Dentro dos discursos feministas, uma questão importante era pensar a categoria mulheres rejeitando o modelo patriarcal dominante. Na construção desses discursos de gênero aparecia o dilema de tentar entender o universo de mulheres sem cair no equívoco de criar uma identidade única para as mulheres através da generalização das experiências que elas vivem em ser mulher (Gonçalves, 2005).

A proposta e o desafio era pensar as mulheres como um universo multifacetado, rejeitando a idéia de um único modo de ser mulher e de ser mãe. Nos séculos XVII e XVIII a mulher que não optava pela maternidade era vista pela Igreja como demonizada. Criou-se o conceito de mãe cuidadora, exemplar e cristã, denominada santa-mãezinha – a mãe dedicada, piedosa e assexuada (Del Priore, 1993). Até a primeira metade do século XX esse era o papel esperado para as mulheres. Os feminismos contestaram essa prescrição nas décadas seguintes, o que resultou em várias transformações nas expectativas em torno do papel e da atuação das mulheres (Sorj, 2005).

Essas transformações sociais tiveram um impacto nas famílias e afetaram a percepção e as expectativas em torno da vivência e do exercício da maternidade. Os papéis maternos podem ser atribuídos a outras figuras da família, como as avós, por exemplo. A entrada da mulher no mercado de trabalho, a maior longevidade humana e o surgimento de novos modelos familiares como a família monoparental constituem

alguns dos fatores que podem ter contribuído para a flexibilização do exercício dos papéis maternos, gerando a ampliação de por quem eles são exercidos. Dias (2002) aponta para a importância do papel socializador dos avós na criação dos netos e como a imagem autoritária e disciplinadora, anteriormente atribuída aos avós, vai sendo substituída por uma imagem mais acolhedora e amistosa, até mesmo maternal. Exploraremos brevemente essas questões.

2. Novas Configurações de Família e Novas Formas de Exercício da Maternidade

As transformações que vemos na família moderna, após anos de luta das feministas abraçam o debate sobre o direito de controle do próprio corpo e da reprodução. O fato é que as famílias estão cada vez menores. Claro que parte desse fenômeno é explicada por razões econômicas do crescimento do modelo familiar burguês, da entrada da mulher na esfera do trabalho, mas parte disso também se deve à maior autonomia da mulher sobre o seu corpo e sua sexualidade, às transformações na conjugalidade, o que inclui também a escolha do número de filhos desejado pelo casal (Araújo & Scalón, 2005). A entrada no mercado de trabalho altera assim os significados de ser mulher, de ser mãe e afeta a relação com o homem, a conjugalidade, a vida familiar e maternidade. (Delamôra, 2003, Diniz, 2004).

Giddens (1993) aborda essa questão ao argumentar que desde quando a família passou a ser um núcleo com número reduzido de indivíduos, os filhos ganharam uma visibilidade maior perante os pais. Nesse contexto, a mãe tende a assumir uma forma mais branda e democrática na educação dos filhos e tem-se aí uma transição na forma como os filhos se relacionam com os pais.

Féres-Carneiro e Magalhães (2005) falam de uma fluidez da conjugalidade na contemporaneidade. Verifica-se que essa fluidez se configura na formação de estruturas familiares diferentes do modelo tradicional do casal e dos filhos no mesmo ambiente. Fala-se de famílias reconstituídas e de novos rearranjos familiares em que vemos o surgimento da família monoparental, família reconstituída (em função de separações e recasamentos), família unipessoal, associação (não há grau de parentesco), casais que moram em casas separadas, casais homoparentais (Hintz, 2007).

A conjugalidade moderna abarca o modelo do casal ligado pelo afeto. O desejo de ter filhos tem espaço nessa relação que é criada e mantida por laços afetivos entre

ambos os cônjuges. O foco de atenção e investimento emocional do casal se volta para os filhos e tende a se basear no modelo da geração anterior (Passos, 2005).

Nas famílias monoparentais chefiadas por mulheres, há uma situação um pouco diferente. Muitas vezes a figura paterna é relatada pelas mães como um empecilho ao crescimento emocional dos filhos (Levy, 2005). A opção dessas mulheres em criar sozinhas os filhos muitas vezes é facilitada pela maior independência da mesma em relação ao cônjuge e pela entrada no mercado de trabalho, o que contribui para a ampliação do papel da mulher para agregar função de provedora, além da de mãe.

Dias, Hora e Araújo (2010) abordam a temática da longevidade dos avós como um fator que proporciona um maior convívio deles com os netos, estreitando assim os laços afetivos entre as gerações. Isso ocorre principalmente nas famílias em que avós são figuras mais centrais e assumem papéis fundamentais na criação dos netos. As autoras ressaltam a importância das trocas que se dão nessa relação intergeracional, devido às diferenças temporais. Os avós funcionam como um relato vivo da história daquela família que pode servir para a construção da identidade dos membros da nova geração. Porém nem sempre esse modelo de criação é visto como desejável pelas novas gerações. É comum a geração nova achar que são ou podem ser melhores pais que seus pais foram (Wagner, 2005).

A independência da mulher por meio do trabalho também pode ser vista como um fator que explica o maior número de avós cuidando, servindo de rede de apoio aos netos, na ausência dos pais. Porém, esse fator pode ser fonte de conflito dentro do sistema familiar devido à concorrência entre modelos de criação (Hintz, 2007).

Falcão, Dias, Bucher-Maluschke & Salomão (2006) relatam experiências de avós que se viram em situação de cuidar dos netos e essa experiência era vista por elas com conflito por estarem assumindo um dever que era dos pais. Havia também relatos de avós que faziam o caminho oposto - não conseguiam se desvencilhar do papel materno e não abriam espaço para as mães de seus netos o exercerem.

A maternidade é um aspecto da vida feminina que deve ser estudado e discutido de forma a ampliar a percepção dessa multiplicidade de experiências. É preciso conhecer as especificidades que ocorrem nesse âmbito de acordo com cada época, contexto social, cultural. A seguir exploraremos como essa questão é experienciada e percebida por mulheres de diferentes gerações de uma mesma família.

METODOLOGIA

Esse estudo é parte de pesquisa para conclusão do curso de mestrado que teve como objetivo geral compreender a percepção que três gerações de mulheres de uma mesma família têm acerca das mudanças e permanências que ocorreram na condição feminina naquela família e na sociedade como um todo. Apresentamos nesse artigo dados relativos à percepção que três gerações de mulheres de uma mesma família têm das mudanças e permanências no âmbito do exercício da maternidade.

Trata-se de pesquisa qualitativa, que consistiu em estudos de caso múltiplos e transgeracionais. Estudos de caso múltiplos são considerados instrumentos apropriados para estabelecer uma postura dialógica entre o(a) pesquisador (a) e a pessoa pesquisada (Alves-Mazzotti, 2006). A coleta de dados foi possível mediante a realização de entrevistas individuais semi-estruturadas com as mulheres participantes da pesquisa, que foram contatadas por indicação de conhecidos. As entrevistas foram feitas nas casas das participantes, gravadas e transcritas para análise subsequente. O roteiro da entrevista dava espaço às mulheres para abordarem temas e questões que não estavam incluídas nas perguntas, mas que eram relevantes para cada uma. Foram aplicados também questionários sócio-demográficos.

Os dados foram analisados segundo preceitos de análise de discurso, pois esse procedimento diz respeito ao conteúdo e continente da fala do sujeito a qual supõe uma autonomia do sujeito como sujeito psicológico (Lima, 2003). Rocha-Coutinho (2006a) também nos apresenta a importância da narrativa oral de mulheres na análise de discurso em estudos de gênero. Essa estratégia promove a compreensão das experiências emocionais de mulheres através de análise mais atenta da linguagem e dos significados de suas falas. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo comitê de Ética. Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

Participaram da pesquisa três mulheres de gerações diferentes de três famílias residentes no Distrito Federal. Chamaremos as famílias de Família 1 (Avó 1, Mãe 1 e Neta 1); Família 2 (Avó 2, Mãe 2 e Neta 2) e Família 3 (Avó 3, Mãe 3 e Neta 3).

A Avó 1 tem 84 anos, é casada há 56 anos, teve 11 filhos, tem o primeiro grau completo e é costureira autônoma. A Mãe 1 tem 55 anos, é casada há 33 anos, tem três filhos (duas mulheres e um homem), possui 2º completo e é vendedora na empresa da família. A Neta 1 tem 23 anos, é solteira, estudante universitária e também ajuda a família na empresa.

A Avó 2 tem 62 anos, está casada há 45anos, tem três filhos - duas mulheres e um homem. Ela tem o primário completo e trabalha na empresa familiar. A Mãe 2 tem 42 anos, foi casada por 22 anos, hoje é separada há quase 2 anos, tem três filhos - duas mulheres e um homem. Ela possui o 2º grau e trabalha como comerciante/balconista. A Neta 2 tem 22 anos. Na época da entrevista estava casada há cinco meses, não tem filhos e é estudante universitária.

A Avó 3 tem 78 anos, é casada há 57 anos, e teve cinco filhos – três mulheres e dois homens; é professora aposentada, e cuida dos negócios da família junto com o marido. Mãe 3 tem 55 anos, vive em união estável por cerca “de 10 a 12 anos”. Teve duas filhas do primeiro casamento e não tem filhos com o atual parceiro. Tem curso superior completo e é professora. Neta 3 tem 34 anos, é casada, e tem uma filha. Ela é estudante de doutorado. A seguir apresentaremos os dados coletados nas entrevistas com essas mulheres de diferentes gerações de uma mesma família. As tabelas 1, 2, 3 e 4 abaixo ilustram a descrição das participantes.

Participantes:

Participaram desse estudo três famílias residentes no Distrito Federal. Chamaremos as famílias de Família 1 (Avó 1, Mãe 1 e Neta 1); Família 2 (Avó 2, Mãe 2 e Neta 2) e Família 3 (Avó 3, Mãe 3 e Neta 3).

TABELA 1: PARTICIPANTES

Família 1	Família 2	Família 3
Avó 1	Avó 2	Avó 3
Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3
Neta 1	Neta 2	Neta 3

TABELA 2: FAMÍLIA 1

	Avó 1	Mãe 1	Neta 1
Idade	84 anos	55 anos	23 anos
Tempo de casamento	56 anos	33 anos	Solteira

Número de filhos	11 filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Estudante universitária
Profissão	Autônoma	Trabalha na empresa da família	Trabalha na empresa familiar

TABELA 3: FAMÍLIA 2

	Avó 2	Mãe 2	Neta 2
Idade	62 anos	42 anos	22 anos
Tempo de casamento	45 anos	Divorciada	5 meses
Número de filhos	três filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Superior incompleto
Profissão	Trabalha na empresa da família	Balconista	Estudante universitária

TABELA 4: FAMÍLIA 3

	Avó 3	Mãe 3	Neta 3
Idade	78 anos	55 anos	34 anos
Tempo de casamento	Casada há 57 anos	União estável há cerca de 12 anos	Casada há 2 anos e meio
Número de filhos	5 filhos	duas filhas	uma filha
Nível Educacional	2º grau completo	Superior completo	Superior completo e mestrado
Profissão	Professora aposentada	Área administrativa	Bolsista de doutorado

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percepção das entrevistadas sobre mudanças e permanências no âmbito da Maternidade

Conhecer a percepção que as participantes têm acerca da maternidade foi um dos objetivos dessa pesquisa. A seguir serão apresentados os dados coletados e será feita a discussão dos mesmos.

Família 1

A Avó 1 tem uma concepção muito particular sobre o que é ser mãe: “Mãe é ser tudo e não ser nada. Mãe é a melhor coisa que existe, é um paraíso”. Avó 1 foi muito sucinta nas suas colocações ao longo da entrevista, mas podemos perceber que a maternidade é um aspecto que tem lugar de destaque na sua vida, a julgar pela forma tocante com que ela se refere ao tema.

Mãe 1 tem uma opinião contundente: “Eu acho que agora, os dois é que têm que entrar. Eu acho que mesmo o pai e a mãe... ... já não diferencio tanto. Porque antes você diferenciava claramente. Tem muita mãe que é pai, que é mãe, que é tudo. E muito pai também, que é mãe, e vice-versa”. Podemos ver que ela acredita que o modelo de ajuda mútua entre os cônjuges no exercício da parentalidade é o mais desejado.

Neta 1 acredita que mãe “é no sentido de acolhimento mesmo, assim, a minha mãe não é muito de conversar, mas assim, sempre fui muito bem acolhida por ela, sabe, ela liga quando eu saio, ela fica preocupada, ela acorda”. Isso vai de acordo com o modelo tradicional da mãe cuidadora, a santa-mãezinha abordada por Del Priore (1993).

As participantes da Família 1 têm opiniões sobre a maternidade bem próximas. Percebe-se, na fala delas, a valorização dessa esfera da vida feminina. Neta 1 associa a imagem de mãe a uma figura protetora e acolhedora, bem próxima ao modelo tradicional da “santa-mãe”. Mãe 1 não diferencia os papéis maternos e paternos. Ela acredita que ambos os genitores têm a mesma responsabilidade em relação aos filhos.

Família 2

Avó 2 expressa a concepção da mãe como a figura de cuidadora, como aquela que é a principal responsável pelo que ocorre com os filhos: “Tudo de errado que

acontece com os filhos é culpa da mãe”. Ela também acredita que “Mãe é, eu acho que mãe mais do que pai, né”. Ela relatou que em sua infância e juventude antigamente os pais ensinavam às filhas que tinham que se casar, serem donas-de-casa, mães e esposas. Tentou passar para os seus filhos que hoje a mulher não pode viver só para o lar; ela acha que a mulher tem que evoluir. “O pai tem menos responsabilidades pelos filhos, a mãe tem mais... carinho, responsabilidade, é...manter os filhos em casa, em tudo”.

Mãe 2 define do seguinte modo a maternidade: “Ser mãe pra mim, eu acho é muito mais que ser pai. Ela se doa muito mais. Porque uma família...um filho, eu acho, ele vive bem sem o pai, agora sem a mãe ele não vive bem. Porque a mãe ela tá sempre se doando, ela é capaz de morrer por um filho... ela nunca abandona um filho. O pai não, pra ele abandonar é fácil. Ele acha que só pagar as contas já é ser pai.” Além disso, acredita numa relação entre mães e filhos mais atrelada ao afetivo: “Eu acho que a primeira forma de ser mãe é ser amiga”.

Mãe 2 acha que cumpriu muito os papéis de mãe e esposa e que se tivesse cumprido menos teria cometido menos erros. É separada do cônjuge e contou com a ajuda dos pais na criação e acolhimento dos filhos. Essa experiência de compartilhar o cuidado com a geração dos avós foi trazido por (Hintz, 2007) em seu estudo sobre novas configurações familiares e também está de acordo com o que relata Dias (2002; 2010) acerca da importância dos avós como rede apoio. Nessas situações, eles podem muitas vezes adotar papéis maternais em relação aos netos, o que ocorreu com Avó 2 em relação a seus netos.

A percepção de mãe na visão da Neta 2 é de que mãe “é uma dádiva. É uma coisa que soa mulher, graças a Deus pode sentir, é uma coisa inexplicável, é uma coisa assim, divina”. Ela compara ser mãe ao que é ser pai: “Ser pai? Ser pai, na verdade, é só um... pai é importante na vida, na educação da criança, por tudo, mas pai, na verdade, não chega muito perto do que é ser mãe”.

As participantes da Família 2 têm, no geral, uma visão supervalorizada da maternidade. Elas percebem a maternidade como um aspecto importante da vida de mulheres. Suas falas chamam atenção para os desafios de ser mãe e ressaltam a atribuição maior do cuidado dos filhos recaindo mais sobre as mães do que sobre os pais. Mãe 2 demonstrou um certo ressentimento na visão do papel do pai talvez pela experiência negativa que ela teve com o ex-esposo, o qual ela alega que não contribuía de forma efetiva nos cuidados dos filhos.

Família 3

O conceito de mãe colocado pela Avó 3 é: “acho que mãe tem que ser mais compreensiva, né, mais dedicada, mais amiga, né? ...acho que o pai tem que assim, dedicado também, atencioso e ajudar a mãe na correção dos filhos, na hora que necessitar, nos conselhos, né”. Como mãe, a tarefa da mulher “é uma tarefa sublime, que aí ela vai dedicar inteiramente aos filhos, na formação” de acordo com a Avó 3.

Já os papéis de mãe que a Mãe 3 recebeu da mãe foram diferentes dos que ela adotou com as filhas “mãe, realmente é aquela que tá mais perto, tá mais ligada, que cuida mais, que passa valores assim, mais íntimos... Foi assim com a minha mãe, se bem que ela, ela era muito fechada e essa intimidade eu não tive com ela, mas eu já tive, tentei ter com as minhas filhas. Eu já acho que eu fui uma pessoa mais perto, sou uma pessoa mais perto”.

O modelo da mãe trabalhadora é um elemento de mudança dos papéis tradicionais femininos que começou com a Avó 3, passou para a Mãe 3 e esta presente para a Neta 3. A Avó 3 pode ser vista como precursora em sua geração de um modelo que ganha força a partir da década de 1970. A partir da sua experiência esse novo modelo de mãe é passado e mantido nas outras duas gerações. Delamôra (2003) e Diniz (2004) apontam que a entrada no mercado de trabalho altera os significados de ser mulher, de ser mãe e afeta a relação com o homem e com a maternidade. As entrevistadas se percebem como mulheres mais ativas e atuantes quando estão no exercício de suas profissões e isso agrega valor na sua auto-estima, como elas relataram.

A Neta 3 acha que “os dois têm o mesmo papel, de estar presente também em todas as horas... cuidar da educação, de corrigir o que está errado”. Neta 3 associa papéis tradicionais à figura materna, como os cuidados para com os filhos, a papéis que tradicionalmente eram atribuídos ao pai no modelo tradicional familiar, como o de disciplinar e impor limites aos filhos. Acredita na importância de uma maior aproximação dos papéis femininos e masculinos na criação dos filhos.

A Família 3 apresentou menos relatos sobre a concepção que elas têm acerca do que é ser mãe. Contudo, de forma geral, vimos que as três gerações têm uma visão semelhante acerca dos papéis femininos em relação à maternidade. Elas acreditam que ser mãe é cuidar, se doar e estar presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maternidade é uma área muito interessante e importante de ser estudada. Vimos que as transformações que ocorrem na sociedade afetam esse espectro tão importante na vida de muitas mulheres. Vimos também que nem sempre a maternidade é algo desejado, mas muitas vezes é algo esperado para as mulheres como uma forma de afirmação da sua condição feminina. Os feminismos surgem para debater, contestar e lutar pelo direito das mulheres à escolha ou não pelo exercício da maternidade. Isso seria uma forma de dizer que as mulheres não deveriam se render a uma imposição cultural e social que se dá através da dominação do corpo e das funções biológicas reprodutivas das mulheres. As mulheres têm o direito de definir se querem ou não, se têm condições ou não de ser mãe.

É fundamental que o debate sobre esse tema leve em conta que cada experiência feminina é única. A forma como mulheres lidam com a função reprodutiva pode levá-las a uma postura favorável ou não em se tornar mães. Foi visto que muitas mulheres optam por não ter filhos, adiam a maternidade ou tendem a recorrer a uma rede de apoio social/familiar na criação dos filhos em função de sua entrada no mercado de trabalho.

Nessa pesquisa pudemos perceber que as três famílias relataram experiências com a maternidade muito próximas entre as gerações. As Avós apresentaram de uma maneira geral, a concepção mais tradicional da mãe como a figura acolhedora, que elas adquiriram em suas famílias de origem. As Mães e as Netas percebem que ser mãe comporta não só as responsabilidades nos cuidados dos filhos, mas também o apoio afetivo, psicológico em relação aos filhos, que elas definem como “estar perto”, “conversar”. Algumas participantes dessas duas gerações - Mães e Netas - ainda acrescentaram a importância de ter o apoio dos cônjuges nessa tarefa, pois elas acham que os papéis femininos e masculinos na criação dos filhos deveriam ser mais igualitários.

Percebemos que há a necessidade de estudos posteriores que visem ao aprofundamento na questão da diferença entre os papéis femininos e masculinos no que diz respeito à criação dos filhos. Vimos que a diferença de gênero marca essa atribuição tradicional da maternidade mais à figura da mulher do que à figura do homem.

CAPÍTULO V- TRABALHO, PROJETO DE VIDA, INDEPENDÊNCIA: DESAFIOS VIVIDOS POR TRÊS GERAÇÕES DE MULHERES

Resumo: Esse artigo visa mostrar a percepção de mulheres de três gerações da mesma família acerca da condição feminina no âmbito do trabalho, projetos de vida e independência. Trataremos das especificidades do trabalho remunerado e do trabalho doméstico e os dilemas de mulheres em lidar com ambos. Participaram da pesquisa nove mulheres – avós, mães, netas – de três famílias distintas. Os dados foram coletados através de entrevista estruturada, questionário sócio-demográfico e foram analisados através de estratégia de análise do discurso. As participantes vêem a importância do trabalho remunerado não só como meio de obter recursos financeiros, mas como realização pessoal. O reconhecimento do trabalho doméstico não foi percebido pela maioria delas. A maior parte das entrevistadas acredita que a mulher deve parar de trabalhar para cuidar dos filhos pequenos. Concluímos que houve mudanças na percepção das mulheres em relação ao trabalho remunerado e aos projetos de vida. Está presente, no entanto, nas famílias a transmissão através das gerações de papéis femininos tradicionais ligados mais aos afazeres domésticos.

Palavras-chave: gênero; geração; condição feminina; trabalho; independência

Abstract: This article discusses the perception of women from three generations of the same family about the feminine condition in regards to work, life projects and independence. We will address specificities of paid work and domestic labor and the dilemma of women in dealing with both. Nine women participated in the research - grandmothers, mothers, granddaughters - of three distinct families. Data were collected through structured interviews and a socio-demographic questionnaire. They were analyzed using discourse analysis. The participants see the importance of paid work not only as a mean to obtain financial resources, but as a way to have personal fulfillment. The recognition of domestic work was not perceived by most of them. Most respondents believe that women should stop working to care for young children. We conclude that changes have occurred in the perception of women in relation to paid work and life projects. Nonetheless, the transmission through generations of traditional female roles linked more to household tasks became evident.

Keywords: gender, generation, feminine condition, work, independence

O trabalho constitui uma dimensão fundamental da vida do ser humano. Através dele as pessoas encontram subsídios para sua ascensão social, cultural, econômica e realização pessoal. O trabalho feminino é tema muito importante em pesquisas uma vez que o aumento da participação de mulheres casadas e com filhos no mercado formal provocou questionamentos em torno da divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres na sociedade. Esse processo tem um viés feminista, uma vez que reflexões trazidas por esse movimento provocaram revisões dessa divisão sexual entre homens e mulheres. Faz-se necessário discutir também a diferença e a implicação do trabalho remunerado e doméstico na vida de mulheres e seu impacto no exercício de outras funções, como a maternidade e a conjugalidade.

O presente artigo é parte de pesquisa de mestrado e objetiva debater questões em torno do trabalho feminino, projetos de vida e independência a partir da experiência de três gerações de mulheres - avó, mãe e neta - de três famílias do Distrito Federal. Foi adotado o enfoque de gênero por entendermos que gênero constitui categoria fundamental de análise da condição feminina. A condição feminina é vista aqui como o conjunto das facetas que formam a totalidade do universo e das experiências das mulheres em cada cultura e em um dado momento histórico.

O artigo está organizado do seguinte modo: em primeiro lugar é apresentada a interação entre trabalho e gênero; em seguida é traçado um breve panorama da situação de mulheres no mercado de trabalho; em terceiro lugar são descritas as estratégias metodológicas adotadas na pesquisa. Na seção seguinte são apresentados os resultados e a discussão dos dados coletados.

1. A Importância do Trabalho Feminino e a Perspectiva de Gênero na Contextualização da Força de Trabalho Feminina

O trabalho feminino é visto como um aspecto muito importante na vida de mulheres. Muitas vezes é o que define sua identidade. Outras vezes, é visto como algo questionado, pelo menos por parte de segmentos da sociedade, adeptos do modelo tradicional de funcionamento familiar, pautado em uma divisão clara de papéis entre homens e mulheres.

Os papéis exercidos pelas mulheres foram culturalmente e historicamente atribuídos a elas em função das características associadas ao feminino. Dentre eles, merecem destaque o papel maternal e a responsabilidade pelo trabalho doméstico, ambos exercidos na privacidade do lar. A mulher ficou destinada, portanto, ao exercício de

atividades no mundo privado enquanto coube ao homem o exercício de atividades na esfera pública. Esse processo recebeu o nome de divisão sexual do trabalho (Costa, 2009; Nogueira, 2001).

Costa (2009) ressalta a importância dos movimentos feministas do século XX na luta política das mulheres para discutir e propagar os seus direitos. As lutas em torno das questões trabalhistas antecedem esta data. No Brasil, as primeiras manifestações no sentido de garantir um espaço para a voz da mulher ocorreram no século XIX. As mulheres tinham uma considerável representatividade na força de trabalho nas indústrias chegando a constituir maioria da mão-de-obra empregada na indústria têxtil.

A literatura da área (Costa, 2009; Cruz, 2005; Diniz, 1999; 2004; Diniz e Perlin, 2005; Piscitelli, 2004) traz diferentes perspectivas sobre o trabalho feminino e aponta diversos dilemas e desafios vividos por mulheres que decidem combinar vida familiar e trabalho. Os primeiros estudos que abordaram essas questões surgiram com os movimentos feministas da década de 1960 e foram pautados pelo enfoque de gênero e divisão sexual do trabalho. Piscitelli (2004) e Cruz (2005) ressaltam a importância de ampliação do conceito de gênero no debate das inúmeras formas em que a diferença de poder opera produzindo múltiplas diferenças e desigualdades entre homens e mulheres.

O foco dessas análises das desigualdades de gênero entre os trabalhadores homens e mulheres é fundamentado em constructos culturais e não biológicos, como pretendia o modelo patriarcal (Cruz, 2005). As diferenças entre o trabalho de homens e mulheres podem envolver desde uma discriminação salarial e de benefícios a uma completa diferença de tratamento no ambiente de trabalho.

2. Perspectivas Acerca do Trabalho Feminino Remunerado – Desafios e Dilemas Vividos por Mulheres

O trabalho remunerado de mulheres diz respeito a atividades que podem ser realizadas dentro ou fora de casa, mas que são recompensadas financeiramente. O exercício de atividades fora de casa implica em uma reestruturação na vida de muitas mulheres no que se refere a um reajuste na vida familiar, conjugal e até na sua atuação na sociedade. Segundo pesquisa realizada pelo UNIFEM e Cepia (2006) até o início do século XXI, a População Economicamente Ativa (PEA) feminina aumentou consideravelmente, havendo um aumento da entrada de mulheres de 30 a 39 anos,

casadas e mães na força de trabalho. Isso implica numa importante mudança no perfil da trabalhadora mulher.

Diniz e Perlin (2005) trazem uma discussão acerca dos impactos e dos dilemas gerados no casamento e na família pela inserção tanto do homem quanto da mulher no mundo do trabalho formal ao problematizarem o *casamento de duplo trabalho ou de dupla carreira* quando ambos os cônjuges trabalham fora. Essa situação demanda que ocorram adaptações em papéis que estavam pré-estabelecidos e essas mudanças podem gerar situações de estresse.

Na maioria das vezes são as mulheres que arcam com o maior ônus de acomodar demandas da família e do trabalho; são elas que mais abdicam de seus interesses e isso pode afetar tanto a satisfação dela com o casamento como a sua satisfação no trabalho. Fala-se na 'super-mulher' para se referir ao desafio que mulheres têm em conciliar as demandas da vida familiar, conjugal e do trabalho e em lidar com possíveis ônus que podem surgir (Diniz, 2004; Diniz e Perlin, 2005).

As transformações que estão ocorrendo na conjugalidade, com a entrada da mulher no mercado de trabalho marcam a presença de dilemas entre velhos e novos modelos de funcionamento do casamento e da família. Os casais são desafiados a encarar as exigências do âmbito familiar e do mundo trabalho. Isso exige revisão e reorganização na divisão dos papéis (Diniz, 2004).

Levner (2002) trata desse tema usando o termo família de tripla jornada, que expressa a forma de estruturação familiar em que os eixos são o trabalho dele, o trabalho dela e a vida familiar. O autor considera que a entrada da mulher na economia formal não foi acompanhada de uma reorganização no exercício da conjugalidade. Permanece, na visão dele, a divisão sexual dos papéis seguindo, predominantemente os modelos tradicionais.

Jablonski e Magalhães (2006) também discutem essa nova realidade das mulheres, que levam uma vida de dupla jornada, que contribuem com a renda da família e ainda buscam ascensão profissional. Os autores apontam que muitas vezes esse investimento pessoal e profissional é visto pelos homens como uma ameaça. Apontam que o que está sendo ameaçado é a hegemonia do homem na condição de principal provedor da família. E isso não se deve apenas a uma questão de orgulho, mas de necessidade real de contar com uma renda extra.

Fleck, Da Silva, Bornholdt e Wagner (2005) mencionam que é comum vermos muitas das mulheres que foram criadas no modelo dos antigos papéis atribuídos tradicionalmente às mulheres - de ficar em casa e cuidar do marido e dos filhos - estão

hoje, em contraponto a essa criação, investindo na carreira acadêmica e profissional. Esse movimento abarca também mulheres que passaram por divórcio e que buscam elas mesmas a realização pessoal e profissional que não puderam obter no passado por causa do tempo dedicado à família e ao casamento.

Picanço (2005) aponta para paradoxos em relação à percepção da importância do trabalho para a mulher. A autora aponta que é maior o tempo de dedicação ao trabalho de mulheres que ainda não têm filhos ou que já passaram da fase dos filhos pequenos. Ao passo que o exercício da atividade fora do lar pode não ser desejado por mulheres que preconizam a maternidade e os cuidados para com a família, por outro lado é visto por outras como algo a ser administrado em função do tempo que a mulher permanecerá em atividade sem causar danos ao convívio/cuidado em relação à família. Ter ou não filhos acaba virando um dilema crucial uma vez que a presença de filhos, principalmente na fase da primeira infância limita ou define o tempo que a mulher poderá dedicar ao trabalho.

Bruschini e Ricoldi (2008) falam da importância de serem implementadas ações políticas para a diminuição da discriminação da mulher no ambiente de trabalho através de leis que visem ampliar e garantir os direitos das mulheres. Essas leis passaram por diversas mudanças a fim de se adequarem às novas realidades. Por exemplo, na década de 1940, as leis de proteção às mulheres eram baseadas em princípios do patriarcado em que a mulher tinha como características a fragilidade, a proteção à prole, uma natural vocação para o lar e o caráter complementar do salário feminino. Já na década de 1980, a maior entrada da mulher no mercado de trabalho tornou evidente a discrepância de salários de homens e mulheres, sua dificuldade de ascensão profissional e a falta de benefícios como creches.

Em uma pesquisa realizada com seis mulheres de classe média, de 34 a 51 anos donas de microempreendimentos comerciais e com pelo menos um filho, Losada e Rocha-Coutinho (2007) concluíram que para muitas mulheres a profissão não é apenas fonte de sustento, mas também parte importante de sua identidade, pois traz prazer e satisfação pessoal. O trabalho não é apenas uma função exercida para complementar a renda da família. A atividade remunerada, dessa forma, passa de lugar secundário na vida delas a uma posição de destaque, incentivado inclusive pelos maridos das entrevistadas. Ocorre um movimento de valorização do trabalho remunerado e desvalorização do trabalho doméstico. Inclusive a escolha da profissão muitas vezes era definida pela perspectiva de realização profissional.

Lins de Barros (2006) discute em seu trabalho essa mesma temática da escolha da profissão por parte de mulheres. Segundo a autora, o que tende a ser mais levado em consideração é o acesso ao ensino superior como forma de ampliar as possibilidades de entrada no mercado de trabalho e de promover o engrandecimento pessoal através do acesso maior a conteúdos culturais. Cruz (2005) também discute a relevância da qualificação feminina como um fator favorável na entrada da mulher no mercado de trabalho no sentido de atribuir a ela uma característica muito desejada por empregadores, que é a flexibilidade profissional.

A participação de mulheres no mercado de trabalho é marcada não só por vantagens. Mulheres trabalhadoras formais que estão inseridas em um contexto organizacional podem também experimentar desafios e paradoxos. Existe uma cultura nas organizações que ainda valoriza o trabalho masculino em detrimento ao feminino ao atribuir predominantemente ao homem características desejadas como trabalhador.

As empresas tendem a cobrar disponibilidade em tempo integral, mas não vêem isso como algo a ser esperado das mulheres, pois a visão tradicional da mulher lhe impõe atribuições femininas ligadas ao cuidado e dedicação familiar. Em consequência, o acesso à ascensão na carreira acaba sendo atribuído mais aos homens que às mulheres. Decorre desse fator o maior número de homens em cargos de chefia. No caso de mulheres que ocupam cargos de chefia, essa ascensão muitas vezes é atribuída à qualificação profissional e a um conjunto de habilidades desejadas pelas empresas para tal perfil. A qualificação profissional é um item levado em conta pelas empresas independente do profissional ser homem ou mulher (Cruz, 2005).

O exercício de trabalho formal pode incluir também a atuação em empresas familiares. É comum mulheres exercerem funções em empresas criadas em suas famílias, por seus pais, cônjuges ou por elas próprias. Essas empresas giram em torno da figura de seu fundador, um membro da família que é quem dá o ponta pé inicial na organização e estruturação da empresa. Esse geralmente é movido por interesses profissionais ou pessoais como alcançar a independência financeira individual ou para garantir a subsistência de sua família.

Na empresa familiar, os membros da família também enfrentam obstáculos à sua independência financeira e autonomia como empresa e como família. (Fleck; Da Silva; Bornholdt & Wagner, 2005). A organização do trabalho feminino nesse esquema de empresa familiar é peculiar, pois muitas vezes ocorre a imbricação das obrigações domésticas com as empresariais e as relações com os membros da família/colegas de empresa podem culminar em situações estressantes.

Além do trabalho formal, as mulheres lidam também com uma outra realidade, que é a do trabalho doméstico. Recai também sobre elas a responsabilidade por cuidar e/ou administrar as atividades. Essa tarefa, em muitos casos, pode demandar ainda mais tempo e energia da mulher. Em muitas situações, o trabalho doméstico pode gerar até mais estresse, preocupação e ônus na saúde mental para a mulher que o trabalho formal (Diniz, 2004). A seguir serão exploradas brevemente questões relacionadas com ao dilema encarado por mulheres no trabalho doméstico e o estresse gerado pela necessidade de conciliar essas demandas com as do trabalho formal e do mundo familiar.

3. O Trabalho Doméstico e os Desafios Impostos às Mulheres que Lidam com Demandas Profissionais e Familiares

O trabalho doméstico é um aspecto da vida de mulheres que por muito tempo foi negligenciado pela sociedade. Estudos sobre as atividades realizadas no lar se tornaram importantes para chamar a atenção para fatores que não eram pesados e nem levados e conta com muita profundidade: o reconhecimento do trabalho doméstico como trabalho, mesmo que não haja compensação financeira; os impactos desse trabalho no desenvolvimento econômico e social; além dos impactos dessas atividades em outras esferas da vida das mulheres. Na fala de algumas mulheres, o ser dona-de-casa exclusivamente é viver em função do outro, pois a dedicação à vida doméstica e o exercício do papel de cuidadora do lar representaria essa dominação uma vez que demanda da mulher um dispêndio muito grande de tempo. Constitui um trabalho em tempo integral em decorrência do qual a mulher acaba sendo deixada de lado na sua lista de prioridades e fica limitada na concretização de seus próprios projetos.

Santos (2008) aponta para os dilemas vividos por mulheres que exercem atividades remuneradas ou não. Muitas dessas mulheres enfrentam dificuldades como a necessidade de uma rede de apoio, a permanência de desigualdades na realização das tarefas domésticas entre homens e mulheres, o sentimento de culpa ao se tornarem mães e terem que lidar com as demandas do trabalho e da maternidade.

Bruschini e Ricoldi (2008) discutem o exercício paralelo por parte de mulheres de funções ligadas à produção social e funções ligadas ao ambiente familiar. As autoras ressaltam como o trabalho doméstico, nos levantamentos estatísticos, sequer é considerado como atividade econômica. As autoras apresentam definição do trabalho doméstico em termos de “blocos”. O primeiro bloco inclui tarefas relativas aos

cuidados com a casa; o segundo, tarefas de alimentação e higiene pessoal, cozinhar, lavar pratos e outros utensílios, costurar, lavar e passar roupas; o terceiro bloco se refere aos cuidados físicos e psicológicos dos membros da família; o quarto bloco envolve as atividades de administração da casa que incluem pagamento de aluguéis, impostos, prestações, contas, salários de empregados e outras despesas e administração do patrimônio; o quinto bloco diz respeito à manutenção da rede de parentesco e de amizade. Elas apontam ainda que o trabalho remunerado feminino é visto como ajuda financeira e não como a renda principal.

Picanço (2005) aborda a questão da divisão da renda familiar. A autora concorda que a maioria dos homens tem a perspectiva do trabalho feminino a partir da sua função monetária auxiliar. A contribuição da mulher com as finanças da casa é mais considerada como uma ajuda financeira do que como uma parceria na manutenção da família e uma conquista alcançada por meio de mudanças nos padrões e nos papéis exercidos por homens e mulheres.

Papp (2002) também aborda essa questão da desigualdade entre o trabalho de homens e de mulheres dentro de casa. Ressalta que há o mito de que as funções exercidas por homens e mulheres estão mais igualitárias e na verdade as mulheres ainda contribuem com uma parcela maior. A autora aponta que muitos homens apóiam as mulheres na sua jornada de trabalho e têm a ilusão de que sua relação é igualitária ao participarem mais de atividades domésticas, mas na base da divisão de papéis está a diferença de gênero.

O fato é que a combinação do exercício do trabalho formal como o trabalho doméstico implica em grandes transformações na vida de mulheres no âmbito familiar, conjugal, e social. É de grande importância o reconhecimento desses tipos de atividades para o incremento da auto-estima da mulher, da afirmação de sua identidade enquanto trabalhadora dentro ou fora do lar. É fundamental também o reconhecimento dos desafios colocados pelo exercício de múltiplos papéis. Apresentamos a seguir a metodologia e resultados parciais de pesquisa de mestrado com o objetivo de apresentar e debater questões em torno do trabalho feminino, projetos de vida e independência a partir da experiência de três gerações de mulheres - avó, mãe e neta, membros de três famílias do Distrito Federal.

METODOLOGIA

Esse estudo é parte de pesquisa para conclusão do curso de mestrado e teve como objetivo geral compreender a percepção que três gerações de mulheres de uma mesma família têm acerca das mudanças e permanências que ocorreram na condição feminina naquela família e na sociedade como um todo. Um dos objetivos específicos foi entender as mudanças e permanências no âmbito do trabalho e na relação entre dependência e independência para as mulheres participantes. Esse artigo tem como foco discutir os dados referentes ao trabalho e suas repercussões na vida de mulheres.

A pesquisa, de natureza qualitativa, consistiu em estudos de caso múltiplos de caráter transgeracional. A coleta de dados foi possível mediante a realização de entrevistas individuais semi-estruturadas com três mulheres de gerações diferentes de três famílias. Foram aplicados também questionários demográficos.

Os dados foram analisados segundo preceitos de análise de discurso. Rocha-Coutinho (2006a) discute que a análise da narrativa oral de mulheres em estudos de gênero permite dar voz a essas mulheres ao oferecer uma análise mais atenta da linguagem e dos significados de palavras para compreender a experiência emocional de mulheres e como as mulheres se adaptam à cultura em que vivem. O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo comitê de Ética. Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília.

As participantes foram mulheres de três famílias do Distrito Federal. Chamaremos as famílias de Família 1 (Avó 1, Mãe 1 e Neta 1); Família 2 (Avó 2, Mãe 2 e Neta 2) e Família 3 (Avó 3, Mãe 3 e Neta 3).

A Avó 1 tem 84 anos, é casada há 56 anos, teve 11 filhos; tem o primeiro grau completo e é costureira autônoma. A Mãe 1 tem 55 anos, é casada há 33 anos, tem tres filhos (duas mulheres e um homem); possui 2º completo e é vendedora na empresa da família. A Neta 1 tem 23 anos, é solteira, estudante universitária e também ajuda a família na empresa.

A Avó 2 tem 62 anos, é casada há 45anos, tem três filhos (duas mulheres e um homem); tem o primário completo e trabalha na empresa familiar. A Mãe 2 tem 42 anos, foi casada por 22 anos, hoje é separada há quase dois anos, tem três filhos (duas mulheres e um homem), possui o 2º grau e trabalha como comerciante/balconista. A Neta 2 tem 22 anos; na época da entrevista estava casada há cinco meses, não tem filhos e é estudante universitária.

A Avó 3 tem 78 anos, é casada há 57 anos, teve cinco filhos (três mulheres e dois homens); é professora aposentada e cuida dos negócios da família junto com o marido. A Mãe 3 tem 55 anos, vive em união estável por cerca “de 10 a 12 anos”. Teve duas filhas do primeiro casamento e não tem filhos com o atual parceiro; tem ensino superior completo e é professora. A Neta 3 tem 34 anos, casada, tem uma filha e é estudante de doutorado.

Foram coletados, por meio de entrevistas, dados acerca da percepção de mulheres sobre o trabalho doméstico e o trabalho formal, o projeto de vida e independência. Os relatos das mulheres de três gerações de uma mesma família, em três famílias diferentes serão discutidos a seguir.

Participantes:

Participaram desse estudo três famílias residentes no Distrito Federal. Chamaremos as famílias de Família 1 (Avó 1, Mãe 1 e Neta 1); Família 2 (Avó 2, Mãe 2 e Neta 2) e Família 3 (Avó 3, Mãe 3 e Neta 3).

TABELA 1: PARTICIPANTES

Família 1	Família 2	Família 3
Avó 1	Avó 2	Avó 3
Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3
Neta 1	Neta 2	Neta 3

TABELA 2: FAMÍLIA 1

	Avó 1	Mãe 1	Neta 1
Idade	84 anos	55 anos	23 anos
Tempo de casamento	56 anos	33 anos	Solteira
Número de filhos	11 filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Estudante universitária
Profissão	Autônoma	Trabalha na empresa da família	Trabalha na empresa familiar

TABELA 3: FAMÍLIA 2

	Avó 2	Mãe 2	Neta 2
Idade	62 anos	42 anos	22 anos
Tempo de casamento	45 anos	Divorciada	5 meses
Número de filhos	três filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Superior incompleto
Profissão	Trabalha na empresa da família	Balconista	Estudante universitária

TABELA 4: FAMÍLIA 3

	Avó 3	Mãe 3	Neta 3
Idade	78 anos	55 anos	34 anos
Tempo de casamento	Casada há 57 anos	União estável há cerca de 12 anos	Casada há 2 anos e meio
Número de filhos	5 filhos	duas filhas	uma filha
Nível Educacional	2º grau completo	Superior completo	Superior completo e mestrado
Profissão	Professora aposentada	Área administrativa	Bolsista de doutorado

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perspectivas sobre trabalho, projeto de vida e independência nas famílias entrevistadas

Conhecer a percepção que as participantes têm acerca do trabalho remunerado, do trabalho doméstico, projeto de vida e independência foi um dos objetivos específicos dessa pesquisa. A seguir serão apresentados os dados coletados nesse área e será feita a discussão dos mesmos.

Família 1

A Avó 1 começou a trabalhar aos 15 anos de idade como costureira. Em função de uma operação na mão, ela disse que não pode mais mexer muito com costura, mas ainda faz alguns trabalhos manuais. “Eu trabalhava, fazia crochê, tricô, eu costurava mais...e fazia roupa íntima pra vender. Agora, tô fazendo bolsa”. A motivação para o trabalho vem de uma vocação que ela apresentava ainda pequena: “Porque eu gosto. Eu começava desde pequena,...fazia escondido da minha mãe. Ela não queria, porque podia estragar o tecido. E sabe, eu gostava. Foi vocação mesmo, e depois eu tirei o diploma. Diploma de contra-mestre, diploma de professora e fui pra frente”. Teve uma experiência curta como professora de costura também: “Dei. Aula de costura. Dois anos só. Por causa que a minha filha, ela ficou doente, de vez em quando tinha que tá no hospital com ela, daí eu larguei de dar aula...”

Perguntada quanto às dificuldades enfrentadas na profissão por ser mulher, Avó 1 disse que não teve essa experiência; vivenciou apenas as dificuldades vinculadas às atividades da profissão: “era um serviço que eu gostava muito e quando achava difícil, aí que eu queria ver pra resolver, porque eu gostava. Fazer uma coisa que a gente não gosta, a gente erra tudo, estraga tudo as coisas, né, mas fazer uma coisa que a gente gosta, agente vai e chega lá.”

O trabalho doméstico era feito por ela com o auxílio da empregada. “Eu fazia tudo. Depois dos filhos, a gente sempre tinha empregada pra ajudar, né, na cozinha”. Mencionou que o esposo ajudava a passar roupa e cuidar dos filhos, quando esses eram pequenos. Conseguia conciliar o trabalho doméstico, a vida familiar e o casamento porque tinha a ajuda da família, mas não deixa de apontar para a estratégia usada por ela para lidar com essas atribuições “a gente faz com muito carinho, muito esforço, nada é difícil...” esse é um dos motivos pelos quais ela acredita que a mulher não deve parar de trabalhar quando tem filhos pequenos: “Eu acho que não tem que parar não, tem de conciliar, de controlar, fazer”.

Avó 1 relatou que sente que é reconhecida pelo trabalho doméstico. “Ah, o reconhecimento é a família que reconhece, os vizinhos, sempre elogia a gente, mas é uma obrigação da gente, né, tem que fazer”. Aqui vemos a introjeção do modelo tradicional de papéis femininos.

O esposo de Avó 1 era alfaiate e nunca se opôs ao fato dela trabalhar “... porque eu já trabalhava de costura quando eu me casei e eu falei pra ele: “Eu não

quero deixar de costurar ...sempre foi a favor”. Ambos contribuíaam com as finanças da família, mas o controle financeiro ficava a cargo do esposo: “...ele que se havia com as contas de casa. Ele que dava o dinheiro pra tudo, pra fazer tudo...”.

O fato de Avó 1 ter trabalhado desde solteira e de sua profissão estar relacionada ao exercício de função estereotipicamente feminina parece ter contribuído para um bom ajuste entre o exercício de trabalho formal e o trabalho doméstico. Parece que esse contexto associado à presença de doença em uma das filhas facilitou também a aceitação e colaboração do marido. Nesse caso, o casal foi capaz de fazer adaptações para lidar com as demandas, tendo o marido/pai assumido papéis tradicionalmente femininos.

Mãe 1 trabalha em empresa familiar desde 2004 onde também trabalham o marido e a filha mais nova. A filha mais velha também atuava na empresa, mas depois mudou de cidade e deixou a empresa familiar. O filho deles nunca se envolveu na empresa, exerce atividade no campo da educação. Antes de vir morar em Brasília, Mãe 1 havia trabalhado em agência bancária. A respeito do que a levou a trabalhar ela aponta: “é a necessidade”. Um dos obstáculos que ela atribuiu ao fato de trabalhar fora, foi o ciúme do marido, o que foi colocado por ela como um grande empecilho ao desenvolvimento da empresa familiar que eles mantêm.

Mãe 1 relatou estar sempre se aprimorando na sua área de atuação: “eu escolhi uma área que eu gosto do que eu faço. E além do curso na área de negócios da empresa familiar eu faço outros cursos que complementam”. De modo geral ela acha que a mulher está entrando cada vez mais no mercado de trabalho: “As mulheres estão cada vez mais ativas...antes, quem fazia engenharia civil, era só homem... Tanto é que quando se falava em mulher ser presidente da república?”. Ela acredita que essa participação das mulheres é respeitada e valorizada.

As dificuldades relatadas pela Mãe 1 a respeito de sua inserção no mercado de trabalho foram relativas ao período em que ela trabalhou em um banco. “Dentro do banco sim... primeiro: tinha uma época que mulheres não faziam concurso do (nome da agência). Mas eu conheci mulheres lá dentro que estavam se aposentando que foram dos primeiros concursos que admitiam mulheres, antes só os homens ... às vezes certos cargos, você não concorria, você tinha competência para assumir... mas mulher não entrava. Tinha que ser um homem. Eu peguei. Era uma barreira. Você não podia ganhar mais e nem subir ...tinha uma época em que mulher não era gerente de banco nunca. Eu cheguei a ser... mas eu não fui assim, gerente geral, mas fui gerente de vendas dentro do banco”. Eu acho que eu desempenhei, posso dizer que um papel

muito bom...sempre procurava atingir minhas metas e o banco exigia cada vez mais. Apontou o preconceito contra as mulheres nessa agência bancária: “até entre os colegas, mesmo por achar que o homem sabia mais... às vezes, o homem que não conseguia aquele cargo, ele se sentia muito... incomodado e tratava a pessoa diferente sim. Eu vi muito disso, pouco não”.

Mãe 1 comentou uma situação relacionada à visão preconcebida de um cliente idoso que a contratou para desempenhar uma atividade para ele e como ele avaliava o trabalho das mulheres “Então, ele primeiro me elogiou, foi o motivo que ele tirou do profissional anterior que cuidava dessa área para ele pra vir pra mim, eu soube explicar pra ele ...eu demonstrei que eu conseguia tirar (o serviço) de um homem. Ele que é mais idoso e ainda tem muito isso, achar que a mulher não é mais capaz do que o homem é. Ele falou que não sabe como é que eu consegui fazer o serviço para ele, tirar do outro... o conceito dele de mulher é que mulher erra”. Essas percepções da Mãe 1 sobre sua competência estão de acordo com o que Cruz (2005) relata sobre a relevância da qualificação feminina como um fator favorável na entrada da mulher no mercado de trabalho. O fato dela ter se dedicado em aprender sobre sua área foi fundamental para sua ascensão profissional. É inegável, entretanto, o preconceito enfrentado por ser mulher e a dúvida que paira sobre essa mesma competência.

O trabalho doméstico é outra dimensão importante do trabalho feminino. As participantes foram perguntadas sobre o reconhecimento que recebem em relação a esse trabalho invisível por parte da família. A visão da Mãe 1 sobre essa questão foi expressa da seguinte forma: “Eu acho que em parte sim ...de certa forma reconhecem que, pelo menos a comida eu faço razoável. Mas eu acho que o trabalho de casa, de um modo geral, não é valorizado. É um trabalho que ninguém vê, todo mundo é servido e você não tem aquele valor que deveria ter”.

A Mãe 1 tem consciência de que acumular diversas funções pode ser muito complicado: “eu acho que tem hora que sobrecarrega e os homens não entendem. Eu acho que de um modo geral, a mulher, ela sobrecarrega”. Ela exemplifica: “uma mulher trabalha fora, chega em casa e está sem empregada, vai lavar, vai passar, vai cozinhar, vai deixar o lanche do filho, o do marido... Tem que estar tal hora com o cliente, então você faz “n” coisas”.

Mãe 1 pensa em estratégias que deveria utilizar para amenizar o estresse e o efeito do acúmulo de responsabilidades para a saúde dela: “a idade vai chegando e você tem que se cuidar... eu ainda tenho esse negócio de achar que eu posso, que eu não fico doente, que eu dou conta”. Ela disse que já adotou algumas atitudes para

deixar mais claro aos membros da família que ela está começando a pensar mais nela. Ela citou uma situação corriqueira com um dos filhos a respeito de um prato de comida que ela havia feito: “Agora dá licença, primeiro eu. Eu falei - Esse daqui é meu... – Umas coisas assim, que eu não fazia, que eu ficava, sem isso, sem daquilo, e tudo abrindo concessão. Eu tô lá... e: Vem fazer massagem em mim...eu tô assim ultimamente”.

Mãe 1 percebeu que com essa mudança de atitude até os filhos estão contribuindo para diminuir as responsabilidades dela em casa. Seu filho, por exemplo, começou a pedir para a empregada para deixar o lanche pronto na geladeira para ele esquentar de manhã antes de ir para o trabalho: “Ele falou: Olha mãe, já vi uma maneira pra senhora não levantar cedo; eu falei: ótimo”. Percebe que as exigências do dia-a-dia acabam afetando mais a vida conjugal: “Eu acho que quem paga é a conjugal, porque às vezes eu não tenho aquele tempo todo... ele teve que recuar um pouco da venda, e quem mais vendeu sempre fui eu. Então é natural que eu sobrecarregue”. Ainda assim, ela acredita que poderia fazer mais no trabalho “eu acho que eu poderia fazer aquele horário das oito horas... e eu acho que eu poderia fazer mais do que eu faço”.

A Mãe 1 acha que a mulher não deve parar de trabalhar quando tem filhos pequenos, a não ser na licença maternidade. “Eu acho que hoje em dia já não comporta mais isso. Se você puder dá uma atenção pro seu filho, quanto mais, melhor. Mas eu acho que você tem que conciliar. Não acho que ela tem que parar de trabalhar”. Ela acha que a mulher deve priorizar a estabilidade financeira primeiro: “eu acho que você tem que ter uma estrutura, ter uma condição mínima financeira”.

O controle das finanças é feito pelo marido de Mãe 1. Ela diz: “Nada é separado. O dinheiro, ele pega tira e bota na minha carteira. Ele gosta de controlar o caixa... . Se eu tiver, eu gasto. Ele não implica de jeito nenhum, por sinal, ele é mais mão aberta”. Mencionou que o esposo tem o controle do dinheiro apenas no sentido de movimentação do montante ganho, mas não costuma impor limites na forma como é gasto ou na quantia que ela gasta. Mãe 1 relembra que o período em que tanto ela como o esposo trabalhavam em banco a situação da família era melhor “quando eles eram menores, a condição foi bem melhor também, e era inglês, era escola, natação, vôlei, aula de música, balé, tudo eles freqüentavam. Eu tinha motorista pra carregar os meninos na escola, porque eu trabalhava no banco”. Ela acrescentou que o filho, assim que começou a trabalhar, passou a contribuir também com algumas despesas. “Mas teve época que a gente não tinha e ele trabalhava muito e ajudava”.

A Neta 1 começou a trabalhar na empresa da família aos 18 anos, no período em que estava prestando o vestibular: “eu passei no vestibular, que eu passei com 18 anos, eu comecei a trabalhar, mas assim, na verdade, eu nunca tive um horário assim, sabe, específico”. Teve que trancar a faculdade por problemas pessoais e isso também contribuiu para que ela se envolvesse com a empresa da família: “teve uma fase mais crítica que eu tive que trancar a faculdade... ficar dentro de casa... foi a fase que eu acompanhei mais a minha mãe, que eu trabalhava de comissão... Na parte... de burocrática... fazia cálculos pra minha mãe e acompanhava ela... o que acabei aprendendo”.

A visão que Neta 1 tem dela mesma no mercado de trabalho ainda não é precisa, até porque ela disse que ainda não é formada, já que atrasou a formatura devido ao trancamento da matrícula. Em função disso ela ainda não vislumbra muito bem essa participação: “Ainda tá indefinido, que eu acho que eu tenho de ser mais segura sabe, de como eu me comporto com as pessoas, e tal, e de ser provedora também sabe, de começar a ter essa independência que todos tanto falam...”

A opinião da Neta 1 sobre a participação de mulheres no mercado de trabalho é: “eu acho que tá respondendo muito bem com relação a isso. A gente vê a ocupação que a mulher tá tendo no mercado de trabalho, não só da competência, mas também com relação a que eles até preferem às vezes, a mulher por ter uma sensibilidade maior”.

Neta 1 acredita que algumas coisas estão mudando no mercado de trabalho no que se refere à entrada da mulher: “eu acho que a gente tá se capacitando sim, mas que a gente precisa ter uma base mais sabe, procurar tá resgatando os valores ... a mulher tem muito essa questão da preocupação do coletivo que eu te falei, essa questão de ser acolhedora e agora essa visão tá um pouco deturpada, os valores estão mudando... porque estão se preocupando muito mais com o individual e, por exemplo, no ambiente de trabalho também, o individual tá se sobrepondo ao coletivo e isso também tá sendo prejudicial”. Relatou que não passou dificuldades no trabalho por ser mulher, mas por questões pessoais: “dificuldades pessoais no sentido de achar que o homem tem mais segurança então eu acho que eu devia ter mais segurança”.

O trabalho doméstico também foi objeto de reflexão de Neta 1. A participação dela e dos irmãos é menor: “a gente é um pouco acomodado, sempre fui muito desorganizada, sempre fui muito acomodada com relação a ter uma empregada doméstica então assim, não fazer as coisas... quando tinha que fazer, era eu e minha mãe que fazia então, assim, essa diferenciação era muito nesse sentido”. Compara sua

contribuição em casa com a contribuição na empresa: “ eu não tenho uma profissão definida, não vendi, não tenho um horário de trabalho, não tenho um vínculo ainda, nesse sentido. Então assim, eu ligo muito isso à questão da utilidade que eu tenho dentro de casa. Eu ainda não tenho a utilidade que eu gostaria de ter entendeu”.

A questão de a mulher parar de trabalhar quando tem filhos pequenos foi vista da seguinte maneira por Neta 1: “eu acho que você sendo mãe, tem certas coisas que você tem que sacrificar né, em prol de ser mãe porque você tem que dedicar um tempo”. No caso dela, afirmou que preferiria ter primeiro uma estruturação financeira e emocional antes de ter filhos: “eu penso que sim, eu penso que depois de conseguir tá profissionalmente mais estabilizada... eu acho que a estrutura emocional é muito mais importante do que qualquer outro tipo”.

Neta 1 ainda não é formada, então foi perguntado a ela se ela pretende seguir a carreira para a qual está estudando. A resposta dela foi a seguinte: “não sei, eu me vejo na empresa, tem hora que eu me vejo no Direito...nessa questão do curso, vem um questionamento muito grande porque é um investimento muito grande, de você tá no caminho certo, então realmente isso pra mim é um incômodo”. Ela traz a visão de que ainda existe preconceito na área que ela estuda “eu vejo que é um ramo que tem muito ainda que ser desbravado, mesmo pelas mulheres ... e que tem preconceito sim”.

Neta 1 revelou a perspectiva que ela tem sobre como será ela ser mãe, mulher, trabalhadora e ela disse que é muito difícil lidar com a faculdade e o trabalho, mesmo não que não esteja se dedicando demasiadamente em ambos. “Aí eu vejo assim, um povo trabalhando, estudando, sabe, gente que é mãe e que tá fazendo tudo isso e eu fico: Meu Deus, mas como, como que consegue?”. Questionada sobre como ela pensa que vai lidar com todas essas atribuições no futuro, ela disse: “então eu acho que os desafios, pra mim, vão vir; no momento os meus obstáculos são esses, os meus desafios são esses e se chegar e quando chegar, se por acaso chegar, mas eu vou ter filho, eu não quero saber”.

As gerações de mulheres da Família 1 têm percepções sobre o trabalho doméstico e formal bastante parecidas. A Avó 1, que trabalha desde os 15 anos mencionou que percebe o reconhecimento do trabalho doméstico; teve ajuda do esposo nesse sentido e o trabalho remunerado era visto como uma realização por ela. Mãe 1 relatou algumas dificuldades em um dos trabalhos formais que teve, por ser mulher; disse que percebe agora um maior reconhecimento e até contribuição de outros membros da família nos afazeres domésticos. Neta 1 percebe que não contribui tanto em casa como acha que deveria. Todas as participantes concordaram que é

possível conciliar trabalho, maternidade e vida familiar e que por isso a mulher não deveria parar de trabalhar quando tem filhos pequenos. Elas também acreditam que o mercado de trabalho está mais aberto à participação de mulheres.

Família 2

A Avó 2 trabalha há 20 anos em negócio que ela e o esposo possuem. Antes desse negócio familiar ela teve outras experiências empregatícias “eu comecei a trabalhar como empregada depois nós começamos a abrir o pequeno negócio”. Nenhuma dessas experiências era formal: “eu vendia produto, vendia jóia, vendi roupa”. Disse que sua participação na pequena empresa familiar se deu de forma natural “a gente começou junto e a gente começou com muita dificuldade”. A contribuição de ambos nas despesas de casa é na percepção dela, igual, pois vem do trabalho que ambos exercem.

A opinião da Avó 2 sobre a participação da mulher no mercado de trabalho revela o paradoxo entre a presença de dificuldade e a maior abertura à participação das mulheres. Ela disse: “Eu não tenho muita experiência dessa forma, pra eu te dizer, mas eu acho que tem um pouco de dificuldade as mulheres, né? Mas tá bem mais aberto, tá bem mais fácil... na minha época, uma pessoa pra fazer uma faculdade era só filho de rico. Hoje, se a pessoa, se quiser, faz faculdade, né?”. Podemos ver que ela relaciona trabalho e estudo numa equação em que o maior acesso à educação e qualificação hoje em dia pode ser um fator que facilitaria a entrada da mulher no mercado de trabalho, quando comparado a contextos anteriores.

O reconhecimento por parte dos outros referente ao trabalho que a Avó 2 desempenha dentro de casa foi descrito da seguinte forma: “eu acho que o trabalho dentro de casa, poucas pessoas reconhece, né, e ninguém vive sem ele, né. Tem muita gente que ainda fala, assim, que não sabe como é que eu dou conta de todas as tarefas que eu faço”. Fica evidente na fala de Avó 2 tanto a sobrecarga de trabalho quanto a falta de reconhecimento pelo esforço.

A Avó 2 percebe que há a necessidade de a mulher desempenhar diversas funções “ela não pode ficar parada aí, só sendo dona-de-casa e não fazer nada”. No caso dela, ela disse que uma estratégia para lidar com o casamento, os filhos, o trabalho, tanto doméstico como o trabalho no negócio da família é saber administrar “eu organizo horário. Como é só nós dois que trabalha, tem uma menina que me ajuda 3 dias por semana já. Na parte da manhã ele cuida da peixaria enquanto eu cuido do

serviço da casa. Aí pra ... nesse intervalo, ele sai pra fazer entrega e tudo e eu cuido da peixaria. aí na hora do almoço, ele cuida da peixaria e eu faço o almoço”.

A Avó 2 acha que a mulher não precisa parar de trabalhar por ter filhos pequenos: “claro que faz muita falta a mãe na época dos filhos pequenos mas também se ela souber administrar ela consegue trabalhar e cuidar das filhos”. Se fosse a situação dela, ela disse que deixaria para ter filhos depois de se estabilizar numa profissão. “Naquela época a gente não tinha muita noção de vida, a gente achava que era casar e fazer filho... mas eu acho que se fosse agora, pra mim casar e ter filho, primeiro, eu ia estabilizar minha vida primeiro”. Essa fala de Avó 2 mostra o quanto a dimensão econômica vem ganhando preponderância na vida das pessoas e como isso afeta a visão sobre a criação de filhos.

Mãe 2 relatou que trabalhou em um negócio dela e do ex-esposo há sete anos atrás e em seguida trabalhou como gerente de merenda por dois anos e meio. Relatou que o esposo concordava com o fato dela trabalhar fora, mas aos poucos isso foi mudando “no começo ele concordava, aí depois ele já começou com aquela desculpa que eu chegava muito estressada em casa, muito cansada, que não tinha muito tempo pra ele, que eu não podia sair. Porque realmente, eu saia cinco e meia da manhã, chegava seis e meia da tarde, eu trabalhava em zona rural, né. Era muito longe”. Ela lembra que só enquanto trabalhava com o ex-esposo ele não opunha e até incentivava: “ele que quis que eu trabalhasse. Uma vez eu quis parar, aí : ‘Não você não sei quê, vai ficar estressada’ (Mãe 2 reproduzindo uma fala do ex-marido). Ele falava que se eu ficasse em casa eu tava estressada, se eu trabalhava eu ficava mais estressada ainda”. E seguida ela disse que a situação mudou: “e depois que eu fui trabalhar fora, né, aí foi que começou mais as nossas brigas”.

Mãe 2 valoriza muito o trabalho feminino e disse que tentou passar essa visão para as filhas tomando o exemplo dela própria ao não seguir o conselho dos pais: “Já falaram (os pais dela): você quer ficar igual eu aqui trabalhando, lavando, passando? Não. Vá arrumar uma profissão, vá trabalhar e tudo, né, mas eu, ainda adolescente de 17 anos, não tinha noção de nada naquele tal momento de bobeira que você se arrepende pela vida inteira né?”. Ela segue aconselhando os filhos também: “Ó, vocês estão vendo o que eu passei, não é, isso não quer dizer que vocês vão passar também, não quero dizer que, ‘há porque o meu não deu certo”. Para as filhas ela faz um aconselhamento mais enfático “Ó minha filha, tenha a sua profissão, primeiramente. Independente de seu marido querer ou não, dele achar que pode te bancar ou não, tudo bem, mas tenha a sua profissão. Pra que pelo menos você tenha uma segurança. Pra

não fazer igual eu que eu saí do casamento sem profissão nenhuma e hoje eu to aqui com 42 anos tentando batalhar alguma coisa, né. Você sabe que na minha idade é muito mais difícil que numa idade de 20 - 22 anos”.

Mãe 2 disse que nunca gostou de depender financeiramente de ninguém, o que fica evidente na seguinte colocação: “como eu queria ter minhas coisas ... mas sabe como é vida de mulher, você quer uma roupa diferente, você quer comprar uma coisa pro teu filho, e tal, então eu pensei, vou ter que trabalhar. Eu trabalhava justamente pra isso”. Reforçou que valoriza e dá muita importância ao trabalho feminino e percebe que uma das mudanças que há hoje em dia na atuação das mulheres no mercado de trabalho é que o trabalho não é mais visto apenas como uma forma de independência financeira, mas também como uma forma de realização pessoal.

A seguinte fala da Mãe 2 demonstra a visão dela sobre uma mulher independente: “ela (a mulher) fala assim: ‘eu não dependo de ninguém, eu tenho o meu trabalho, o meu dinheiro, eu pago as minhas contas’ - eu acho que ela é uma pessoa mais segura. Teve uma mudança sim. Porque depois elas passaram a ficar mais independentes, mais seguras”. Esse posicionamento de Mãe 2 reafirma o que Losada e Rocha-Coutinho (2007) discutem sobre a visão de mulheres sobre a profissão como não apenas fonte de sustento, mas também como parte de sua identidade, algo que traz prazer e satisfação pessoal e que vai além da ideia ou obrigação de complementar a renda da família.

Mãe 2 também percebe o mercado de trabalho mais aberto à participação das mulheres: “Acho que tá bem melhor que antes. Porque há uns 40, 50 anos atrás, que mulher antes não podia nem votar, né”. A diferença de tratamento entre homens e mulheres também é comentada por ela: “Eu leio muito e vejo falar, por exemplo, você é psicóloga e tem um colega seu que é psicólogo - ele ganha melhor que mais que você, por quê? O trabalho não é o mesmo? Tem aquele negócio: ‘Ah, porque a mulher é sexo frágil’. Não, sexo frágil pra mim é homem, não a mulher”.

Mãe 2 relatou uma experiência de discriminação no trabalho dela, por parte de um colega: “eu lembro que quando eu fui entrar na parte administrativa, eu tinha um sócio lá, ele mal sabia ler e escrever, e achava que ele ia ser melhor do que eu. Ele achava que eu não podia mexer com nota fiscal porque eu era mulher; porque eu não ia saber fazer um cálculo. ...Então tá bom vamos fazer o seguinte, eu vou pegar uma nota, você pega outra e vamos ver quem é que faz o cálculo. Ele não soube nem ler uma nota. Só que eu consegui mostrar pra ele que nesse ponto eu era melhor que ele, independente de ser mulher ou não”. Esse relato nos transmite a necessidade de se

pensar em políticas para a diminuição da discriminação da mulher no ambiente de trabalho, questão que foi debatida por Bruschini e Ricoldi (2008).

O reconhecimento pelo trabalho doméstico existe na opinião da Mãe 2, mas ela relatou que não tem ajuda: “eu procuro cuidar um pouco de cada um deles. Eles não ajudam, mas reconhecem. Eu chegava ...da escola, eu chegava 6 e meia, eu ainda ia arrumar a casa, ia fazer janta, colocava roupa na máquina pra lavar e ia dormir 11 e meia, meia noite pra acordar cinco e meia da manhã”. Essa fala exemplifica a sobrecarga de trabalho da mulher e revela o quanto o cotidiano da vida familiar ainda reforça a idéia que a mulher é responsável sozinha pelo cuidado da casa, dos filhos e do marido.

A questão da mulher parar de trabalhar quando tem filhos pequenos também é vista como desnecessária pela Mãe 2. “Não. Só se for muito pequenininho, tipo assim, até um ano, acho que a mãe tem que tá com o filho. Isso não atrapalha não. Hoje tá tão mais fácil. Tem creche, tem babá”. Opinião que também foi compartilhada pela Avó 2. Já a busca pela independência e estabilidade na profissão, ela acha que é importante e seria o ideal de vida que ela gostaria de ter atingindo: “se eu pudesse voltar sim, eu primeiro eu teria minha profissão, teria me formado; depois que eu pensar em ter filho”.

A divisão das finanças na economia doméstica é vista pela própria Mãe 2 de forma desigual. Mãe 2 disse: “quando eu trabalhava, eu ajudava. Meu salário, lógico era bem menos que o dele. Ele contribuía mais”. O fato é que o trabalho de mulheres no mundo inteiro recebe menor reconhecimento financeiro do que o dos homens.

Neta 2 é estudante universitária e não estava trabalhando na época da entrevista. Ela havia tido experiências empregatícias antes de se casar e falou sobre elas: “eu já trabalhei de feirante, já trabalhei nessa empresa do meu pai, já trabalhei no banco, já trabalhei no mercado”. Neta 2 já havia mencionado que o esposo dela é a favor dela trabalhar fora, mas disse que percebe que ele pode sentir falta da presença e dos cuidados constantes dela: “Querendo ou não, ele deixa a entender que ele gosta de cuidado...E quando eu começar a trabalhar isso vai diminuir e filho também vai diminuir bastante o carinho, que eu sou extremamente carinhosa com ele, ele nunca reclamou disso. E às vezes eu acho que ele tem um certo medo de ele acabar perdendo esse espaço”.

Apesar de não estar atualmente exercendo atividade formal de trabalho, a Neta 2, acha que o mercado de trabalho está mais aberto: “se você for comparar com alguns anos atrás aí, tá muito mais aberto”. A idéia que ela tem da participação das mulheres

em comparação aos homens é diferenciada em função da crença que ela tem que a capacidade das mulheres é maior que a dos homens: “Tá cada dia maior e cada dia mais importante porque a mulher, ela consegue fazer... ela é multifuncional. A mulher, ela consegue fazer mil coisas ao mesmo tempo, coisa que raríssimos homens conseguem fazer. Porque ela é mais focada, ela é mais comprometida com o que faz”.

Neta 2 relatou nunca ter tido experiência de discriminação e dificuldades em relação à diferença de tratamento no trabalho. As dificuldades eram relacionadas à natureza do serviço: “no mercado é porque eu não tinha vamos supor... o fato de ficar esperando alguém ou algum dos meus amigos do ambiente de trabalho ficarem fazendo as coisas pra mim, porque eles tinham as obrigações deles e acabava que eu pegava peso que não podia pegar peso, pra ir adiantando o serviço, que eu não agüentava ficar esperando, mas assim era dificuldade”. A diferença no tratamento por parte dos colegas era mais relacionada a uma atitude de proteção: “até os colegas de trabalho tratam a gente com mais atenção, com mais cuidado, mais carinho, né, uma coisa assim. Entre eles, macho, lá era aquela coisa mais bruta, umas brincadeiras mais malucas. Mas diferença de salário, não”. Relatou já ter sido promovida “depois de um ano e quatro meses” em um emprego anterior - “trabalhava na loja e fui pra parte administrativa”.

A perspectiva que a Neta 2 tem do trabalho doméstico que ela realizava na casa da mãe, antes de se casar, é que ela não era muito reconhecida por isso: “Eu casei há 5 meses mas já fiz muito trabalho na casa da minha mãe... minha mãe vivia reclamando, sempre falava alguma coisa, nunca tava 100%. Não tinha como agradar, Deus me livre!”. Conciliar múltiplas funções é algo que a Neta 2 acha que a maioria dos homens não daria conta “se fosse um homem no lugar, não daria conta... mas acho que têm exceções”.

Fazendo um prognóstico de seu futuro, Neta 2 acrescenta que deverá realizar uma administração do tempo gasto nas diversas atividades exercidas (domésticas, maternidade, casamento e trabalho) para dar conta: “eu creio que eu conseguirei sair bem, nessa situação, vou lidar muito bem com esse tipo de situação porque é tudo uma questão de administração de tempo”. A Avó 2 também enfatizou que o bom uso do tempo é uma boa estratégia para lidar com tantas demandas: “eu organizo horário ...minhas irmãs até falam que eu pareço sargento”.

Mesmo não tendo filhos ainda, a Neta 2 disse que já conversou com o esposo sobre a questão de trabalhar quando se tem filhos pequenos. Ela disse que o esposo é da opinião que a mulher deve parar pelo menos nos primeiros quatro ou cinco anos,

mas ela discorda: “eu acho importantíssimo o que ele falou, não discordo, mas eu não sei daria conta de ficar só por conta de filho, cinco anos parada, me desatualizando, ficando parada no tempo. Pra ficar com o filhote dois ou três anos acho que já é o suficiente; dois anos tá mais do que bom”.

Neta 2 acha importante deixar para ter filhos depois de terminar a faculdade. A questão econômica não é problema já que eles já têm “uma situação financeira muito boa” - o esposo dela tem um bom emprego e já foi promovido várias vezes- mas mesmo assim ela não quer tardar a ter filhos: “o meu marido tem 20 anos de diferença pra mim, ele tem 42 e eu 22. Então assim, pra eu não demorar muito pra ter filho em relação a ele, mas eu sempre quis ser mãe nova”. Outro fator que ela leva em consideração é a questão da independência financeira e pessoal, aprendizado que se pode dizer que recebeu da mãe e da avó: “eu não gosto de ficar dependendo de homem; nesse sentido, eu acho que eu ficando bem, também tenho a obrigação de ter uma condição financeira, eu não sei o dia de amanhã. Então eu tô pretendendo prorrogar um pouquinho mais a minha gestação”. Aqui fica expressa a vontade dela em ter filhos assim que conseguir alcançar uma estabilidade profissional, a qual depende primeiro, do término do seu curso acadêmico. Em contrapartida, demonstrou que também reflete muito sobre a questão da idade do marido - o fato dele ser 20 anos mais velho que ela é um fator importante para determinar esse tempo entre se formar, alcançar a independência financeira e ter filhos.

A área de estudos da Neta 2 é vista por ela como uma área em que não há preconceitos contra a mulher. As dificuldades são as mesmas para ambos os sexos: “pra mulher e pro homem, tá cada dia mais difícil a área da economia... o curso de Economia tá ficando mais extinto”. Talvez por isso ela expressasse a vontade de investir em concurso público nessa área - “só pretendo fazer especialização”. Há uma dúvida sobre se realmente vai atuar na profissão. Afirmou que o esposo a apóia no sentido de buscar um emprego para ter mais uma contribuição dentro de casa: “Ele quer que eu trabalhe fora, ele me incentiva e me cobra muito, principalmente na hora de concurso, ele quer que eu faça concurso público”.

Neta 2 disse se sentir apoiada na escolha da profissão apesar de que o pai, no início, não apreciava muito a escolha: “meu pai, como eu te falei queria que eu fizesse Direito. Eu adoro política, mas aí depois ele começou a digerir a coisa mais tranquilo. Aí todo mundo achou bom e ainda que é um orgulho pra minha família, tá tendo uma filha, uma neta fazendo curso superior. Minha mãe sempre foi super light, falou: Você quer fazer isso, então ‘vamo’ lá”.

Há momentos na fala de Neta 2 que são interessantes de se avaliar. Foi a única participante que relatou que existe um incentivo enfático por parte do esposo no sentido de buscar um trabalho formal como forma de fomentar as finanças da família, mesmo eles tendo uma boa condição financeira. A maternidade foi um tema contraditório, pois ao mesmo tempo em que valoriza a busca por estabilidade financeira antes de ter filhos, não quer demorar a tê-los. Talvez isso se deva à sua condição à época da entrevista, pois ainda não era formada, mas tinha esse desejo de alcançar uma grande realização profissional por meio de especializações. Podemos ver, pela sua narrativa, que ela vive certo dilema e divergência de interesses: por um lado ela quer trabalhar para alcançar a independência financeira, por outro sabe que isso pode demorar um pouco e prorrogar muito a maternidade, o que também é desejado.

Família 3

A Avó 3 trabalhou como professora por 26 anos. Seu desejo inicial era cursar medicina; chegou a prestar vestibular em outra cidade, mas teve que desistir e voltar para sua cidade natal, para cuidar dos negócios da família, que possuía fazenda. Isso aconteceu em função da morte dos pais e do irmão mais velho. A partir daí teve que assumir mais responsabilidades e resolveu fazer o curso normal. Ela disse: “(nome da cidade) só oferecia o curso normal, naquele tempo. Não é que eu desejava ser professora, mas gostei, acomodei e fiz um trabalho muito bom, eu mesma sinto que é gratificante o que eu fiz pra mim mesma sabe?”. Inicialmente, trabalhou como professora na zona rural de (nome da cidade) e em seguida, na zona rural de (nome da cidade). Nesse emprego ela também assumia diversos papéis devido à necessidade: “não tinha diretora; a gente então tinha que ser professora, secretária e diretora ao mesmo tempo, mas mesmo assim, com toda a dificuldade eu amei a profissão”.

Avó 3 diz ser muito satisfeita com a participação dela no mercado de trabalho: “como professora eu acho que minha participação foi muito boa, sabe? Era uma comunidade assim, muito carente ... e hoje é uma comunidade grande lá e eu acho que graças ao que eles fizeram, que a gente orientou e eu estou, dentre as professoras que ficaram lá, que fizeram esse trabalho, eu sou uma delas, então eu sinto feliz por isso, viu?”. Avó 3 vê a participação das mulheres no mercado de trabalho, de forma geral como satisfatória: “você vê que cada dia nós temos mais mulheres até como administradoras e cada dia a mulher conquista mais espaço no mercado de trabalho e é uma profissional de responsabilidade”.

As dificuldades que Avó 3 enfrentou estavam mais relacionadas às características próprias da profissão e do ambiente de trabalho. Trabalhava em zona rural e os desafios eram constantes: “porque você tinha que pegar a condução até na estrada porque nós não tínhamos condução pra zona rural, então a gente ia ficar no asfalto, longe da escola e aquilo ali era um perigo”.

Outra dificuldade que a Avó 3 percebe que teve que enfrentar, se deu na época em que teve que assumir a frente dos negócios da família: “então o negocio que eles faziam era com homens, com esses homens fazendeiros fortes então eu tinha que enfrentar e era difícil porque eles não aceitavam, entendeu, pela minha idade e por eu ser mulher também”.

Avó 3 brincou ao se referir à percepção que ela tem do reconhecimento ao trabalho doméstico por parte dos familiares: “acho que o trabalho que eu faço em casa, acho que é reconhecido assim - na hora que não estou em casa, todo mundo acha que eu devo voltar depressa. Então quer dizer que o meu trabalho em casa é bom, né, foi reconhecido”. O fato é que eles a quererem de volta não significa necessariamente “reconhecimento”. Avó 3 não menciona e talvez não se dê conta e nem possa dar voz ao fato que eles a querem de volta em função da acomodação, da dependência dos seus serviços; tampouco pode admitir sobrecarga que isso implica para si mesma. Esse é um paradoxo que aprisiona mulheres – se de um lado existe um sentimento de importância pelo fato da família “precisar” dela, de outro ela não pode reconhecer o custo de fazer para os outros, muitas vezes passando por cima de seu cansaço e de suas próprias necessidades.

Há uma grande admiração da Avó 3 pelas mulheres que acumulam vários papéis. Ela dá exemplos de ex-colegas de profissão: “elas tinham a mesma dificuldade, aí é que eu acho que a mulher multiplica porque ela atende toda essa necessidade da família e ainda trabalham fora pra ajudar no orçamento da família. Eu acho maravilhoso isso da parte da mulher”. No caso dela, acrescenta que teve a ajuda de pessoas, funcionárias, para lidar com as demandas da vida familiar, do trabalho e do casamento. Faz a seguinte avaliação: “às vezes, eu olho pra trás e digo assim: Gente, como a gente deu conta de tanta coisa né, ao mesmo tempo?”.

Avó 3 acredita que a mulher deve parar de trabalhar quando tem filhos pequenos e sugeriu à neta que fizesse isso: “até aconselhei a minha neta, que mora comigo; quando ela teve o bebezinho, eu pedi pra ela não trabalhar enquanto a criança estivesse menor, mas como as mulheres hoje não podem deixar de trabalhar porque elas já conquistaram o mercado, então ela, no começo, ela não trabalhava o tempo

todo, trabalhava uma parte e outra ficava em casa”. Avó 3 parou de trabalhar um tempo e retornou em seguida. Seu esposo fez um trato com ela, no qual ela pararia de trabalhar para cuidar dos filhos e ele prometeu o seguinte: “quando a caçula tiver com cinco anos eu mesmo vou pedir pra alguém arranjar um emprego pra você” e assim foi feito. A Avó 3 valoriza o fato de a mulher buscar uma independência por meio dos estudos e trabalho: “eu acho que a mulher deve ter primeiro, ela deve estudar, conquistar um trabalho e depois então ela pode ter seus filhos”.

A responsabilidade pelas finanças da família era dividida entre ela e o esposo, exceto no período em que ela parou de trabalhar para cuidar dos filhos, quando o orçamento vinha exclusivamente da fazenda. Atualmente ela está mais envolvida nas funções da fazenda em função de um problema de saúde do esposo: “hoje eu tô com quase 80 anos, vou fazer 80 anos no ano que vem e eu trabalho com ele na fazenda”.

A Mãe 3 trabalha há 15 anos na área de administração. Anteriormente havia sido professora, agora está se aposentando. O fator principal que a motivou a buscar emprego foi o exemplo da mãe: “a minha mãe sempre nesse sentido ela sempre foi muito independente e ela quase obrigou a gente a ter essa visão, assim, de ser independente financeiramente”. No geral ela percebe que a participação dela no mercado de trabalho é importante, mas que ainda há “algumas restrições, alguma diferenciação”, de forma geral, à entrada das mulheres no mercado de trabalho. Relatou não ter percebido diferença de tratamento no trabalho por ser mulher: “não porque como no local que eu trabalho a maioria é mulher... Então o salário é o mesmo”.

O trabalho doméstico não é visto de forma positiva pela Mãe 3 devido às experiências anteriores dela na casa dos pais: “eu não gosto muito de trabalho de casa não. Eu não tenho muitas boas lembranças até por causa do meu tempo de... quando morava com meu pai, minha mãe”. Já a percepção do trabalho que realiza fora de casa é mais associada à auto-realização: “no trabalho fora de casa eu gosto, eu consigo me realizar com poucas coisas”.

Mãe 3 acha que a mulher deve parar de trabalhar quando os filhos são ainda pequenos, entretanto, deve haver um acordo com o esposo em relação a isso: “Eu acho que não só mulher. Eu acho que o homem e a mulher. Eu acho que teria de ser, ou meio período um e revezando com o outro”.

A contribuição com as finanças dentro de casa na opinião da Mãe 3 é um pouco desigual. Tanto ela como seu cônjuge estão na segunda união estável. Mãe 3 acha que contribuiu mais que o atual parceiro em função da situação deles como casal:

“foi muito conversado, foi discutido, deu muita briga, porque assim, esse apartamento que a gente mora, ele é meu, então assim, algumas vezes ele teve muita resistência em aplicar algum dinheiro”. Em contrapartida, percebe que a contribuição dele com as despesas do dia-a-dia é “mais ou menos igual”. Percebe-se que há um dilema na contribuição financeira do atual cônjuge em função dele não se perceber como alguém que tenha a obrigação de aplicar dinheiro em melhorias para o apartamento em função de não ser o proprietário; situação que fica diferente no tocante ao compartilhamento das despesas.

Mãe 3 acha que a experiência dela na área profissional foi afetada com o nascimento das filhas. Enfrentou a necessidade de optar por não investir na carreira: “porque pra mim eu tive que escolher: ou eu investia na minha carreira ou eu cuidava das minhas filhas. Não deu pra fazer as duas coisas porque não tive apoio de, por exemplo, um pai” (no caso, o esposo). Chegou a começar o mestrado, mas teve que parar porque viu a necessidade de acompanhar as filhas que estavam num período importante nos estudos “se eu investisse na minha carreira, eu ia ter mais tempo fora de casa, ia ter de me envolver mais...quem ia orientar, quem ia acompanhar”.

Mãe 3 relatou que sempre incentivou as filhas a buscarem, melhores condições de vida e realização pessoal através dos estudos e da carreira: “o sonho de estudar e de fazer doutorado, que eu queria, eu passei para elas, eu resolvi investir nelas porque naquele momento tava difícil”. Optou por não dar continuidade à vida acadêmica para acompanhar as filhas; passou a dispensar mais atenção a elas e transmitir esse valor, no sentido de não seguir o exemplo dela. Lembra também que esse é um valor que sempre esteve presente na educação dela, até em função da mãe dela também ter sido professora. Ela própria já ajudava os irmãos nos trabalhos escolares: “ela (Avó 3) saía pra trabalhar e eu ficava pra cuidar deles com as tarefas de escola; essa responsabilidade de cuidar, de fazer com que eles sentassem pra estudar”. Assim, disse que acredita que “independência e estudar” são os valores que permaneceram ao longo das gerações de sua família.

Neta 3 é bolsista de doutorado e pretende prestar concurso público na área de formação dela. Ela disse que é muito incentivada pelo esposo dela. Afirmou que tem grande apoio do esposo para que ela alcance logo uma posição financeira mais estável: “ele quer muito que eu junte dinheiro, que eu guarde meu dinheiro pra coisas grandes”.

Há uma grande motivação por trás desse desejo de seguir a carreira na área em que a Neta 3 estuda: “a minha principal motivação, porque eu escolhi a minha carreira

foi porque eu gosto da pesquisa e vou seguir essa carreira... e eu ainda não consegui passar no concurso e a minha principal motivação é concretizar isso”. Neta 3 também atribui o desejo de alcançar “uma realização pessoal” como principal força motriz na busca por ascensão profissional; a compensação financeira fica em segundo plano, na opinião dela. Em seguida, Neta 3 dá um exemplo de momentos em que ela se sente mais cansada e recebe o apoio do esposo: “Ó, eu também tô cansada, eu quero para de trabalhar, tô um pouco em crise, que tô querendo sair e ele é um dos que mais me incentiva a não sair, entendeu? Até pela questão financeira”.

A participação da mulher no mercado de trabalho é vista de forma um pouco cética por Neta 3: “acho que a mulher, coitada...é bem cruel com a mulher. O mercado tá mais aberto, mas não é flexível também ...os empregadores, a maioria deles não quer saber da condição da mulher”. Apesar disso, não percebe uma diferença de tratamento com relação às mulheres: “eu acho que o problema das mulheres é fora do trabalho, entendeu, porque ela tem jornada dupla, ou tripla. Isso dificulta no trabalho”. No caso da área de pesquisa em que se encontra, tem uma percepção sobre a diferença entre homens e mulheres que ela explica da seguinte forma: “homens são muito mais produtivos que mulheres; pesquisadores homens são muito mais produtivos que mulheres porque eles geralmente são cuidados e a mulher, além de dar conta da carreira, ela tem que cuidar do marido, da casa e do filho e aí ela tem menos tempo pra ser produtiva na carreira”. Vemos impregnada tanto na fala de Neta 3 quanto na realidade que ela descreve do trabalho a visão tradicional do papel feminino marcado pela imposição do patriarcado em relação à mulher no sentido de delimitar sua esfera de ação ao âmbito familiar e aos cuidados maternos. Nesse contexto, o peso da múltipla jornada é ignorado e o que persiste é a idéia de inferioridade da mulher em relação ao homem no que diz respeito à produção.

O exercício do trabalho doméstico é percebido por Neta 3 como área em que não há reconhecimento da parte que lhe cabe nessa função. Conciliar as demandas do casamento, doutorado e criação da filha, que tem dois anos e meio, é visto por ela como “cansativo, desgastante”. A estratégia que usa para lidar com isso é estabelecendo prioridades entre as demais exigências. Vemos que ela é da mesma opinião da Avó 3. Ambas acreditam ser importante a mulher parar de trabalhar apenas no período em que os filhos são pequenos. E assim como a Avó 3 e a Mãe 3, acha que o ideal é a mulher ter estabilidade financeira e profissional antes de ter filhos.

A responsabilidade pelas finanças da família são mais atribuídas ao esposo dela: “meu marido contribui mais, assim, que eu tenho mais despesas pessoais. E ele

contribui mais com as despesas da casa”. Em função dos gastos com o doutorado, ela acaba assumindo uma parte menor nas economias domésticas: “eu tenho um gasto muito grande pra viajar até aqui, né, vai metade da minha bolsa”. Neta 3 especificou que gastos ela e o esposo assumem na casa “a gente divide um pouco. Tem algumas despesas que ele considera fúteis, entendeu, que é roupa, cosmético, que ele considera supérfluo. Eu assumo o meu e o da minha filha, então esses gastos, eu faço pra mim e pra minha filha... meu carro eu mantenho”. Os gastos do esposo seriam relativos aos custos maiores: “a gente tem algumas funcionárias, ele que paga, entendeu? Mais relacionado a casa, alimentação, plano de saúde... é tudo ele”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo abordou a percepção de mulheres de diferentes gerações acerca do trabalho remunerado e do trabalho doméstico, projeto de vida, e independência sob a perspectiva de gênero. Vimos que tanto o trabalho remunerado quanto o trabalho doméstico são importantes aspectos definidores da identidade feminina (Losada & Rocha-Coutinho 2007). Mulheres passaram a buscar uma atividade profissional remunerada como forma de realização pessoal e não apenas para subsídio financeiro da família. Essas mulheres percebem que sua auto-estima, senso de identidade e de independência são aprimorados no exercício do trabalho formal e na busca por mais qualificação.

Enquanto por um lado todas as participantes falaram da valorização do trabalho remunerado, por outro elas deixaram claro os desafios e o ônus que mulheres pagam para conciliar trabalho formal, com trabalho doméstico, e com a vida conjugal e familiar. As entrevistadas reconhecem que a maior parte da responsabilidade pelos afazeres domésticos ainda recai sobre as mulheres, mesmo quando elas contam com funcionárias e com uma rede de apoio. Essas demandas permanecem mesmo quando elas trabalham formalmente e muitas vezes as cobranças se estendem ao seu desempenho profissional. A idéia de igualdade no tocante à administração e tarefas da casa e ao cuidado com os filhos permanece um mito. Essa pesquisa revela que existe um discurso de reconhecimento da competência da mulher, mas é ela quem arca com ônus de conciliar formação profissional, trabalho formal e vida familiar.

A revisão de literatura apontou que por muito tempo o trabalho exercido dentro de casa era desconsiderado nas pesquisas, e não reconhecido mesmo dentro da família. O discurso da maioria das entrevistadas confirma esse quadro – várias participantes disseram que o reconhecimento do trabalho doméstico por parte da família ou de outras pessoas era escasso ou inexistente. Cruz (2005) discute essa questão da dificuldade em atribuir um lugar de reconhecimento para o trabalho doméstico.

A posição das mulheres entrevistadas em relação à interrupção do trabalho quando se tem filhos pequenos foi uma questão interessante que apareceu nas entrevistas. A Avó 1 e Avó 2 acreditam que a mulher não deve parar de trabalhar quando tem filhos pequenos. A Mãe 1 e Mãe 2 acham que a mulher deve parar apenas no período da licença maternidade. A Avó 3, Mãe 3, Neta 3 e Neta 2 acham que enquanto os filhos forem pequenos a mulher deve parar de trabalhar para cuidar deles, sendo que apenas a Neta 2 especificou aproximadamente que esse tempo não deveria extrapolar os três anos para não comprometer a continuidade do seu processo de qualificação profissional.

As diferentes posições evidentes nas falas das participantes parecem expressar a experiência que essas mulheres tiveram com rede de apoio e como isso influenciou na decisão de parar ou não de trabalhar. Avó 1 e Avó 2 relataram que tinham ajudantes pagas em casa e contavam ainda com ajuda da família, o que colaborou para que elas não precisassem parar de trabalhar. Avó 3 tinha uma excelente rede de apoio que consistia em funcionárias que a ajudavam em casa; mesmo assim ela parou de trabalhar enquanto os filhos eram pequenos e acha que isso é o melhor a se fazer, embora reconheça que as mulheres hoje em dia não podem parar de trabalhar. Neta 3, ao contrário de Mãe 3 que cuidava sozinha das filhas, conta com ajuda do esposo e de uma funcionária; mesmo assim tem a opinião de que a mulher deveria parar de trabalhar. Portanto, ausência ou presença de uma rede de apoio para não ser o único fator determinante na escolha da mulher por seguir ou não em sua profissão após o nascimento dos filhos.

Em todos os casos os maridos foram apoiadores do trabalho das entrevistadas. Apenas a Mãe 2 relatou que o ex-marido inicialmente apoiava, mas apenas quando ela mudou de emprego ele passou a reclamar da sua ausência em casa. O fato de inicialmente ela trabalhar em empresa familiar e posteriormente como professora em escola pública precisa ser levado em conta. No primeiro contexto, ela gozava de flexibilidade de horários e o marido permanecia em contato com ela. No segundo, era sobrecarregada por demandas e dificuldades de natureza diversa.

Os dados coletados nos permitem ter uma visão clara de que algumas mudanças na percepção das mulheres em torno do trabalho e da independência vêm ocorrendo. Mulheres de todas as gerações percebem que o mercado de trabalho está mais aberto às mulheres e que é importante que elas consigam se inserir nesse meio sem deixar de lado necessariamente a vida familiar. Todas concordaram que é um desafio muito grande, mas que dá para conciliar diversas demandas da vida moderna como trabalho, conjugalidade, família, filhos.

A questão dos dilemas e da sobrecarga para conciliar família e trabalho ficou evidente nas falas das entrevistadas. No entanto, as mulheres falam de forma indireta de suas dificuldades para conciliar as demandas das esferas públicas e privada. Parece que o peso de expectativas relacionadas ao modelo tradicional de divisão de trabalho entre homens e mulheres permanece forte e marca a experiência de todas elas.

A interação entre gênero, trabalho e geração merece atenção. Entendemos que estudos transgeracionais são relevantes e necessários para nos ajudar a compreender mais precisamente o impacto de transformações sociais no cotidiano da vida de mulheres de diferentes gerações. Constatamos que em vários momentos as falas das participantes eram confusas ou estavam permeadas de paradoxos, o que pode revelar a presença de dilemas no ajuste entre novos e velhos papéis e demandas sociais. Não resta dúvida, no entanto, que o tema- interação entre trabalho formal e trabalho doméstico e sua relação com a dependência e independência de mulheres e seus projetos de vida - é de grande relevância para o avanço do estudo da condição feminina. Pesquisas nessa área devem levar em conta a multiplicidade de fatores que afetam a experiência de mulheres.

CONCLUSÃO

Conhecer mudanças e permanências na condição feminina foi o mote da pesquisa. Dentro desse tema maior, colocou-se ênfase nos âmbitos dos papéis de gênero, família, conjugalidade, maternidade e trabalho/projetos de vida/independência. Transgeracionalidade e gênero serviram de pano de fundo para o debate. O interesse por essa temática partiu da própria experiência em ser mulher da mestrandia e foi reforçado em sua vida acadêmica, após estágio com famílias e pesquisa sobre conjugalidade.

Esse trabalho foi estruturado em cinco (5) artigos nos quais os objetivos específicos da pesquisa foram abordados à luz das entrevistas com mulheres de gerações diferentes de uma mesma família. Suas percepções acerca dos temas propostos foram analisadas e obtivemos substratos para a discussão de mudanças e permanências na condição feminina por comparação entre os dados das participantes de uma mesma família e entre as famílias. O conjunto dos dados foi problematizado em cada artigo à luz da literatura.

O processo histórico modifica a realidade de pessoas e afeta a condição feminina. Vários aspectos da vida de mulheres sofreram grandes transformações ao longo dos tempos. Vimos que do século XVII ao século XXI presenciamos grandes transformações na sociedade a partir de movimentos sociais. Mulheres em várias partes do mundo puderam lutar por seus direitos como cidadãs, por condições melhores, por um lugar social e político. Os movimentos feministas deram voz a essas mulheres.

Nessa pesquisa expusemos as percepções de mulheres de diferentes gerações da mesma família a cerca das mudanças e permanências no âmbito da condição feminina, dos papéis femininos, da família, conjugalidade, maternidade, trabalho/projeto de vida/independência. A percepção que mulheres têm dessas transformações ou das permanências foi o propósito da análise das entrevistas. Foram entrevistadas três famílias do Distrito Federal. A seguir apresentamos uma descrição sucinta dessas mulheres:

Família 1: A Avó 1 tem 84 anos, é casada há 56 anos, teve 11 filhos, tem o primeiro grau completo e é costureira autônoma. A Mãe 1 tem 55 anos, é casada há 33 anos, tem três filhos (duas mulheres e um homem), possui 2º completo e é vendedora na empresa da família. A Neta 1 tem 23 anos, é solteira, estudante universitária e ajuda a família na empresa.

Família 2: A Avó 2 tem 62 anos, casada há 45anos, três filhos (duas mulheres e um homem), tem o primário completo e trabalha na empresa familiar. A Mãe 2 tem 42 anos, foi casada por 22 anos, hoje é separada há quase dois anos, tem três filhos (duas mulheres e um homem), possui o 2º grau e trabalha como comerciante/balconista. A Neta 2 tem 22 anos, na época da entrevista estava casada há cinco meses, não tem filhos e é estudante universitária.

Família 3: A Avó 3 tem 78 anos, e casada há 57 anos, teve cinco filhos (três mulheres e dois homens), é professora aposentada, cuida dos negócios da família junto com o marido. A Mãe 3 tem 55 anos, vive em união estável por tempo não especificado precisamente por ela como “de 10 a 12 anos”, teve duas filhas do primeiro casamento e não tem filhos com o atual parceiro, tem ensino superior completo e é professora. A Neta 3 tem 34 anos, casada, tem uma filha e é estudante de doutorado.

As percepções sobre os papéis de gênero, por exemplo, foram marcadas pela situação sócio-cultural e o ambiente de onde veio a família. As Famílias 1 e 3 são compostas por pessoas que vieram de cidades pequenas, o que pode ter influenciado as entrevistadas, principalmente da geração das avós, a terem uma visão mais tradicional dos papéis femininos. Avó 1 e Avó 3 relataram terem aprendido que as atribuições femininas são restritas ao lar, à família, embora ambas compartilhem uma estória ousada – Avó 1 começou a trabalhar com 15 anos com costura, a área pela qual nutriu interesse desde criança; a Avó 3 desejou ser médica mas em função de contingências familiares se tornou professoras. Ambas conciliaram família e trabalho em uma geração em que lidar com esse desafio era uma exceção.

O primeiro artigo tratou da condição feminina e dos papéis de gênero. Vimos que a geração das mães processou esse modelo mais tradicional dos papéis femininos, mas elas demonstraram ter consciência da importância de mulheres adquirirem mais funções, devido às próprias exigências da sociedade moderna, que impõe às mulheres mais cobranças e responsabilidades. As mães das três famílias disseram que tentaram passar para suas filhas a importância dos estudos e do trabalho, mesmo tendo elas próprias recebido uma criação mais tradicional. Percebe-se aí uma semente da transformação. Na geração das netas é mais clara a introjeção desses novos valores. O discurso delas é bem enfático no que diz respeito à necessidade de mulheres buscarem outras atribuições além dos papéis femininos tradicionais e de uma maior igualdade nas funções de homens e mulheres na família e na sociedade. As netas relataram que pretendem passar isso para seus filhos.

O segundo artigo aborda como três gerações de mulheres de uma mesma família percebem as mudanças e permanências no âmbito da vida familiar. A família foi percebida unanimemente pelas participantes como um esteio na vida de uma pessoa. As entrevistadas falaram que a família foi muito importante na sua constituição. Houve algumas diferenças na percepção que as participantes de uma mesma família têm sobre como mulheres e homens são tratados. A Avó 3 expressou que não havia diferença de tratamento entre filhas e filhos, que ela tentou tratá-los de forma igual. Esse dado chamou atenção, pois o discurso de Mãe 3 demonstrou que havia uma certa diferenciação entre homens e mulheres na família. Mãe 3 relatou que mesmo tendo um irmão mais velho, ela por ser a filha mais velha das mulheres, assumiu grandes responsabilidades dentro de casa. Para Mãe 3 essa situação era vista como um ônus de ser mulher numa família tradicional, pois era exigido muito dela como filha e como irmã mais velha. Mãe 1 também relatou essa mesma vivência por também ser a mais velha. Mesmo tendo um irmão gêmeo homem, Mãe 1 assumiu os afazeres domésticos junto à mãe (Avó 1) o que poder se dever à noção que sua família tem de que atribuições ligadas aos cuidados cabem à mulher.

No terceiro artigo tratamos da percepção e da experiência de mulheres de gerações diferentes de uma mesma família sobre a conjugalidade. A conjugalidade foi um tema que gerou dados interessantes, pois as entrevistadas relataram experiências com conjugalidade que expressam de forma clara a diferenciação de gênero na percepção do papel feminino como esposa/cônjuge. Temos universos bem diferentes nas amostras das entrevistadas: Avó 1 é casada há 56 anos; Avó 2 é casada há 45 anos e Avó 3 é casada há 58 anos. Mãe 1 é casada há 33 anos; Mãe 2 foi casada por 22 anos e é separada há dois anos e Mãe 3 foi casada por 7 anos, separou-se e vive em união estável há mais ou menos 12 anos. Neta 1 é solteira; Neta 2 estava casada há cinco meses no momento da entrevista e Neta 3 é casada há mais ou menos dois anos.

Foi interessante perceber que as gerações das avós foram as que apresentaram experiências de casamento mais longas. Elas atribuíram a longevidade do casamento ao respeito, paciência, amor, cumplicidade. Mãe 1 disse ainda que o que contribui para manter o casamento em harmonia é a capacidade de ceder e a resignação, o que é normalmente uma atribuição conferida a mulheres. Mãe 2 se mostrou mais ressentida em relação ao casamento, foi a única que expressou claramente que se “pudesse voltar atrás, não tinha casado” e ter abdicado de outros projetos de vidas em função do casamento e dos filhos, pois casou muito jovem e teve que parar de estudar. Não

descarta a possibilidade de casar novamente, desde que seu pretendente seja um homem “responsável” e que a respeite.

Percebemos uma diferença na percepção que essas mulheres têm do casamento e como isso afeta a construção da imagem que as gerações mais novas têm do casamento. A experiência de Mãe 2 no casamento afetou a postura de Neta 2 em relação aos homens e à conjugalidade. Neta 2 relatou que não gostaria de ter um esposo como o seu pai foi para sua mãe e buscou em seu relacionamento o exercício do respeito, cumplicidade, comunicação. O fator transgeracionalidade foi observado na percepção de conjugalidade que Neta 2 recebeu de Mãe 2.

O quarto artigo dessa pesquisa trouxe as percepções de mulheres de diferentes gerações de uma mesma família acerca da dimensão da maternidade. Concluímos que as entrevistadas, de um modo geral, não diferenciaram os papéis de mulheres com a maternidade dos próprios papéis femininos na família. Essas duas esferas da vida feminina andam juntas. Ser mãe é um exercício que é exercido dentro do meio familiar. Assim com elas percebem os papéis femininos dentro da família como mais atrelados ao modelo tradicional, temos que elas também percebem com função mais da mãe que do pai, o cuidado para com os filhos. Avó 1, Mãe 1, Neta 2, e Neta 3 foram as que trouxeram mais expressamente que acreditam que tanto os homens quanto as mulheres deveriam ter responsabilidade iguais na criação dos filhos. Avó 1 até relatou que teve ajuda de seu esposo nos cuidados dos filhos. Neta 1 relatou que seu pai tem uma postura mais maternal, no sentido de conversar e passar conselhos para ela.

No quinto e último artigo, tratamos da percepção que as entrevistadas têm acerca de projetos de vida, projetos de vida, trabalho remunerado e doméstico. Essa dimensão foi a que mais chamou a atenção devido a alguns paradoxos que foram apresentados nas falas das entrevistadas. As participantes da geração das avós procuraram passar para suas filhas a importância da mulher buscar sua independência através do trabalho. Suas experiências foram diferentes com relação ao trabalho remunerado e maternidade. Avó 1 e Avó 2 não pararam de trabalhar quando os filhos eram pequenos; Avó 3 acha que a mulher deve parar de trabalhar quando tem filhos pequenos, o que foi o caso dela. Apesar de Mãe 1 e Mãe 2 não terem parado de trabalhar quando os filhos eram pequenos, acham que a mulher deve parar de trabalhar pelo menos no período da licença maternidade. As netas 2 e 3 também acreditam que esse deve ser o mais adequado a fazer. Vimos que as gerações apresentaram opiniões

parecidas sobre esse quesito apesar das experiências delas terem sido um pouco diferentes.

Ressaltamos a importância das redes sociais de apoio na postura que as mulheres entrevistadas tiveram em relação ao dilema de conciliar trabalho e vida familiar/conjugal. As participantes que tiveram uma rede de apoio na família relataram ter tido mais facilidade em conciliar essas diferentes demandas. Isso nos leva a concluir que ações políticas de incremento das redes de apoio às mulheres trabalhadoras como creches nas empresas, por exemplo, são de extrema relevância para que mulheres não precisem abrir mão de projetos de vida em função das demandas da vida familiar e conjugal. O relato de Mãe 2 foi muito expressivo nesse sentido. A participante procurou passar para suas filhas a importância para a autoestima da mulher da busca pela independência financeira e que o trabalho é uma forma de realização pessoal, não só um instrumento de ascensão monetária.

De forma geral, as participantes relataram a ausência de reconhecimento do trabalho doméstico, o que nos leva a crer que essa dimensão do trabalho ainda é invisível, apesar de necessária na vida das pessoas. As entrevistadas relataram que ainda percebem os afazeres domésticos como muito associados à figura feminina. Vimos que o trabalho remunerado ainda é a forma de trabalho mais valorizado na nossa sociedade. Principalmente as entrevistadas da terceira geração, as netas, trouxeram em suas falas a visão do emprego formal associada não só à aquisição de status social e financeiro – o que foi mais presente nas falas das avós e mães- mas também apontam que atualmente as mulheres devem buscar na profissão uma forma de realização pessoal, a busca de qualificação profissional é algo almejado por elas como forma de se sentirem mais seguras e eficientes em suas funções.

Pretendemos com essa pesquisa abrir espaço para a discussão da condição feminina, do ser mulher na nossa sociedade. Os desafios e dilemas de mulheres. Consideramos que estudos de gênero são importantes no campo da Psicologia, pois falamos em universos femininos e não em uma experiência universal em ser mulher. Pesquisas transgeracionais são relevantes e necessários para nos ajudar a compreender mais precisamente as percepções que mulheres têm de dimensões da vida feminina. A transgeracionalidade ocorre de maneira diferente em cada família. Não falamos em um padrão universal de transmitir os papéis femininos e masculinos. Por isso consideramos que há a necessidade de trazer para o meio acadêmico mais pesquisas que enfoquem duas ou mais gerações de uma mesma família.

Sabemos que houve algumas limitações nas coletas dos dados e que algumas dificuldades precisam ser levadas em conta. Foi observado que é importante aprimorar os instrumentos utilizados na coleta de dados, pois foram constatados que as falas das entrevistadas, em alguns momentos, eram confusas, ou estavam permeadas de paradoxos. Isso pode se dever às limitações do roteiro de entrevista, mas também pode ter sido afetado pelas próprias limitações enfrentadas pela entrevistadora em abordar temas sensíveis com mulheres com as quais ela estava se encontrando pela primeira vez.

Discutir experiências femininas sobre a condição da mulher abre espaço para o questionamento. Questionar pode servir de base para ações e transformações. A Psicologia, como área do conhecimento tem essa função de ampliar os debates, sugerir estratégias de ação que venham a promover mudanças que afetem de maneira significativa as esferas de atuação feminina na política, sociedade, cultura, bem como de saúde mental.

Há uma grande demanda de estudos sobre gênero e condição feminina, contudo, foi verificada a necessidade de haver mais pesquisas que enfoquem a percepção de mulheres de três gerações diferentes de uma mesma família, pois esse tema não está esgotado e merece uma atenção especial no meio acadêmico. Concebemos que é importante que mais estudos sejam feitos com essa perspectiva a fim não só de expandir os debates sobre a condição feminina, mas também de ampliar a esfera de atuação política que vise à melhoria da condição feminina.

REFERÊNCIAS

- Alves-Mazzotti, A. (2006). Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*. [36:129]. São Paulo (pp.637-652).
- Amazonas, M. C. I. de A. & Braga, M. da G. R. (2007). Mulheres e famílias em suas experiências e aventuras com a reprodução assistida. In: C.M.O. Cerveny. *Família em movimento*. (pp. 37-75). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Angelo, C. (1995). A escolha do parceiro. In: M. Andolfi; C. Angelo & C. Saccu (Orgs.), *O casal em crise*. (pp. 47-57). São Paulo: Summus
- Araújo, C. & Scalon, C. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In C. Araújo & C. Scalon, (Orgs.), *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Bruschini, C. (1993). Teoria crítica da família. In: M. A. Azevedo & V. Guerra (Orgs.), *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez Editora. No texto?
- Bruschini, M.C.A. & Ricoldi, A.M. (2008). *Articulação trabalho e família: famílias urbanas de baixa renda e políticas de apoio às trabalhadoras*. São Paulo: FCC/DPE.
- Carreiro, T. C. ; Freire, L. L. (2006). *De mãe para filha: a transmissão familiar em questão*. *Psicologia Clínica*. 18 (1)
- Carter, B. McGoldrick, M. (1995) *As mudanças no ciclo de vida familiar, uma estrutura para a terapia familiar*. (M.A.V. Veronese Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chodorow, N (1979) Estrutura familiar e personalidade feminina. In: M.Z. Rosaldo & L. Lamphere (Orgs). *A mulher, a cultura e a sociedade*. (pp. 65-93). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Costa, A. A. A. (2009). O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. In H.P. de Melo; A. Piscitelli; S. W. Maluf & V. L. Puga. (Orgs.), Brasília: Olhares Feministas. Ministério da Educação.
- Cruz, M.H.S. (2005). *Trabalho, gênero, cidadania: tradição e modernidade*. São Cristóvão. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira. Editora UFS
- Delamôra, M. M. M. (2003). Narrativas de mulheres trabalhadoras: mudanças e permanências nos significados sobre o ser mulher. Dissertação de mestrado publicada, Programa de pós-graduação em Psicologia. Universidade de Brasília
- Del Priore, M. (1993). *Ao sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: Ednub.

- Dias, C. M. S. B. (2002). A influência dos avós nas dimensões familiar e social. *Symposium* 6,(1/2) pp. 34-38.
- Dias, C. M. S. B; Hora, F. F. A & Aguiar, A. G.de S (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Revista Psicologia - Teoria e Prática*. 12(2).
- Diniz, G.R. S. (1999). Condição Feminina- Fator de risco para a saúde Mental? In M. G. T. Paz, & A. Tamayo (Orgs.), *Escola, Saúde e Trabalho: estudos psicológicos* (pp.181-197). Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- Diniz, G. R. S. (2004). Mulher, trabalho e saúde mental. In W. Codo (Org.), *O trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho*. Petrópolis. Vozes. Rio de Janeiro.
- Duby, G. & Perrot, M (1990). O modelo cortês. In: *História das mulheres no Ocidente*. Vol. 2 – *A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento.
- Falcão, D.V.S; Dias, C.M.S.B; Bucher-Maluschke, J.S.N.F & Salomão, N.M.R (2006). As relações familiares entre as gerações: possibilidades e desafios. In: D.V.S. Falcão, & C.M.S.B. Dias (Orgs.), *Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas*. Vol.1. São Paulo. Casa do Psicólogo.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner (Coord.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. (pp.25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Falcke, D; Wagner, A. & Mosmann, C. (2005). Passando a história a limpo: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In A. Wagner (Coord.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. (pp.67-79). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Féres-Carneiro, T. & Magalhaes, A.S. (2005). Conjugalidade dos pais e projeto dos filhos frente ao laço conjugal. In: T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. (pp.111-121). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Féres-Carneiro, T.; Ponciano, E.L.T. & Magalhães, A. S. (2007). Família e casal: da tradição à modernidade In: C.M.O. Cerveney (Org.), *Família em movimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Fleck, A. C; Da Silva, C. B; Bornholdt, E & Wagner, A. (2005). O ciclo vital da família empresária: desafios e oportunidades. In A. Wagner (Coord.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp.

- Giddens, A. (2007). *Mundo em descontrole*. Maria Luiza de A. Borges. (trad.). 6ª Ed. Rio de Janeiro: Record.
- Gikovate, F. (1996). *Uma nova visão do amor. A mais ampla e profunda análise das diversas formas de amar indica: está nascendo um novo modo de viver – e de se relacionar*. São Paulo: MG Editores.
- Goldenberg, M. (2000). *Os novos desejos*. Rio de Janeiro: Record
- Gonçalves, E. (2005). Por uma teoria criativa: fragmentos de uma discussão sobre gênero e teoria feminista. In: *Fragmentos de cultura*. 15(7).
- González Rey, F.L. (2002). *Pesquisa qualitativa em Psicologia – Caminhos e desafios*. São Paulo. Pioneira. Thomson Learning.
- Grosz, E. (2000). Corpos reconfigurados. In: A. Piscitelli & M. F. Gregori (Orgs.), *Corporificando Gênero*. Cadernos PAGU.
- Hall, S. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade*. (6ªed). (T. T. da Silva, & G. L. Louro, Trad.) Rio de Janeiro: DP&A. (Obra original publicada em 1992).
- Hintz, H. C. (2007). Espaço relacional na família atual In: C.M.O. Cerveny. (Org.), *Família em movimento*. (155-171). São Paulo. Casa do Psicólogo.
- Jablonski, B. & Magalhães, A. S. (2006). Identidades Masculinas: limites e possibilidades. *Psicologia em Revista*. 12(19) p. 54-65.
- Levner, L. (2002). A família de tripla jornada. In: Peggy Papp. *Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas*. (pp. 41-59). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Levy, L. (2005). Famílias monoparentais adotivas: a importância de uma rede de apoio. In: T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. (pp;50-57). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Lima, M.E.A. T. (2003). Análise do discurso e/ou análise de conteúdo. *Psicologia em Revista*. Belo Horizonte, 9(13) pps. 76-88.
- Lins de Barros, M. (2006). Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: M.L. de Barros (Org.), *Família e gerações*. (pp. 17-35). Rio de Janeiro: FGV.
- Losada, B.L & Rocha-Coutinho, M.L. (2007). Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias. *Psicologia em Estudo*. 12(3).
- Loyola, M. A. (1999). A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: M.L Heilborn, (Org.), *Sexualidade: O olhar das ciências sociais*. (pp.31-39). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.

- Magalhaes, A.S. & Féres-Carneiro, T. (2005). Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação. In: T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. (pp.24-32). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Moore, H.L. (2000). Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero e violência. In: A. Piscitelli, & M. F. Gregori (Orgs.), *Corporificando Gênero*. (pp.13-44). Cadernos PAGU.
- Motta, A.B.; Azevedo, E.L. & Gomes, M.Q.C. (2005). *Reparando a falta: dinâmica de grupo em perspectiva geracional*. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher. FFCH- UFBA.
- Narvaz, M.G & Koller, S.H (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*. vol.11 no.3.
- Nogueira, C. (2001). *Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero- feminismo e perspectivas críticas na psicologia social*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nuernberg, A. H. (2008). Reflexões sobre gênero e psicologia no Brasil. In: M. C. de Souza Lago [et al.]. (Orgs.), *Gênero e pesquisa em psicologia social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliverira, Z. L. C. (2005). A provisão da família: redefinição ou manutenção dos papéis? In C. Araújo & C. Scalon, (Orgs.), *Gênero, família e trabalho no Brasil*. (pp. 123-147). Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Papp, P. (2002). *Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas*. (pp. 13-39). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Passos, M.C. (2005). Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. In: T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. (pp.11-23). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Perlin, G. & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicol.clin.* 17(2), pp.15-29. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>.
- Picanço, F. S. (2005). Amélia e a mulher de verdade: representações dos papéis da mulher e do homem em relação ao trabalho e à vida familiar. In: C. Araújo & C. Scalon (Orgs.), *Gênero, família e trabalho no Brasil*. (pp.149-172). Rio de Janeiro. FGV.
- Pinto, J.P. (2004). Os gêneros do corpo: para começar a entender. In: E. Gonçalves (Org.), *Desigualdades de gênero no Brasil: reflexões e experiências*. (pp.33-44). Goiânia. Grupo Transas do Corpo.

- Piscitelli, A. (2004). Reflexões em torno de gênero e feminismo. In: C. L. Costa & S.P. Schimidt. *Poéticas e políticas feministas*. (pp.43-66). Florianópolis: Editora das Mulheres.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). *Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil*. UFRJ. Temas em Psicologia da SBP.12(1).
- Rocha-Coutinho, M. L. (2006 a). A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. *Estudos de Psicologia*. (pp.65-69). Rio de Janeiro. 11(1).
- Rocha-Coutinho, Maria Lúcia. (2006b). Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: M.L. de Barros (Org.), *Família e gerações*. (pp. 91-105). Ed.FGV. Rio de Janeiro.
- Saffioti, H.I.B. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cad. Pagu* no. 16 Campinas. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>.
- Santos, L.da S. (2008). Profissão: Do lar. A (des)valorização do trabalho doméstico como desdobramento da (in)visibilidade do feminino. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG PsiCC/PCL/IP/UnB).
- Scott, S. (2005). O enigma da igualdade. *Revista Estudos Feministas*. 13(1).
- Soihet, R. (2003). *História das mulheres e relações de gênero: algumas reflexões*. Niterói, Universidade Federal Fluminense/UFF (mimeo).
- Sorj, B. (2005) Percepções sobre esferas separadas de Gênero. In C. Araújo & C. Scalon (Orgs.), *Gênero, família e trabalho no Brasil*. (pp. 79-88). Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- Strey, M.N. (1997). *Mulher: estudos de gênero*. São Leopoldo: Unisinos
- Thuler, A. L. (2008). A construção de corpos sexuados e a resistência das mulheres: o caso emblemático de Juana Inés de La Cruz. In: C. Stevens & T. Swain, (Orgs.), *A construção dos corpos. Perspectivas Femininas*. (pp.21-50). Florianópolis: Editora das Mulheres.
- Vitale, M. A. (2007). O sentimento de vergonha e o movimento de transmissão familiar. In: C.M.O. Cerveny. (Org.), *Família em movimento*. (pp.77-95). São Paulo. Casa do Psicólogo.
- Wagner. A. (2005). Família e educação: aspectos relativos a diferentes gerações. In: T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. (pp. 33-49). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio.
- Willi, J. (1995). A construção diádica da realidade. In: M. Andolfi; C. Angelo & C. Saccu (Orgs.), *O casal em crise*. (pp.38-57). São Paulo: Summus.

UNIFEM. Cepia. (2006). *O progresso das mulheres no Brasil*. Brasília: Ford Foundation.

ANEXOS

ANEXO A: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Comitê de Ética em Pesquisa
Instituto de Ciências Humanas
Universidade de Brasília

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Campus Universitário Darcy Ribeiro

ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Título do Projeto: Gênero e Geração: permanência e mudanças na condição feminina

Pesquisador Responsável: Danusa Silva Ramos

Com base nas Resoluções 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos, resolveu **APROVAR** o projeto intitulado "Gênero e Geração: permanência e mudanças na condição feminina".

O pesquisador responsável fica notificado da obrigatoriedade da apresentação de um relatório semestral e relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (item VII.13 da Resolução CNS 196/96).

Brasília, 04 de janeiro de 2010.

Profa. Dra. Debora Diniz
Coordenadora do CEP/IH

ANEXO B: QUESTIONÁRIO DEMOGRÁFICO

1. Idade:
2. Profissão:
3. Cargo:
4. Grau de escolaridade:
5. Estado Civil: () Solteira () Casada () União estável () Separada
() Divorciada () Viúva () Outro: _____
6. Renda pessoal: () Até R\$ 500,00 () De R\$501,00 a 1.000,00
() De R\$ 1.001,00 a 2.000,00 () Mais de R\$ 2.001,00
7. Renda familiar: () Até R\$ 500,00 () De R\$501,00 a 1.000,00
() De R\$ 1.001,00 a 2.000,00 () De R\$ 2.001,00 a 3.000,00 () De R\$3.001,00 a
5.000,00
() Mais de R\$5.000,00
8. Possui Filhos? () Sim () Não
9. Caso possua, responda:
 10. Quantos? _____
 11. Idade(s): _____
 12. Moram com você?

ANEXO C: ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Dimensões da Área de Família

- Lugar e importância da família
- Desafios da vida familiar
- Gênero e vida familiar

Questões sobre família

1. A família é vista socialmente como uma das bases importantes na constituição dos indivíduos – levando essa idéia em consideração, que aprendizados você acha que sua família lhe proporcionou que contribuíram e/ou que dificultaram o seu crescimento como pessoa?
2. Você diria que na sua família há o exercício do respeito à diferença, individualidade?
3. Em sua opinião, você e demais membros de sua família, têm liberdade para expressar sua opinião mesmo que ela seja divergente da dos demais? Como os membros dessa família lidam com essa diferença de opiniões?
4. Há uma comunicação dentro dessa família no sentido de expressar os sentimentos, bem como para discutir sobre as práticas rotineiras da família acerca de direitos e obrigações de homens e mulheres?
5. Como nessa família são transmitidos os rituais, atitudes, valores e padrões morais que caracterizam o ser homem e o ser mulher?
6. Como homens e mulheres são tratados nessa família? Você nota algum privilégio ou diferença de tratamento?
7. Como você e/ou seu esposo (parceiro) estão transmitindo os rituais, atitudes, valores e padrões morais que caracterizam o ser homem e o ser mulher para seus filhos?
8. Como meninos e meninas são tratados nessa família? Você nota se você e/ou seu esposo (parceiro) concedem algum privilégio ou diferença de tratamento pelo fato de seu filho ser menino ou menina?
9. Que estratégias você ou seu esposo (parceiro) usam para lidar com as demandas da conjugalidade e vida em família?
10. Você e seu esposo (parceiro) já conversaram acerca de divisão das tarefas domésticas e dos papéis familiares entre homens e mulheres? Se sim, qual é a posição de vocês em relação a essas questões?

11. Ele contribui com as tarefas domésticas? Que tarefas ele desempenha e quantas horas ele gasta por semana desempenhando essas tarefas?
12. As obrigações para com os filhos são exercidas por ambos ou apenas por um dos cônjuges (parceiros)? Há um acordo entre ambos sobre essa questão?
13. O que você aprendeu na sua família sobre o que é ser esposa (parceira) e mãe?
14. Essa visão confere com a visão que você faz sobre si mesma como futura mãe e esposa (parceira)?

Dimensões da conjugalidade

- Expectativas em relação ao casamento
- Mito do 'príncipe encantado', o homem ideal
- Expectativas e divisão de tarefas e papéis no exercício da conjugalidade

Questões sobre a Conjugalidade

1. Você é casada/mantém uma união estável há quanto tempo?
2. Qual é a sua visão acerca do casamento? (ideal de casamento e homem ideal - dimensões do casamento).
3. Na sua opinião, qual a visão do seu cônjuge (parceiro) acerca do casamento? Há papéis que ele acredita que a esposa (parceira) deve desempenhar? Quais? Ele faz cobranças nesse sentido?
4. Caso você trabalhe, seu esposo (parceiro) concorda em você trabalhar fora? Se não, qual o pensamento/opinião que ele tem sobre o assunto? Como você lida com essa diferença de postura?
5. Vocês têm filhos?
6. O que é ser mãe e o que é ser pai para você?
7. Na sua opinião o que seu esposo (parceiro) pensa sobre isso?
8. O casamento, a maternidade e/ou o trabalho afetaram de alguma forma a vida conjugal/ sexual?
9. Qual a percepção acerca dos papéis da mulher e do homem que você acredita que está passando para seus filhos? E qual você recebeu de seus pais?
10. Que fatores contribuem para a qualidade do casamento? Que fatores prejudicam a qualidade do relacionamento?

Caso seja solteira

1. Você pensa em se casar? Se não, justifique. Se sim, qual a visão que você tem sobre o casamento?

2. Qual a visão que você tem sobre como uma esposa (parceira) e mãe devem agir? E sobre a forma como o cônjuge (parceiro) deve ser e agir?
3. Você tem alguma expectativa sobre como o cônjuge (parceiro) deve agir na vida conjugal e familiar? Quais são?

Dimensões da Área de Gênero

- Identificar os processos transgeracionais de construção da identidade de gênero nas famílias
- Compreender como os valores, papéis e estereótipos de gênero influenciam a idéia que a mulher tem acerca do que é ser mulher, mãe, filha, esposa.
- Gênero e exercício da sexualidade

Questões sobre papéis de gênero

1. O que é ser mulher pra você?
2. E o que é ser homem?
3. O que você acredita que são “papéis femininos”? E o que seriam “papéis masculinos”?
4. Com quem você aprendeu essas atribuições a homens e mulheres?
5. Você já realizou uma tarefa convencionalmente masculina? Recebeu críticas por isso? Se sim, como lidou com a situação?
6. Em sua família quais são as idéias/expectativas/tradições sobre o que uma mulher deve ser ou fazer? E sobre o que um homem deve ser ou fazer?
7. Em que medida você acha que você atende e/ou rompe com essas expectativas? Que preço paga por isso?
8. Na sua opinião, que visão os homens dessa família têm sobre as mulheres?

Dimensões da Área do Trabalho

- Percepção da participante sobre o mercado de trabalho – oportunidades, exigências, dificuldades e possibilidades de ascensão e crescimento
- Processo de inserção e experiência no mercado de trabalho
- Estratégias para conciliar conjugalidade, maternidade, vida familiar e trabalho
- Impactos da múltipla jornada de trabalho na saúde física e mental e na vida pessoal, relacional e familiar

Questões sobre trabalho

1. Você trabalha? Há quanto tempo?
2. Caso sim, quais foram as motivações/razões que te levaram a trabalhar?
3. Como você vê a sua participação no mercado de trabalho?

4. Como você acha que o mercado de trabalho acolhe e lida com a participação das mulheres?
5. Você acha que já enfrentou alguma dificuldade na vida profissional pelo fato de ser mulher?
6. Já foi promovida? Se já, após quanto tempo de serviço você recebeu a promoção? Se não, o que acredita que seja o motivo para não receber uma promoção?
7. Você percebe se há em seu trabalho uma diferença no tratamento, no salário, nos critérios de valorização e promoção entre funcionários homens e funcionárias mulheres que exercem o mesmo cargo?
8. Como você percebe a questão do trabalho doméstico? Você acha que é recompensada/reconhecida de alguma forma pelo exercício do mesmo? Caso você também trabalhe fora, como lida com essas demandas diferentes?
9. Como você vê a questão de ser mulher, mãe, esposa e trabalhar fora?
10. Que estratégias você usa para lidar com as demandas do casamento, da maternidade, da família e do trabalho?
11. Na sua opinião, mulher tem que parar de trabalhar quando tem filhos pequenos?
12. Adiar a maternidade para almejar estabilidade profissional é uma opção sua?
13. Seu esposo (parceiro) trabalha? Em quê?
14. Ele já foi promovido? Se sim, após quanto tempo de serviço?
15. Como cada um contribui com a economia/finanças da família?
16. Na sua opinião, como seu esposo/companheiro vê e lida com o fato de você de trabalhar?

Questões para 3ª geração - caso a participante não trabalhe

1. Você estuda?
2. Já decidiu que carreira irá seguir?
3. Você acredita que na profissão que escolheu seguir as mulheres têm mais ou menos benefícios/facilidades?
4. Você pretende exercer uma profissão? Qual?
5. O que sua família acha da profissão que você pretende seguir?
6. Como você vê a questão de ser mulher e vir a ser mãe, esposa e profissional/trabalhar fora?
7. Como você acha que o mercado de trabalho acolhe e lida com a participação das mulheres?

ANEXO D: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ASSISTIDO E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa de dissertação de mestrado intitulada: “Gênero e geração: permanências e mudanças na condição feminina”. Essa pesquisa será realizada pela pesquisadora Danusa Silva Ramos, psicóloga clínica e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC), do Departamento de Psicologia Clínica, vinculado ao Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília, com a orientação da professora doutora Gláucia Ribeiro Starling Diniz, PhD.

O objetivo da pesquisa é entender o que há de novo e o que permanece na condição feminina e como a percepção acerca dessas mudanças e permanências são passadas de uma geração a outra dentro de uma mesma família. Para tanto será realizada uma entrevista semi-estruturada com cada uma das 3 mulheres de 3 gerações diferentes de uma mesma família.

Será necessário um encontro com cada participante para a realização da entrevista, que poderá ter duração de 90 a 120 minutos. As entrevistas serão gravadas em áudio e o conteúdo dos mesmos será tratado com total sigilo pela (s) pesquisadora (s), que serão as únicas a ter posse desse material.

Acredita-se que essa pesquisa não acarretará nem riscos nem benefícios diretos às participantes. No entanto, caso as participantes ou a pesquisadora julguem necessário, serão disponibilizados os serviços do Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos da Universidade de Brasília, o CAEP. A participação poderá ser anulada ou interrompida caso seja verificado algum risco.

As participantes poderão interromper sua participação a qualquer momento, assim como retirar seu consentimento, se for de sua vontade. Os resultados serão divulgados por meios onde a referida dissertação de mestrado for publicada. As participantes terão liberdade para entrar em contato com a pesquisadora a fim de obter maiores informações, pedir indicação de ajuda profissional se julgar necessário e/ou para obter informações sobre o andamento da pesquisa.

Afirmamos o caráter confidencial e sigiloso de qualquer informação prestada por parte da participante na feitura da pesquisa. Esse termo de Consentimento Livre e Esclarecido é redigido em duas vias, uma para a guarda da pesquisadora e outra para a guarda de cada participante.

Eu, _____

declaro que aceito participar voluntariamente desta pesquisa. Afirmando ainda, que autorizo a utilização das informações prestadas por mim para este estudo.

Brasília, de de 2009. _____

Assinatura da Participante

Assinatura da pesquisadora responsável

Pesquisadoras responsáveis pela pesquisa:

Danusa Silva Ramos (Mestranda da UnB 10-29789)

Telefone: (61)3468-5092 / (61) 84965138/ e-mail: danusaramos@hotmail.com

Gláucia Ribeiro Starling Diniz (Professora de psicologia da UnB - Orientadora)

Telefone: (61) 33072625 Ramal 315/ e-mail: gdiniz@unb.br

End.: Departamento de Psicologia Clínica, ICC Sul, UnB

Comitê de Ética e Pesquisa*:

Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde/ UnB

Telefone: (61) 33073799/ e-mail: cepfs@unb.br

*Para consultas em relação à aprovação deste projeto de pesquisa

ANEXO E: TABELAS

TABELA 1: PARTICIPANTES

Família 1	Família 2	Família 3
Avó 1	Avó 2	Avó 3
Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3
Neta 1	Neta 2	Neta 3

TABELA 2: FAMÍLIA 1

	Avó 1	Mãe 1	Neta 1
Idade	84 anos	55 anos	23 anos
Tempo de casamento	56 anos	33 anos	Solteira
Número de filhos	11 filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Estudante universitária
Profissão	Autônoma	Trabalha na empresa da família	Trabalha na empresa familiar

TABELA 3: FAMÍLIA 2

	Avó 2	Mãe 2	Neta 2
Idade	62 anos	42 anos	22 anos
Tempo de casamento	45 anos	Divorciada	5 meses
Número de filhos	três filhos	três filhos	Sem filhos
Nível Educacional	1º grau completo	2º grau completo	Superior incompleto
Profissão	Trabalha na empresa da família	Balconista	Estudante universitária

TABELA 4: FAMÍLIA 3

	Avó 3	Mãe 3	Neta 3
Idade	78 anos	55 anos	34 anos
Tempo de casamento	Casada há 57 anos	União estável há cerca de 12 anos	Casada há 2 anos e meio
Número de filhos	5 filhos	duas filhas	uma filha
Nível Educacional	2º grau completo	Superior completo	Superior completo e mestrado
Profissão	Professora aposentada	Área administrativa	Bolsista de doutorado